

**UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO**

***BULLYING* NO CONTEXTO DESPORTIVO NA REGIÃO DE  
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO**

TESE DE DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO



**VILA REAL, 2022**

**UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO**

***BULLYING* NO CONTEXTO DESPORTIVO NA REGIÃO DE  
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO**

TESE DE DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO

**VILA REAL, 2022**

Este trabalho foi expressamente elaborado como tese original para efeito de obtenção do grau de Doutor em Ciências do Desporto na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro nos termos de Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de outubro.

## **BULLYING NO CONTEXTO DESPORTIVO NA REGIÃO DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO**

### **Resumo**

O *bullying* é uma problemática atual pouco estudada no contexto do desporto. O objetivo desta investigação é descrever e analisar o fenómeno do *bullying* e os comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador no contexto desportivo, na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.

A primeira abordagem, de carácter quantitativo, é composta por dois estudos. O primeiro teve como objetivo descrever e comparar os comportamentos de *bullying* no desporto escolar e no desporto federado, e por sexo. A uma amostra constituída por 642 atletas (13-19 anos) foi aplicado o Questionário para o Estudo e Prevenção da Violência no Desporto: Bullying no Contexto Desportivo. Os resultados do qui-quadrado demonstraram não haver diferenças significativas em nenhuma das variáveis em análise. A prevalência de episódios de *bullying* no desporto escolar foi de 23,6% e no desporto federado de 25,6%. Em relação ao sexo, verificamos uma prevalência de comportamentos de *bullying* no sexo masculino de 26,5% e no feminino de 21,9%. O segundo estudo tem como objetivo descrever e comparar os comportamentos de *bullying* nas modalidades coletivas, combate e individuais. A uma amostra constituída por 642 atletas (13-19 anos) foi aplicado o Questionário para o Estudo e Prevenção da Violência no Desporto: Bullying no Contexto Desportivo. Os resultados do qui-quadrado demonstraram não haver diferenças significativas em nenhuma das variáveis em análise. A prevalência de *bullying* foi de 26,7% nas modalidades coletivas, 19,1% nas individuais, e 23,1% nas de combate.

A segunda abordagem, de carácter qualitativo, foi composta por dois estudos. No estudo três, o nosso objetivo foi descrever a natureza dos comportamentos de *bullying*, através da realização de entrevistas semiestruturadas a uma amostra composta por 13 atletas do desporto federado. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados sugerem que existem ocorrências de comportamentos de *bullying* no desporto. Os atletas caracterizam o conceito de *bullying* como comportamentos de gozo, violência física e brincadeira, referindo o *bullying* verbal e o físico como sendo os mais

frequentes. Os locais mais propícios à ocorrência de episódios de *bullying* são os balneários, o treino e a competição. Os atletas referiram que o *bullying* deve ser um tema crucial nas investigações científicas, bem como em programas de prevenção e intervenção no contexto desportivo e escolar, com a finalidade de sensibilizar a sociedade para esta temática. No estudo quatro, o objetivo foi descrever a natureza dos comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, através de entrevistas semiestruturadas a 12 atletas do desporto federado. Relativamente às vítimas, foi possível verificar a inexistência de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. No entanto, enquanto observadores, vivenciaram formas de abuso emocional verbal, negação de atenção e de apoio. Como estratégias e medidas de prevenção dos comportamentos de maus-tratos, os atletas destacam a supervisão, a comunicação, e até o despedimento do treinador.

O *bullying* é uma problemática atual no contexto do desporto, sendo necessário intervenções ao nível da prevenção e intervenção para diminuir os comportamentos de maus-tratos nas relações atleta-atleta e atleta-treinador.

**Palavras-chave:** desporto; pares; maus-tratos; treinador; prevenção; intervenção.



## Índice

Resumo .....	iv
Capítulo I - Introdução.....	x
1.1. Conceitos de violência, agressão e agressividade .....	2
1.2. História e conceito do <i>bullying</i> .....	3
1.3. Investigações de <i>bullying</i> no contexto escolar.....	4
1.4. Investigações de <i>bullying</i> no contexto desportivo.....	5
1.5. Comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador .....	6
1.6. Objetivo de estudo .....	8
1.7. Estrutura da Tese.....	9
Capítulo II – Estudos I, II, III e IV.....	11
Estudo I.....	12
Os jovens e o <i>bullying</i> no desporto - estudo exploratório numa região do norte interior de Portugal * .....	12
Estudo II.....	31
Existem diferenças de comportamento de <i>bullying</i> em jovens atletas nas modalidades coletivas, combate e individuais? * .....	31
Estudo III.....	50
Comportamentos de <i>bullying</i> em jovens praticantes de desporto * .....	50
Estudo IV.....	74
Comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador * .....	74
Capítulo III – Discussão Geral.....	96
Capítulo IV – Considerações Finais e Conclusões .....	103
4.1. Limitações do estudo e futuras direções da pesquisa .....	106
Capítulo V - Referências Bibliográficas .....	108
Anexos.....	125

## Índice de Tabelas

### Estudo 1 e 2

Table 1 - Comparison of victims' perspectives according to sport context and sex .....	20
Table 2 - Comparison of the perspective of bystanders according to sport context and sex	21
Table 3 - Comparison of the perpetrator's perspective according to sport context and sex	22
Table 4 - Comparison of victims' perspective according to sport practiced .....	38
Table 5 - Comparison of bystanders' perspective according to sport practiced .....	39
Table 6 - Comparison of the aggressors' perspective according to sports .....	40



## Índice de Figuras

### **Estudo 1 e 2**

Figure 1 - Prevalence of Bullying Behaviors by Context and Gender .....	19
Figure 2 - Prevalence of Bullying Behaviours by Sports .....	37

# Capítulo I - Introdução

---

## 1. Introdução

### 1.1. Conceitos de violência, agressão e agressividade

Ao longo da sua história, o Homem provou ser capaz de se adaptar à natureza de uma forma inteligente, graças ao desenvolvimento cognitivo e à capacidade de organização (Oro, 1999). O ser humano dependia da organização das suas tribos, que enfrentavam vários entraves à sua sobrevivência. Neste sentido, a violência, a agressão e a agressividade estavam presentes tanto no interior da tribo como contra outras tribos.

Com o decorrer do tempo, os conceitos de violência e agressão sofreram alterações a nível da sua caracterização e definição. Além disso, surgiram outros conceitos relacionados, como, por exemplo, o de conflito, presente em várias culturas (Fernandes et al., 2016).

A violência, provavelmente, sempre fez parte da existência humana (Dahlberg & Krug, 2006). Esta pressupõe uma ação de alguém sobre outra pessoa (Sebastião, 2009), quer através da força ou da ameaça (Dahlberg & Krug, 2006). Pode ser uma agressão intencional, física ou psicológica (Sebastião, 2009). Dependendo do tipo de cultura da população, a violência pode ser classificada de diversas formas; só assim se compreende que para alguns a agressão a uma mulher não seja assumida como violência, mas sim como um tipo de cultura aceitável (Dahlberg & Krug, 2006; Lomas, 2007).

A violência é muitas vezes confundida com agressividade (Ferrari, 2006). A agressividade é uma forma de conduta que pretende ferir alguém quer física (bater, empurrar, dar pontapés, por exemplo), quer psicologicamente (expressões faciais ameaçadoras e ameaças) (Seixas, 2005). O conceito de agressão define-se como um comportamento destinado a magoar ou a provocar outro indivíduo (Carvalhosa et al., 2009), sendo frequentemente ignorado pelos adultos (Neto & Aramis, 2005). Já a violência é o resultado da civilização que não respeita os valores nem as culturas (Sebastião, 2009); juntamente com a agressividade, gera o conflito (Guimarães, 2008), que surge mediante conveniências, comparativamente ao mesmo objeto ou situação (Pereira, 2005). Quando falamos em agressividade, não podemos deixar de referir Freud, médico neurologista e criador da psicanálise. Este autor reconhece a agressividade como própria do Homem e considera-a o principal fator de ameaça à vida em sociedade (Ferrari, 2006).

Foi através da observação no campo da etologia, disciplina que procura compreender o comportamento animal e humano tendo por base o estudo de padrões fisiológicos (sistema nervoso e hormonal) que comandam os organismos, que se deram os primeiros passos no estudo do *bullying*, quando vários cientistas tentaram compreender o comportamento agressivo de alguns animais em relação a um ou mais membros do seu grupo (Araújo et al., 2014). Segundo Marcelli (2005), nas relações entre espécies diferentes, existe pouca agressividade, contrariamente ao que acontece nas relações intraespécies. Esta diferença pode ser justificada pela necessidade de defesa de território, ou até, pelo estabelecimento de hierarquias dentro do grupo.

## **1.2. História e conceito do *bullying***

O primeiro contributo na história sobre a temática do *bullying* foi dado por Heinemann, no final da década de 1960, apresentando este fenómeno como *mobbing* (Olweus, 2010). Os primeiros estudos sobre o *bullying* tiveram início no século XX, em 1970 na Suécia e na Dinamarca, seguidos da Noruega por Olweus (Blaya et al., 2003). Um episódio de suicídio em ambiente escolar esteve na base dos estudos alusivos ao tema (Olweus, 1997). Numa primeira fase, Olweus utilizou a terminologia de Heinemann (*mobbing*), mas, no decorrer da investigação introduziu o conceito de *bullying* (agressão entre pares) criado pelo mesmo autor (Olweus, 2010). As primeiras investigações foram realizadas em ambiente escolar, verificando-se uma grande percentagem de crianças que sofreram de *bullying* (Olweus, 1989, 1997). Devido à dimensão da problemática, (Seixas, 2005), o *bullying* passou de tabu a preocupação mundial (Olweus, 1997; Smith & Brain, 2000).

Smith (2013), professor de Psicologia com interesse no desenvolvimento da criança, num artigo de revisão, dividiu a história do *bullying* em quatro períodos: no primeiro e segundo períodos, os investigadores conseguiram um avanço no paradigma e concetualização do *bullying*. No terceiro período, decorreu um plano de investigação internacional sobre o *bullying*, no qual Portugal colaborou através de programas de intervenção. Por fim, no quarto período, surgiu uma nova forma de *bullying*, o *cyberbullying* caracterizado pelo uso de *e-mails*, mensagens de telemóvel e fotos digitais, como meio para a prática de comportamentos repetidos, agressivos e provocadores, de um indivíduo ou

grupo de indivíduos, com o objetivo de causar danos a outros (Freire & Aires, 2012).

Dado o desenvolvimento de estudos sobre esta temática, surgiu o conceito de *bullying*, caracterizado por Olweus (2010) como um comportamento negativo e repetido que ocorre num relacionamento com um desequilíbrio de poder. Smith & Sharp (2002) definem o conceito como um abuso sistemático do poder, comportamento agressivo, usualmente perverso, intencional e persistente, que grande parte das vezes se propaga no tempo, com a intencionalidade de magoar. Já Rigby (2003) define o *bullying* como um comportamento de gozo repetido por parte do agressor, com o objetivo de magoar a vítima através do uso indevido de poder. Pereira (1997) define o conceito como um conjunto de comportamentos agressivos de intimidação com características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro que resultam em práticas violentas, exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. Volk et al. (2014) referem que o *bullying* não surge apenas entre adolescentes, mas também entre adultos.

### **1.3. Investigações de *bullying* no contexto escolar**

Tal como foi referido, os primeiros estudos foram realizados em contexto escolar, utilizando como instrumento principal uma versão adaptada do questionário de Dan Olweus (Ferreira, 2006). Verifica-se que os adolescentes veem-se frequentemente confrontados no seu quotidiano escolar, com episódios de agressividade, com os quais não sabem lidar, e que por vezes, afetam de forma decisiva o seu percurso escolar, o seu bem-estar e o seu processo de desenvolvimento pessoal e social (Freire et al., 2006). Os comportamentos de *bullying* variam de acordo com a cultura, sexo, idade e nível social (Eslea et al., 2004), como podemos verificar num estudo realizado em quarenta países por Craig et al. (2009), onde foi possível concluir que a Suécia tem prevalências de *bullying* mais baixas (8,6% dos meninos, 4,8% das meninas), comparativamente à Lituânia, que apresenta valores de prevalência mais altas (45,2% dos meninos, 35,8% das meninas). Também Corral-Pernía et al. (2017) realizaram uma investigação na Espanha, a uma amostra de 24 rapazes e 30 raparigas, no qual aplicaram o “Questionário do Projeto Europeu de Intervenção Sobre *Bullying*”, obtendo uma prevalência de *bullying* de 22%, sendo 16,7% vítima, 3,7%

agressor e 1,9% observador. Numa outra investigação realizada em Portugal, sobre o *bullying* em contexto escolar, verificou-se que metade dos elementos da amostra vivenciaram situações de *bullying*, com maior prevalência no grupo de agressores (18,8%), seguindo-se as vítimas-agressivas (17,8%), e por fim as vítimas (11,1%) (Costa & Pereira, 2010).

#### **1.4. Investigações de *bullying* no contexto desportivo**

Os estudos sobre o *bullying* em contexto escolar contribuíram para uma melhor compreensão sobre o tema. Contudo, é necessário realizar mais estudos sobre o *bullying* em diferentes áreas, nomeadamente em contexto desportivo para um entendimento mais profundo da temática, visto que o *bullying* não ocorre somente em contexto escolar, mas também em contexto desportivo (Volk & Lagzdins, 2009).

Na última década, o *bullying* em contexto desportivo tem sido alvo de atenção por parte de alguns investigadores (Evans et al., 2016; Nery et al., 2018; Volk & Lagzdins, 2009; Vveinhardt & Fominiene, 2019).

Spaaij & Schailleé (2019) referem que o desporto é uma "janela" para a complexidade do comportamento agressivo e violento, sendo necessário aprofundar o *bullying* no contexto desportivo devido às características específicas e consequências que podem ter nos jovens atletas. Segundo algumas investigações internacionais na área do *bullying* em contexto desportivo, verificamos uma ocorrência de comportamentos de *bullying*. Num estudo realizado por Vveinhardt & Fominiene (2019), verificou-se que 20% dos atletas do desporto federado já sofreram de *bullying*, Mishna et al. (2019) acrescentaram que 48,4% de 122 atletas de 24 modalidades desportivas federadas, relataram terem sido intimidados. Escury & Dudinkl (2010) concluíram que 26% dos jovens praticantes de futebol e praticantes de judo sofreram *bullying*, já Ventura et al. (2019) apuraram que, numa amostra de 1972 jogadores de ambos os sexos, 9% dos atletas praticantes da modalidade de futebol, sofreram episódios de *bullying*. Relativamente aos tipos de *bullying* mais frequentes, Kerr et al. (2016) mencionam que os tipos de *bullying* mais comuns são o físico e o verbal, Mishna et al. (2019) acrescenta que o tipo de *bullying* mais usual é o verbal (29,5%), social (19,7%) e o físico (17,2%). Em outras investigações, o *bullying* verbal é o tipo de *bullying* mais usual,

comparativamente ao tipo de *bullying* social, físico e *cyberbullying* (Nery et al., 2018; Ventura et al., 2019). Os comportamentos de *bullying* dão-se maioritariamente no balneário, nos clubes desportivos e na competição, ocorrendo, muitas vezes, longe do olhar dos treinadores (Escury & Dudinkl, 2010; Evans et al., 2016; Nery et al., 2020; Ventura et al., 2019).

Em Portugal, verifica-se o mesmo problema relativamente à escassez de literatura na área do *bullying* em contexto desportivo, bem como das metodologias utilizadas. É possível encontrar uma investigação de carácter quantitativo realizada no arquipélago da Madeira, onde se verificou que a vitimização é mais elevada no desporto escolar do que no federado (Melim & Pereira, 2013); e outra quantitativa realizada em Portugal Continental, mais especificamente nas regiões do Porto, Coimbra e Faro, onde foi possível apurar uma prevalência de *bullying* de 56% (Nery et al., 2018). Relativamente às investigações de âmbito qualitativo a nível nacional é possível encontrar um estudo de carácter retrospectivo a ex-atletas do sexo masculino (Nery, 2016). Desta forma, Torrance (2000) enfatiza a utilidade da pesquisa qualitativa na área do *bullying* para desenvolver uma compreensão profunda do fenómeno. Face ao exposto, o nosso estudo, de âmbito quantitativo e qualitativo, justifica-se pela escassez de literatura na área do *bullying* no contexto federado em ambos os sexos na região em Trás-os-Montes e Alto Douro, mais especificamente nas cidades de Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real (Portugal), bem como a necessidade de aprofundar a compreensão de comportamentos de *bullying* no desporto federado.

### **1.5. Comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador**

A relação atleta-treinador é, muitas vezes, uma das mais importantes e influentes relações vivenciadas por um atleta (David, 1999) que, aliada à prática desportiva, pode constituir uma oportunidade para o autoconhecimento (Cunti et al., 2016), com impacto positivo no atleta, a nível psicológico e social (Eime et al., 2013). Fatores como o desempenho, o sucesso e a vitória são, muitas vezes, os critérios mais valorizados no desporto, mesmo entre as crianças e jovens. Independentemente da forma como são alcançados, podem originar práticas desportivas problemáticas (Gervis & Dunn, 2004; Stirling & Kerr, 2009), levando muitas vezes, a que os atletas sejam vítimas de maus-tratos (Vertommen et al.,

2016). Estudos no âmbito de comportamentos de maus-tratos em contexto desportivo, nomeadamente, comportamentos de abuso sexual, físico e negligência, surgiram na década de 90 (Robinson, 1998; Ryan & Lane, 1997), já os estudos relacionados com o abuso emocional surgiram mais recentemente (Stirling & Kerr, 2008; Stirling, 2009, 2013).

Dentro dos comportamentos de abuso referidos, o abuso físico é definido como a infligência de um dano físico a um indivíduo, provocado por um cuidador. Pode incluir comportamentos fisicamente abusivos com, ou sem contacto físico. (Matthews, 2004; Stirling, 2009; Stirling & Kerr, 2010). O abuso sexual é interpretado por uma intenção sexual contra a vontade de uma determinada vítima, que pode ser feito, sem contacto físico, através de comentários de cariz sexual e exposição indecente, e/ou com contacto físico (Matthews, 2004; Ryan & Lane, 1997; Stirling, 2009; Stirling & Kerr, 2010).

O abuso emocional é caracterizado por um padrão de comportamentos intencionais que ocorrem dentro de um relacionamento com potencial prejudicial para o indivíduo comprometendo o seu bem-estar afetivo, comportamental, cognitivo ou físico. Estes comportamentos abusivos podem ocorrer através de comportamentos físicos, comportamentos verbais e negação de atenção e apoio, a que o contexto desportivo é propício (Stirling & Kerr, 2008). A negligência caracteriza-se pela falta de cuidados razoáveis, por parte da pessoa responsável (Glaser, 2002).

As investigações a nível internacional têm vindo a crescer no âmbito da relação atleta-treinador (Stirling & Kerr, 2013). De acordo com a literatura, alguns atletas normalizam ou ignoram para si mesmos que estão a sofrer comportamentos de maus-tratos, ou até mesmo não têm a perceção de que estão a ser vítimas dos referidos comportamentos (Papathomas & Lavalley, 2012; Stirling & Kerr, 2009). Contudo, existem casos de assédio por parte do treinador em relação ao atleta (Stirling et al., 2011), abuso emocional, como gritar, depreciar, ameaçar e humilhar (Gervis & Dunn 2004), e abuso físico, como insultos, e até mesmo, agressões (Kirby et al., 2000). É possível verificar também que, em alguns casos, os atletas foram vítimas na relação atleta-treinador por mais do que um tipo de abuso em simultâneo, nomeadamente, o abuso emocional, verbal e físico (Kavanagh et al., 2017). Para entender a literatura centrada em publicações em Portugal acerca dos comportamentos de maus-tratos, realizou-se uma pesquisa



com identificação das seguintes palavras-chave: abuso emocional, abuso físico, abuso sexual, negligência, maus-tratos, violência, “relação atleta-treinador”. A pesquisa foi realizada em três bases de dados eletrónicas (PubMed, Web of Science, SciELO e PsycINFO), em língua portuguesa e em língua inglesa, tendo-se incluído artigos publicados com revisão de pares do registo. Não houve limite de tempo para a seleção dos estudos. Com a pesquisa, verificámos que, a nível nacional, existe uma escassez de literatura sobre os comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. Face ao exposto, a nossa pesquisa qualitativa, justificam-se pela escassez de literatura na temática de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador na região em Trás-os-Montes e Alto Douro, mais especificamente nas cidades de Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real, Portugal.

### **1.6. Objetivo de estudo**

A nível científico, o nosso estudo vem preencher a escassez da literatura na área do *bullying* em contexto desportivo e os comportamentos na relação atleta-treinador em Portugal, mais especificamente na região Trás-os-Montes e Alto Douro.

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar a incidência de comportamentos de *bullying* e comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador do sexo masculino e feminino, praticantes de diversas modalidades, no contexto de formação desportiva na região Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, através de uma abordagem quantitativa e qualitativa.

Tendo em conta este propósito, os objetivos específicos de estudo são as seguintes:

Âmbito quantitativo:

- a) descrever e comparar os comportamentos de *bullying* nas perspetivas das vítimas, observadores e agressores em contexto de desporto escolar e federado e segundo o sexo;
- b) descrever e comparar a prevalência de comportamentos de *bullying* e as perspetivas das vítimas, observadores e agressores nas modalidades coletivas, individuais e de combate;

Âmbito qualitativo:

- c) descrever a natureza dos comportamentos de *bullying* de atletas do desporto federado na Região Trás-os-Montes e Alto Douro;
- d) descrever a natureza de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador na Região Trás-os-Montes e Alto Douro.

### 1.7. Estrutura da Tese

A presente tese apresenta-se por um conjunto de artigos para publicação em revistas com processo de revisão por pares. Com o objetivo de dar resposta às questões inerentes à investigação, a tese está organizada em cinco capítulos.

**Capítulo I** - corresponde à introdução, no qual se apresenta o fenómeno de *bullying* através de uma abordagem histórica e concetual. No que respeita ao enquadramento na área do *bullying*, são evidenciadas algumas investigações internacionais e nacionais no âmbito da temática. Relativamente aos comportamentos de maus-tratos no desporto, é apresentado um breve enquadramento histórico, bem como investigações internacionais sobre comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. Por fim, salientamos a pertinência do estudo, bem como os objetivos e a estrutura da tese.

**Capítulo II** - Este capítulo é constituído por quatro estudos com os quais se procura descrever e analisar a incidência de comportamentos de *bullying* e comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, em atletas do sexo masculino e feminino de diversas modalidades, em Portugal, mais especificamente na região Trás-os-Montes e Alto Douro.

O primeiro estudo intitulado “Os jovens e o *bullying* no desporto - estudo exploratório numa região do norte interior de Portugal” procura descrever e comparar a prevalência de comportamentos *bullying*, e a perspetiva das vítimas, observadores e agressores no desporto escolar em comparação com o desporto federado e sexo, bem como as variáveis independentes: frequência, formas de maus-tratos, duração, local, intervenientes, sentimentos e comunicação, através de uma abordagem quantitativa. Para o efeito, foi aplicado o questionário para a *Prevenção da Violência no Desporto - Bullying no Contexto Desportivo* a um grupo de 642 atletas.

O segundo estudo intitula-se “Existem diferenças de comportamento de *bullying* em jovens atletas nas modalidades coletivas, combate e individuais?”. Através de uma abordagem quantitativa, aplicou-se o questionário para a *Prevenção da*

*Violência no Desporto - Bullying no Contexto Desportivo* a um grupo de 664 atletas, onde descrevemos e comparamos a prevalência de comportamentos de *bullying*, na perspetiva das vítimas, observadores e agressores no desporto coletivo, individual e de combate, bem como, as variáveis independentes: frequência, formas de maus-tratos, duração, local, intervenientes, sentimentos e comunicação,

O terceiro estudo denominado “Comportamentos de *bullying* em jovens praticantes de desporto”, através do qual, e mediante o recurso a entrevistas semiestruturadas a um grupo de treze atletas, descrevemos a natureza dos comportamentos de *bullying* de atletas do desporto federado na Região Trás-os-Montes e Alto Douro. Este estudo de natureza qualitativa vem complementar os dois primeiros estudos de natureza quantitativa, permitindo assim, uma compreensão mais profunda do tema *bullying* no contexto desportivo.

Por fim, no quarto estudo, intitulado de “Comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador”, através do recurso a entrevistas semiestruturadas a um grupo de doze atletas, descrevemos a natureza de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador na Região Trás-os-Montes e Alto Douro.

**Capítulo III** – Relativamente ao terceiro capítulo, designado por discussão, elaboramos uma análise conjunta dos estudos quantitativos e qualitativos, comparando-os com a literatura existente.

**Capítulo IV** – No capítulo quatro, apresentamos as considerações finais e as conclusões. Sugerimos também algumas propostas para investigações futuras. Desta forma, no futuro poderão existir novos estudos, com o objetivo de aprofundar as investigações presentes nesta tese, nomeadamente ao nível do *bullying* em contexto desportivo e comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador.

**Capítulo V** – Por fim, no capítulo cinco, apresentamos as referências bibliográficas.

## **Capítulo II – Estudos I, II, III e IV**

---

## Estudo I

Os jovens e o *bullying* no desporto - estudo exploratório numa região do norte interior de Portugal \*

Young people and *bullying* in sports - exploratory research in an inland northern region of Portugal

---

\* Publicado na Revista: Journal of Physical Education and Sport (JPES) – Young people and bullying in sports—Exploratory research in an inland Northern region of Portugal. *Journal of Physical Education and Sport*, 21(4), 1904–1912.

**Abstract**

This paper aims at describing and comparing bullying behaviours in school sports compared to federated sports. A sample consisting of 642 athletes was used. The prevalence of bullying involvement in the context of school sports was 23.6% overall: as victim (4.9%), bystander (16.3%) and perpetrator (2.4%). There was some overlap of roles as victim and bystander (3.5%), and as perpetrator and bystander (1.7%). In federated sport, the prevalence of bullying involvement was 25.6% overall: as victim (5.9%), bystander (16.6%) and perpetrator (3.1%). There was an overlap of roles as victim and bystander (2.8%), perpetrator and bystander (2.0%), perpetrator and victim (0.6%) and all three roles (victim, bystander and perpetrator) (0.3%). As regards sex, the percentage of bullying involvement in male athletes was 26.5% overall: as victim (5.8%), bystander (17.3%) and perpetrator (3.4%); there was an overlap of roles as victim and bystander (2.6%), perpetrator and bystander (1.8%), perpetrator and victim (0.3%) and all three roles (0.3%). In female athletes, the percentage of bullying involvement was 21.9% overall: as victim (4.8%), bystander (15.2%) and perpetrator (1.9%). There was an overlap of roles as victim and bystander (3.3%). We found no statistically significant differences with regard to variables in the sporting context and sex in all dependent variables under analysis. The prevalence of bullying behaviours in school and federated sports is low when compared to most studies in schools and does not vary significantly between contexts and sexes.

**Key Words:** Sports, Aggression, Sex, Observation

## Introduction

Sport is a key tool for young people to develop their skills, based on equal opportunities (Andrews & Andrews, 2003). It provides an opportunity for developing self-awareness (Cunti et al., 2016), has a positive psychological and social impact (Eime et al., 2013) and contributes to better school success (Eccles et al., 2003). However, research suggests that sport is a window into the complexity of aggressive and violent behaviour (Spaaij & Schailée, 2019), which may occur in sports settings - professional, and in school and private colleges (Fields et al., 2010). In particular, bullying in sports is a topic of concern (Nery et al., 2018; 2020).

Bullying can be understood as a subcategory of aggressive behaviour (Smith & Monks, 2008). It is antisocial, peer-to-peer, intentional, provocative, and repetitive (Olweus, 1997). Bullying behaviours may arise at school, at work, on the internet (cyberbullying) or at the sports club (Ventura et al., 2019).

There have been studies on bullying since the 1970s, but with a main focus on the school context. School bullying has received much media attention and concern among parents, teachers and society in general (Freire & Aires, 2012). Since the 1990s studies focusing on male and female behaviour in relation to bullying show that both sexes (male and female) can be involved, although differing in type and extent (Olweus, 2010). Björkqvist and Österman (2000) reported that bullying behaviour and the type of bullying varies according to sex. They observed that physical aggression is common in small children; as the child grows, physical aggression is less frequent, while verbal aggression becomes more frequent. A study conducted in France (Blaya et al., 2003) concluded that 75% of females had used some sort of bullying. In a study carried out in seven countries (China, England, Ireland, Italy, Japan, Portugal and Spain), with a sample of 48,000 young people, it was shown that bullying in the school context is a universal phenomenon, which varies according to culture, sex, age and social status (Eslea et al., 2004). Variations by country were confirmed in another study in forty countries by Craig et al. (2009); for example, Sweden had a lower prevalence of bullying (8.6% of boys, 4.8% of girls), compared to Lithuania, with higher prevalence values (45.2% of boys, 35.8% of girls). Research carried out by Smith (2016; Smith et al., 2019), indicates that males are the main actors in perpetration of bullying behaviour. However, Pontes et al. (2017), in a longitudinal

study from 2009 to 2015 in the USA (n=61,042), found an increase in the prevalence of school bullying among women from 21.2% to 24.8%, and a significant decrease among men from 18.7% to 15.8%. A study by Dytham (2018) with a sample of pupils between 13 and 14 years old at a school in England, found that the most popular girls bullied both boys and girls.

As regards federated sports, there are a few studies about violence and aggression (Tenenbaum et al., 1997). Peguero (2008) conducted a study on bullying in extracurricular activities, including sports in school context, in female and male students. He concluded that male students were more likely to be victims of bullying than females, often in accordance with socioeconomic status. Volk & Lagzdins (2009) studied bullying behaviour in female adolescents, both in the school context and in school sports. They found that bullying and victimization were more frequent in the school context than in school sports, maybe because in sports context there was less cause for conflict than in school context, where the students come from different backgrounds and the groups were more heterogenous. Melim & Pereira (2013) reported that students who practiced federated sports were more protected from bullying behaviour at school than those who practiced school sports. Regarding sports generally, Escury & Dudinkl (2010) found that 26% of soccer and judo participants were victims of bullying. Mishna et al. (2019) concluded that the prevalence of victimization is higher in team sports, namely rugby (11.5%), hockey (7.4%), and football (6.6%), compared to individual sports such as cycling.

Vveinhardt & Fominiene (2019) concluded that male athletes are more aggressive physically, verbally and non-verbally than female athletes. They are also more expressive, both as victims and perpetrators. To lessen bullying in sports contexts, a possible pedagogical strategy could be the inclusion of cooperative games in training sessions (Oliveira et al., 2017). According to Greco et al. (2019) karate can be an effective alternative to combat bullying in contexts, as it is a martial art that emphasizes respect, self-regulation and health.

There is a scarcity of literature carried out in Portugal on the theme of bullying in the sport context, taking account of both sexes. Nery et al. (2018, 2020) only focussed on male athletes. In mainland Portugal, Nery et al. (2018) carried out a study in the regions of Porto, Coimbra and Faro, focusing on federated sport (56%), concluding that male athletes were involved in episodes of bullying,



predominantly through verbal means. Investigations in the Madeira archipelago by Melim & Pereira (2013) concluded that victimization is greater in school sports than in federated sports. A study in the cities of Bragança, Chaves, Mirandela and Vila Real by Marracho et al. (2021) aimed to compare the prevalence of bullying behaviour in different sports and the perspective of victims, perpetrators and bystanders. It was concluded that collective (team) sports had a higher percentage of prevalence of bullying (26.7%), compared to individual sports (19.1%) and combat sports (23.1%). More qualitative data indicated that the predominant forms of bullying behaviours were verbal and physical, and that these occurred in the changing rooms, in training and in sports practice (Marracho et al., 2021).

The limited research in this area, and the different methods used by researchers, do not give a full account of sports-related bullying in Portugal. Our study aims to cover the regions of Trás-os-Montes and Alto Douro, and to contribute to further understanding of the topic of bullying, comparing the prevalence of bullying behaviours according to contexts and sex. Furthermore, we include findings on cyberbullying; this has emerged as a significant kind of bullying in recent years (Zych et al., 2018), but has been neglected so far as sports bullying is concerned.

## **Material & methods**

### **Participants**

The participants consisted of 642 athletes (371 male, 271 female) aged 13-18 years ( $16.64 \pm 1.46$ ), practitioners of school sports ( $N=316$ ), and federated sports ( $N=392$ ). The average experience of school sports practitioners was 2.93 ( $\pm 1.77$ ) years, and of federated sports practitioners 5.23 ( $\pm 3.37$ ) years.

School sports included were: *individual sports* — badminton, acrobatic gymnastics, table tennis, athletics, skating, swimming, chess, field tennis and boccia; and *team sports* - futsal, volleyball and basketball. Federated sports included: *individual sports* - swimming, figure skating, cycling, table tennis, athletics, field tennis, chess and ballet; *collective (team) sports* - football, futsal, volleyball, basketball, handball, rugby and roller hockey; and *combat sports* - karate, judo, kung fu, goju-ryu, kickboxing and taekwondo.

## Instruments

For data collection, the Prevalence of Bullying in Sports Training questionnaire (Nery, 2016) was used (attachments G and H). This was an adaptation of the Olweus (1989) questionnaire in the school context, adapted, validated and used in the European Training and Mobility of Researchers (TMR) Program: Nature and Prevention of Bullying by Ortega et al. (1999) and used earlier as part of data collection in Portugal. The questionnaire consists of 24 questions subdivided into 4 blocks: *demographic data* — age, sex, grade, nationality, locality, modality, length of practice and number of trainings / hours per week; *victim perspective* - frequency (occasional: 1/2 times + 3/6 times a year; persistent: once a week + several times a week) and forms of mistreatment (type of bullying), duration, location, number of actors, feelings, coping, coach communication and family-coach communication; *bystander's perspective* - forms of mistreatment (type of bullying), feelings, reactions to bullying behaviors (participating in the aggression, defending the victim or observing) and reasons for bullying; *perpetrator's perspective* — frequency (occasional: 1/2 times + 3/6 times a year; persistent: 1 time per week + several times per week) and forms of mistreatment (type of bullying), number of actors, feelings and communication.

## Procedure

The survey was conducted in the geographical area of the Trás-os-Montes and Alto Douro region and focused on students from 10 public schools in Vila Real, Bragança, Chaves and Mirandela, aged between 13 and 18 years.

Authorization was requested from the Ministry of Education (registration number: 0642800001) for the application of the questionnaire (attachment A). Contacts were then made with the Heads of the Schools (attachments C and D), and authorization (informed consent) was also sought from the parents (attachments E and F). The questionnaire was distributed by a researcher in six schools, and in four schools the headmaster proposed that the questionnaire should be distributed by the Physical Education teachers of each class. The researchers met the students of the six schools to explain the purpose of the study; in the four schools in which there was no direct participation of the researcher, a meeting was held with the Physical Education teachers to explain the procedures for giving the questionnaires to their students.

### Statistical analysis

For statistical analysis, frequency distributions and Chi-Square tests were performed. In sections two, three and four of the questionnaire, which correspond to the victim's, bystander's and perpetrator's perspectives, participants were divided into victims, bystanders, bullies (perpetrators), and not involved (respondents who did not report experiencing or seeing any bullying episodes). Statistical significance was set at  $p < 0.05$  level. The Monte Carlo method was used when the necessary conditions for applying the chi-square test were not satisfied.

### Results

Figure 1 shows the prevalence of bullying behaviors for the different roles, and overlap of roles, by context (school sport; federated sport), and by sex. In school sports, overall 23.6% of the students reported being involved in bullying behaviors, while in federated sports the prevalence was 25.6%. Regarding the roles of bullying in the sports context, no significant differences were found when comparing school and federated sports: victim ( $\chi^2(1) = 0.27, p = 0.604$ ), bystander ( $\chi^2(1) = 0.05, p = 0.943$ ) and perpetrator ( $\chi^2(1) = 0.215, p = 0.643$ ). Regarding sex differences, 26.5% of male students reported having been involved in bullying behaviors, compared to 21.9% of females. There were no significant differences when comparing bullying roles by sex: victim ( $\chi^2(1) = 0.29, p = 0.593$ ), bystander ( $\chi^2(1) = 0.526, p = 0.468$ ) and perpetrator ( $\chi^2(1) = 1.43, p = 0.232$ ).

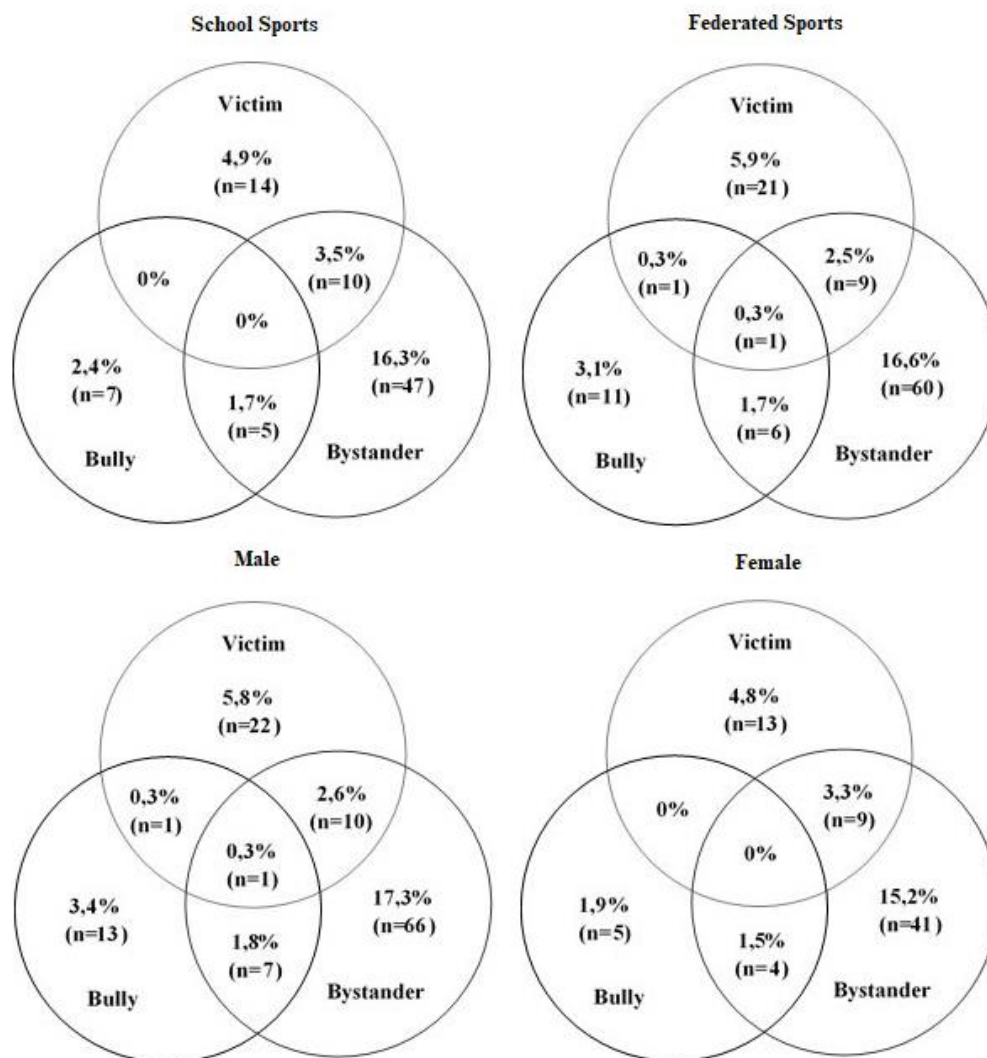


Figure 1 - Prevalence of Bullying Behaviors by Context and Gender

Tables 1, 2 and 3 show comparisons of findings, according to sports context and sex, from the perspectives of victims, bystanders, and perpetrators (bullies), respectively.

Table 1 shows that most victims reported a frequency of occasional bullying (91%) and verbal (83%) behaviors. These behaviors generally occurred individually (83%), in the club (58%) and for a short duration (75%). Bullying mainly caused negative feelings in the victims (81%); 75% of respondents reported using emotion-focused coping and while 39% declared that they did not communicate their feelings to anyone. Most victims did not seek support from the coach (60%), and 80% reported that there was no communication between family and coach. When comparing the victims' perspectives according to sporting context and sex, no statistically significant differences were found.

Table 1 - Comparison of victims' perspectives according to sport context and sex

	Frequency		Forms of Mistreatment		Duration		Place		Speakers		Feelings		Reactions			Communication			Coach Support		Communication: family- coach																			
	Female Freq. (%)	Male Freq. (%)	P	Federated Sport Freq. (%)	School Sport Freq. (%)	Total Freq. (%)	Occasional	Persistent	Verbal	Social	Cyberbullying	Occasional	Repeated	Competition	Club	Training and Competition	Cyberbullying	Individual	Group	Negative	Indifference	Focused on emotion	Focused on problem	Multiple	No one	Peers	Family	Adults	Didn't talk	Talked (negative)	Talked (positive)	Didn't talk	Talked (negative)	Talked (positive)						
	12 (92.3%)	20 (90.9%)	1	19 (90.5%)	13 (92.9%)	64 (91%)																																		
	1 (7.7%)	2 (9.1%)		2 (9.5%)	1 (7.1%)	6 (9%)																																		
	7 (63.6%)	18 (94.7%)	0.41	16 (88.9%)	9 (75%)	50 (83%)																																		
	3 (27.3%)	-		1 (5.6%)	2 (16.7%)	6 (10%)																																		
	(9.1%)	1 (5.3%)		1 (5.6%)	1 (8.3%)	4 (7%)																																		
	9 (90%)	12 (66.7%)	0.364	12 (66.7%)	9 (90%)	42 (75%)																																		
	1 (10%)	6 (33.3%)		6 (33.3%)	1 (10%)	14 (25%)																																		
	3 (23.1%)	6 (30%)		3 (15.8%)	6 (42.9%)	18 (27%)																																		
	7 (53.8%)	12 (60%)	0.874	14 (73.7%)	5 (35.7%)	38 (58%)																																		
	2 (15.5%)	1 (5%)		1 (5.3%)	2 (14.3%)	6 (9%)																																		
	1 (7.7%)	1 (5%)		1 (5.3%)	1 (7.1%)	4 (6%)																																		
	6 (66.7%)	14 (93.3%)	0.259	12 (85.7%)	8 (80%)	40 (83%)																																		
	3 (33.3%)	1 (6.7%)		2 (14.3%)	2 (20%)	8 (17%)																																		
	10 (90.9%)	15 (75%)	0.383	15 (78.9%)	10 (83.3%)	50 (81%)																																		
	1 (9.1%)	5 (25%)		4 (21.1%)	2 (16.7%)	12 (19%)																																		
	8 (72.7%)	14 (73.7%)	1	14 (77.8%)	8 (66.7%)	44 (75%)																																		
	3 (27.3%)	4 (21.1%)		3 (16.7%)	4 (33.3%)	14 (24%)																																		
	-	1 (5.3%)		-	-	1 (1%)																																		
	1 (9.1%)	11 (55%)	0.09	8 (42.1%)	4 (33.3%)	24 (39%)																																		
	2 (18.2%)	6 (30%)		4 (21.1%)	4 (33.3%)	16 (26%)																																		
	6 (54.5%)	2 (10%)		4 (21.1%)	4 (33.3%)	16 (26%)																																		
	2 (18.2%)	1 (5%)		3 (15.8%)	-	6 (9%)																																		
	6 (54.5%)	12 (63.2%)	0.351	11 (61.1%)	7 (58.3%)	36 (60%)																																		
	-	2 (10.5%)		1 (5.6%)	1 (8.3%)	4 (7%)																																		
	5 (45.5%)	5 (26.3%)		6 (33.3%)	4 (33.3%)	20 (33%)																																		
	7 (70%)	17 (85%)	0.804	16 (88.9%)	8 (66.7%)	48 (80%)																																		
	1 (10%)	1 (5%)		-	2 (16.7%)	4 (7%)																																		
	2 (20%)	2 (10%)		2 (11.1%)	2 (16.7%)	8 (13%)																																		

From the data shown in Table 2, it can be seen that bystanders reported the most frequent form of bullying as verbal (57%), leading mainly to negative feelings (97%) about it. Bystander's reactions are usually focused on the victim's defense (75.3%); 70.2% blamed the perpetrator. When comparing the perspectives of the bystanders according to sport context and sex, no statistically significant differences were found.

Table 2 - Comparison of the perspective of bystanders according to sport context and sex

	Forms of Mistreatment				Feelings			Reactions			Motives			
	Physical	Verbal	Social	Cyberbullying	Negative	Avoidance	Neutral	Agression Participation	Victimization	Observation	Victim Defense	Doesn't know	Agressor responsabilization	Victim responsabilization
<b>Total Freq. (%)</b>	42 (19.6%)	122 (57%)	44 (20.5%)	6 (28%)	190 (97%)	2 (1%)	4 (2%)	4 (2%)	10 (5.2%)	34 (17.5%)	146 (75.3%)	36 (19.1%)	132 (70.2%)	20 (10.6%)
<b>School Sport Freq. (%)</b>	9 (19.1%)	30 (63.8%)	7 (14.9%)	1 (2.1%)	44 (100%)	-	-	2 (4.8%)	4 (9.5%)	6 (14.3%)	30 (71.4%)	8 (19.5%)	30 (73.2%)	3 (7.3%)
<b>Federated Sport Freq. (%)</b>	12 (20%)	31 (51.7%)	15 (25%)	2 (3.3%)	51 (91.9%)	1 (1.8%)	-	-	1 (2%)	11 (22.4%)	49 (75.5%)	10 (18.9%)	36 (67.9%)	7 (13.2%)
<b>P</b>	0	0.578	0	0	0.131	0	0	0	0.125	0	0	0	0.718	0
<b>Male Freq. (%)</b>	14 (21.2%)	37 (56.1%)	14 (21.2%)	1 (1.5%)	56 (91.8%)	1 (1.6%)	4 (6.6%)	2 (3.6%)	3 (5.5%)	10 (18.2%)	40 (72.7%)	11 (19%)	41 (70.7%)	6 (10.3%)
<b>Female Freq. (%)</b>	7 (17.1%)	24 (58.5%)	8 (19.5%)	2 (4.9%)	100	-	-	-	2 (5.6%)	7 (19.4%)	27 (75%)	7 (19.4%)	25 (69.4%)	4 (11.1%)
<b>P</b>	0	0.761	0	0	0	0.203	0	0	0.744	0	0	0	0.990	0

In relation to the perpetrator’s perspective, Table 3 shows that the frequency of bullying behaviors was mostly occasional (94%). Mostly it assumed a verbal form (70.3%) and it usually occurred in groups (88.2%). Some perpetrators reported having experienced negative feelings (42.3%), but 50% of them mentioned experiencing positive feelings. Some did not communicate these behaviors to anyone (40%). When comparing the perspectives of the perpetrators according to the sport context and sex, no statistically significant differences were found.

Table 3 - Comparison of the perpetrator's perspective according to sport context and sex

	Frequency		Forms of Mistreatment			Speakers		Feelings			Communication			
	Occasional	Repeated	Verbal	Social	Physical	Individual	Group	Negative	Indifference	Positive	No one	Peers	Family	Adults
<b>Total Freq. (%)</b>	34 (94%)	2 (6%)	19(70,3%)	4 (14,8%)	4 (14,8%)	4 (11,8%)	30(88,2%)	11(42,3%)	2 (7,7%)	13 (50%)	10 (40%)	2 (8%)	7 (28%)	6 (24%)
<b>School Sport Freq. (%)</b>	7 (100%)	-	5 (100%)	-	-	1 (16,7%)	5 (83,3%)	4 (80%)	-	1 (20%)	2 (33,3%)	-	2 (33,3%)	2 (33,3%)
<b>Federated Sport Freq. (%)</b>	10 (90,9%)	1 (9,1%)	4 (50%)	2 (25%)	2 (25%)	1 (9,1%)	10 (90,9%)	3 (37,5%)	1 (12,5%)	4 (50%)	3 (50%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)	1 (16,7%)
<b>P</b>	1	0	0	0,346	0	1	0	0	0,403	0	0	1	0	0
<b>Male Freq. (%)</b>	12 (92,3%)	1 (7,7%)	6 (60%)	2 (20%)	2 (20%)	2 (15,4%)	11 (84,6%)	4 (40%)	1 (10%)	5 (50%)	4 (44,4%)	1 (11,1%)	2 (22,2%)	2 (22,2%)
<b>Female Freq. (%)</b>	5 (100%)	-	4 (100%)	-	-	-	4 (100%)	-	-	3 (100%)	1 (33,3%)	-	1 (33,3%)	1 (33,3%)
<b>P</b>	1	0	0	0,515	0	1	0	0,391	0	0	0	1	0	0

## Discussion

A main objective of this research was to know the prevalence of bullying according to context (school and federated) and sex. We found a substantial minority of the athletes reported being involved in bullying episodes. There was a prevalence of bullying in the context of school sports of 23.6% and in federated sports of 25.6%. Regarding sex, the percentage of bullying in male athletes is 26.5% and in female athletes 21.9%.

Bullying in sports, whether in the school context or federated context, is a reality in contemporary society. The two sports contexts are different, and it has been reported that victimization is more prevalent when athletes are in school context, as they spend more time in school than in clubs (Schuster & Bogart, 2013). Volk & Lagzdins (2009) concluded that female athletes were more likely to be victims of bullying in a school context. In our study we did not verify this trend. We found

the prevalence of involvement in bullying behaviors in school sports to be slightly lower than in federated sports, although the difference is not significant. It can be argued that the two contexts are not that different, as in our study participants had similar practice levels in both contexts.

Our research found that bullying is mainly occasional, a finding that is consistent with other investigations (Escury & Dudinkl, 2010; Volk & Lagzdins, 2009). We also found bullying behaviors in sports context to be mostly carried out by a single perpetrator, taking a verbal form and showing higher prevalence in the club (58%) than in the other contexts (competition, training) In school and federated sports, the results are different, while in school sports 42.9% reported suffering bullying in competition, while in federated sport 73.7% reported suffering bullying in the club. Victims may suffer from bullying in changing rooms or in unattended spaces (Kerr et al., 2016; Sebastião, 2009; Ventura et al., 2019), justified by the shortage of staff in the sports club (federated). Less surveillance may lead to greater freedom among young people. In school sports, surveillance is higher than in federated sport. However, when there are competitions between schools, there is a higher prevalence of bullying (42.9%), which can be explained by the fact that there is often only one Physical Education teacher supervising the students. Following the victimization that occurs in the sporting context and type of sport, a total of 39% of the victims don't tell anyone about it. Unless they seek and get help and support, they may drop out of sports practice at an early stage, due to the physical and/or psychological violence to which they are subjected (Carvalhosa et al., 2009).

Bystanders report that bullying assumed verbal and physical forms (Kerr et al., 2016). In the sports context, bystanders tend to defend the victim of mistreatment, blaming the perpetrators, considering their behavior to be inappropriate. Bystanders often experience negative feelings. Similar findings regarding the reactions and feelings experienced by bystanders were reported by Nery et al. (2018) in their study of male athletes.

The results for perpetrators regarding the frequency and forms of abuse, is consistent with the results obtained for the victims. Bullying episodes are occasional and the most common form of abuse is verbal bullying. However, in contrast to the victims' perspective, perpetrators claim that bullying is often done in groups, which may be a form of self-justification. When questioned the feelings



experienced by perpetrators, the values show a significative difference. 80% of perpetrators in school sports expressed negative feelings, a percentage that decreases to 37.5% in federated sports. In school sports, 20% of perpetrators reported positive feelings; in federated sports, 50% express positive feelings. That 50% have positive feelings in federated sports may stem from the fact that for some there is no distinction between what is sports practice and the practice of bullying (Kerr et al., 2016).

Considering sex, a prevalence of bullying behaviors of 26.5% in males and 21.9% in females was observed.

The most frequently observed form of mistreatment was verbal bullying, a finding that is consistent with the general literature on bullying (Smith, 2016). Most studies find that males are more likely to be involved in bullying episodes generally (Smith et al., 2019). Nery et al. (2018) found that the most common type of male bullying is verbal. Craig et al. (2009) found that boys reported more episodes of bullying, both physical and verbal, direct and indirect, compared to girls.

Victims' reactions are mostly emotion-focused rather than in solving the problem. There is a sex difference in whether victims tell anyone about it. Most female victims communicate with their families (54.5%), with peers (18.2%) and adults (18.2%), while males often do not communicate with anyone (55%). This different attitude enables female victims to seek support from the coach (45.5%) so as to reduce bullying behaviors. According to Soares et al. (2010), females are naturally more sensitive than males, leading to greater openness of communication and sharing, which may explain these findings. Young & Sweeting (2004) reported that female athletes run an increased risk of acting like bullies but also to suffer aggression,

In the sports context, bystanders tend to defend the victim of mistreatment, blaming the perpetrators, considering their behavior inappropriate and experiencing negative feelings.

Our results regarding the perpetrator in the variables frequency and forms of abuse are consistent with the results obtained for the victims, that is, bullying is occasional, and the most frequent form of abuse is verbal bullying. However, in contrast to the perspective of the victims, the perpetrators stated that bullying is used in groups. In what concerns communication, females tend to confide in their

family (33.3%) or in adults (33.3%), while males (44.4%) tend not to communicate with anyone. As mentioned above, the fact that females are more sensitive may justify the need to reveal acts of aggression to others.

### **Strengths and limitations**

This study provides new information regarding the area of bullying in sport. As a suggestion for future research, it is important to emphasize the need for carrying out other quantitative and qualitative studies, as well as studies using mixed methods, to further the knowledge about this theme.

Further analysis should include other factors involved in bullying, their interactions and impact in the different types of bullying. The consequences of bullying, both in the short and in the long term, should also be studied. Cyberbullying is also an important problem that needs to be studied, as its frequency and impact grow.

A limitation of our study, regarding the method of collecting data, may be the structure of the questionnaire. Victims took longer than bystanders and perpetrators to complete the questionnaire, leading to a lack of sincerity on the part of respondents, so some had to be rejected because they were poorly answered. A long questionnaire tires the respondents and affects the results. Although the questionnaires are anonymous, respondents may not be completely honest, and the information collected may not allow a deeper understanding of the problem.

### **Conclusions**

In our research we found that there are no significant differences regarding the sporting context and the sex in the three roles of bullying. The prevalence of bullying in the sport context and by sex is significant. The issue requires attention and it is necessary to implement programs directed to the school community (parents, teachers, and students) to act against and prevent these behaviours. In the sports context, it will be helpful for managers, coaches, staff, parents, and athletes to be well informed on the nature of bullying behaviours, and to introduce practical measures and guidelines to reduce violent behaviour in sports, according to sports ethics.

## Acknowledgments

This work is funded by National Funds through the FCT - Foundation for Science and Technology, I.P., within the scope of the project Ref<sup>a</sup> UIDB/05507/2020. Furthermore we would like to thank the Centre for Studies in Education and Innovation (CI&DEI) and the Polytechnic of Viseu for their support. We also thank Peter K. Smith for comments on an earlier version and for checking English language in this article.

## References

- Andrews, J., & Andrews, G. (2003). Life in a secure unit: The rehabilitation of young people through the use of sport. *Social Science & Medicine*, 56(3), 531–550. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(02\)00053-9](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(02)00053-9)
- Björkqvist, K., & Österman, K. (2000). Social intelligence – Empathy = aggression? *Aggression and Violent Behavior*. 5(2), 191–200.
- Blaya, C., Debarbieux, E., & Rubi, S. (2003). Género e violência nas escolas. *Documento Encomendado Para o Relatório de Monitoramento Global 2003 Da EFA, The Lea Igualdade*.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, 5, 125–146.
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., de Mato, M. G., Overpeck, M., Due, P., & Pickett, W. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54(Suppl 2), 216–224. <https://doi.org/10.1007/s00038-009-5413-9>
- Cunti, A., Bellantonio, S., & Priore, A. (2016). Sport, gender differences and sexuality between social stereotypes and educational needs for recognition of subjectivities. *Studia UBB Educatio Artis Ginásio*, LXI,4, 77–84.
- Dytham, S. (2018). The role of popular girls in bullying and intimidating boys and other popular girls in secondary school. *British Educational Research Journal*, 44(2), 212–229. <https://doi.org/10.1002/berj.3324>
- Eccles, J. S., Barber, B. L., Stone, M., & Hunt, J. (2003). Extracurricular Activities and Adolescent Development. *Journal of Social Issues*, 59(4), 865–889. <https://doi.org/10.1046/j.0022-4537.2003.00095.x>

- Eime, R. M., Young, J. A., Harvey, J. T., Charity, M. J., & Payne, W. R. (2013). A systematic review of the psychological and social benefits of participation in sport for adults: Informing development of a conceptual model of health through sport. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, *10*, 135. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-135>
- Escury, A., & Dudinkl, A. (2010). Bullying Beyond School: Examining the Role of Sports. In: Jimerson, Shane.; Swearer, Susan; Espelage, Dorothy. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*.
- Eslea, M., Menesini, E., Morita, Y., O'Moore, M., Mora-Merchán, J. A., Pereira, B., Smith, P. K. & Zhang, W. (2004). Friendship and loneliness among bullies and victims: Data from seven countries. *Aggressive Behavior*, *30*(1), 71–83. <https://doi.org/10.1002/ab.20006>
- Fields, S. K., Collins, C. L., & Comstock, R. D. (2010). Violence in youth sports: Hazing, brawling and foul play. *British Journal of Sports Medicine*, *44*(1), 32–37. <https://doi.org/10.1136/bjism.2009.068320>
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). Bullying in Sport and Performance Psychology. In L. A. Fisher & L. Dzikus, *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.169>
- Freire, A., & Aires, J. (2012). The contribution of school psychology in the prevention and coping of bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, *16*(1), 55–60. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>
- Greco, G., Cataldi, S., & Fischetti, F. (2019). Karate as anti-bullying strategy by improvement resilience and self-efficacy in school-age youth. *Journal of Physical Education and Sport*, *19*, 1863–1870. <https://doi.org/10.7752/jpes.2019.s5276>
- Kerr, G., Jewett, R., MacPherson, E., & Stirling, A. (2016). Student–Athletes' Experiences of Bullying on Intercollegiate Teams. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, *10*(2), 132–149. <https://doi.org/10.1080/19357397.2016.1218648>
- Marracho, P., Coelho, E., Nery, M., & Pereira, A. (2021). Comportamentos de bullying em jovens praticantes de desporto (Bullying behaviours in young athletes). *Retos*, *42*, 861–871. <https://doi.org/10.47197/retos.v42i0.87189>

- Marracho, P., Pereira, A., Nery, M., Rosado, A., & Coelho, E. (2021). Is young athletes' bullying behaviour different in team, combat or individual sports? *Motricidade*, 17, 70–78. <https://doi.org/10.6063/motricidade.21129>
- Melim, F. M., & Pereira, B. O. (2013). Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? *Movimento*, 19(2), 55–77.
- Mishna, F., Kerr, G., McInroy, L. B., & MacPherson, E. (2019). Student athletes' experiences of bullying in intercollegiate sport. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 13(1), 53–73. <https://doi.org/10.1080/19357397.2019.1581512>
- Nery, M. (2016). *Bullying no contexto da formação desportiva em Portugal. Estudo exploratório a nível nacional de modalidades individuais, colectivas e de combate*. [Doutoramento, Universidade de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana].
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. K. (2018). Bullying in youth sport training: A nationwide exploratory and descriptive research in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 0(0), 1–17. <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1447459>
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A. & Smith, P.K. (2020). *Bullying in Youth Sports Training*. London: Routledge.
- Oliveira, L. S., Oliveira, W., Carvalho Filho, J., Borges, C., Oliveira, G., Oliveira, T., Silva, V., & Valentim-Silva, João Rafael. (2017). Cooperative games as a pedagogical strategy to decrease bullying in physical education: Notable changes in behavior. *Journal of Physical Education and Sport*, 17, 1054–1060. <https://doi.org/10.7752/jpes.2017.03162>
- Olweus, D. (Ed.). (1989). Prevalence and incidence in the study of antisocial behavior: Definitions and measurement. In Klein, M. *Cross-National Research in Self-Reported Crime and Delinquency* (pp. 187–201). Kluwer.
- Olweus, D. (1997). Bullying in schools: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, XII(17), 495–510.
- Olweus, D. (2010). Understanding and researching bullying: Some critical issues. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*, 9–33.
- Ortega, R., Mora, M., Lera, J., & Mora, J. (1999). Cuestionario sobre intimidación maltrato entre iguales. Universidade de Sevilha. *Consejería de Educación y ciencia*, 1–8.

- Peguero, A. A. (2008). Bullying Victimization and Extracurricular Activity. *Journal of School Violence*, 7(3), 71–85. <https://doi.org/10.1080/15388220801955570>
- Pontes, N., Ayres, C. G., Lewandowski, C., & Pontes, M. C. F. (2017). Trends in bullying victimization by gender among U.S. high school students. *Research in Nursing & Health*, 41(3), 243–251. <https://doi.org/10.1002/nur.21868>
- Schuster, M., & Bogart, L. (2013). Did the ugly duckling have PTSD? Bullying, its effects, and the role of pediatricians. *Pediatrics*, 131(1), 288–291. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-3253>
- Sebastião, J. (2009). Violência na escola: Uma questão sociológica. *Interacções*, 5(13), 35–52.
- Smith, P.K. (2016). Bullying: definition, types, causes, consequences and intervention. *Social and Personality Psychology Compass*, 10, 519–532. <https://doi.org/10.1111/spc3.12266>
- Smith, P.K., López-Castro, L., Robinson, S. & Görzig, A. (2019). Consistency of gender differences in bullying in different cross-cultural surveys. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 33-40.
- Smith, P.K., & Monks, C. (2008). *Concepts of bullying: Developmental and cultural aspects* (Vol. 20). <https://doi.org/10.1515/IJAMH.2008.20.2.101>
- Soares, W. D., Souza, M. G., Germano, J. M., Cruz, I. R. D., & Carneiro, A. L. G. (2010). Níveis de ansiedade em atletas participantes dos Jogos do Interior de Minas, JIMI. *EFDeportes*.
- Spaaij, R., & Schailée, H. (2019). Unsanctioned aggression and violence in amateur sport: A multidisciplinary synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 44, 36–46. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.11.007>
- Tenenbaum, G., Stewart, E., N. Singer, R., & Duda, J. (1997). Aggression and Violence in Sport: An ISSP Position Stand. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 37, 146–150. <https://doi.org/10.1123/tsp.11.1.1>
- Ventura, C., Prat, M., Flores Aguilar, G., Lleixà, T., Soler, S., & Ríos, X. (2019). Bullying I Cyberbullying al Futbol Formatiu a Catalunya. *Fundació, Barcelona: Fundació Barça*.

- Volk, A., & Lagzdins, L. (2009). Bullying and victimization among adolescent girl athletes. *Journal of Athletic Training, 11*, 13–31.
- Vveinhardt, J., & Fominiene, V. B. (2020). Gender and age variables of bullying in organized sport: Is bullying “grown out of”? *Journal of Human Sport and Exercise, 15*(4), 747-761. <https://doi.org/10.14198/jhse.2020.154.03>
- Young, R., & Sweeting, H. (2004). Adolescent Bullying, relationships, psychological well-being, and gender-atypical behavior: A gender diagnosticity approach. *Sex Roles: A Journal of Research, 50*, 525–537.
- Zych, I., Beltrán-Catalán, M., Ortega-Ruiz, R., & Llorent, V. J. (2018). Competencias sociales y emocionales de adolescentes involucrados en diferentes roles de bullying y cyberbullying. *Revista de Psicodidáctica, 23*(2), 86–93.

## Estudo II

Existem diferenças de comportamento de *bullying* em jovens atletas nas modalidades coletivas, combate e individuais? \*

Is young athletes' *bullying* behaviour different in team, combat, or individual sports?

---

\*Publicado na Revista Motricidade - Is young athletes' bullying behaviour different in team, combat or individual sports? *Motricidade*, 17, 70–78.



**Abstract**

This study aims at describing and comparing the prevalence of *bullying* behaviours and the perspective of victims, bystanders, and aggressors in team, individual, and combat sports. The survey involved 664 athletes of both genders (13-18 years old) from sports school and federated of several sports (team n=451, individual n=173, combat n=40), who filled in the Prevention of Violence in Sport Questionnaire. The prevalence of *bullying* (victims, bullies, and bystanders) was 26.7% in team sports; 19.1% in individual sports, and 23.1% in combat. Through the Chi-square test, it was verified that there were no significant differences between different sports in what concerns the prevalence of *bullying* behaviours; neither was there a difference in the perspective of victims, bystanders, and aggressors. The percentage was bigger in victims (7.7%) and bystanders (17.4%) in combat sports, and aggressors (3.3%) in team sports. There are not aggressors in combat sports. Further studies are needed in order to achieve a deeper knowledge of the problem and plan strategies to prevent this sort of behaviour.

*Keywords:* *bullying*, individual-sports, team-sports, combat-sports, youth

## Introduction

School offers students the opportunity to play sports not only in Physical Education classes but also in school sports activities. Young people can also enroll in federated sport outside the school context. Sport is a key tool for development based on equality (Andrews & Andrews, 2003). Providing an opportunity for self-awareness (Cunti et al., 2016), having a positive psychological and social impact (Eime et al., 2013), and contributing to greater school success (Eccles et al., 2003).

Competition is a complex environment for studying adverse behaviours, as members of the sports community generally adhere to sports ethics, which refers to "uncritical acceptance and commitment to" sports norms (Hughes & Coakley, 1991). Adherence to sports ethics encourages athletes to internalize common expectations in the context of sport, including dedication toward their goals, reshaping adversity as a challenge, and the pursuit of excellence in sports performance (Hughes & Coakley, 1991). Research suggests that sport is a "window" into the complexity of aggressive and violent behaviour (Spaaij & Schailée, 2019), which may occur in sport, professional, school, and private colleges (Fields et al., 2010). The literature states that the performance of athletes is associated with their well-being and self-esteem (Rosa, 2016). If the athlete is unable to perform as desired, he/she will be more vulnerable, which may lead to the appearance of *bullying* behaviours among teammates (Douglas & Carless, 2009).

*Bullying* can be understood as a subcategory of aggressive behaviour (Smith & Monks, 2008). It is antisocial, peer-to-peer, intentional, provocative, and repetitive (Olweus, 1989). *Bullying* behaviours may arise at school, at work, on the internet (*cyberbullying*), or at the sports club (Ventura et al., 2019).

Mishna et al. (2019) reported that out of the 122 athletes of 24 federated sports, 48.4% said they were bullied. Corral-Pernía et al. (2017) concluded in a paper on a federated sport that 22.2% of the sample was involved in *bullying* (16.7% victim, 3.7% aggressor, and 1.9% victimized aggressor). The most frequent types of *bullying* were physical and verbal (Kerr et al., 2016). Mishna et al. (2019) concluded that the type of *bullying* most used is verbal, social, and finally physical.

An investigation conducted by Escury & Dudinkl (2010) supports a previous study, reporting that 26% of young football and judo participants had been bullied. Vveinhardt & Fominiene (2020) carried out a study on 1440 federated athletes, concluding that a third of athletes from team sports identified themselves as victims; in individual sports, athletes mentioned being victims and bystanders — the percentage for bystanders is larger than the one for victims. Mishna et al. (2019) confirm these results, stating that the prevalence of *bullying* is larger in team sports, namely in rugby (11.5%), hockey (7.4%), and football (6,6%); concerning individual sports, cycling stands out with a percentage of 6.6%. It should be noted that team sports are the ones that draw more participants, as shown by Melim & Pereira (2013) and Nery et al. (2018); however, these studies were not intended to collect data on the prevalence of *bullying* behaviour according to sport practiced but according to context (school or federated sport). There is little available data on the prevalence of *bullying* behaviour according to the sport practiced. Fisher & Dzikus (2017) consider that the lack of research, the different approaches used by researchers, and the different instruments do not form a complete *bullying* image. Therefore, our study is justified by the lack of research in sport context; covering the region of Trás-os-Montes and Alto Douro in Vila Real, Bragança, Chaves, and Mirandela (Northern Portugal) and is meant to contribute to further understanding of the topic of *bullying*, as it describes and compares the prevalence of *bullying* behaviours in team, individual, and combat sports. This study aims at describing and comparing the prevalence of *bullying* behaviours and the perspective of victims, bystanders, and aggressors in team, individual, and combat sports.

## **Method**

### **Participants**

A cross-sectional study was conducted in the geographical area of Trás-os-Montes and Alto Douro (Portugal), in ten schools from the main cities: Vila Real, Bragança, Chaves, and Mirandela. These cities were selected because of the greater diversity in modalities and clubs that can be found. From the 15 000 students that are enrolled in the state schools, we selected: athletes that practice school sports and federated sports; they had been practicing the sport for more than two years; their ages ranged from 13 to 18 years old; they did not suffer from

any handicap. The age segment was chosen because The Long Term Athlete Development (Balyi et al., 2013) indicates that it is at these ages that athletes start competing.

The sample used included 664 athletes of school and federated sports (390 male, 274 female), aged 13-18( $16.64 \pm 1.46$ ) years. Of these, 451 athletes practiced team sports, 173 individual sports, and 40 combat sports. The average experience in sport was 4.22 ( $\pm 3.00$ ) years of practice.

Sports included were :i) individual sports — swimming (n=42), badminton (n=37), table tennis (n=31), acrobatic gymnastics (n=18), athletics (n=23), figure skating (n=11), ballet (n=3), field tennis (n=2), cycling (n=2), boccia (n=2), and chess (n=2); ii) team sports — football (n=167), futsal (n=162), volleyball (n=76), basketball (n=24), hockey (n=12), handball (n=9), and rugby (n=1); iii) combat sports — karate (n=23), kickboxing (n=6), kung fu (n=5), judo (n=3), goju-ryu (n=2), and taekwondo (n=1).

This study was approved by the Ministry of Education (attachment A). All the athletes' parents provided a written informed consent form allowing them to participate in the study, and all ethical aspects in the Declaration of Helsinki (UNESCO, 2006) were observed.

### **Instruments**

For data collection, the Questionnaire on Prevention of Violence in Sport was used (attachments G and H). It was developed by Olweus (1989), adapted and validated under the European Training and Mobility of Researchers (TMR) Program — Network Project: Nature and Prevention of *Bullying* by Ortega et al. (1999). Later it was adapted, validated, and used in the TMR project to collect data in Portugal to study the Prevalence of *Bullying* in Sports Training (Nery et al., 2018). The questionnaire consists of 24 questions subdivided into 4 blocks: i) biographical parameters — age, gender, grade, nationality, locality, sport, experience, number, and duration of training per week; ii) victim's perspective — frequency (occasional: 1-2 times a year; + 3-6 times a year; persistent: once a week; several times a week) and forms of mistreatment (type of *bullying*), duration, location, number of actors, feelings, coping, coach and family-coach communication; iii) bystander's perspective- forms of mistreatment (type of *bullying*), feelings, reactions (participating in the aggression, defending the victim

or observing) and reasons for *bullying*; iv) perpetrator's perspective — frequency (occasional: 1-2 times a year;+ 3-6 times a year; persistent: 1 time per week; several times per week) and forms of mistreatment (type of *bullying*), number of actors, feelings and communication.

### **Procedures**

First, the school directors were contacted in order to obtain their permission to apply a questionnaire on *bullying* in sports contexts (school and federated sports) (attachments C and D). Next, the parents were sent an informed consent form (including information on the aims and methods used in the study) (attachments E and F). Once consent was granted, the questionnaire was applied.

The questionnaire was applied by the researcher in six schools, while in the other four schools, it was applied by the Physical Education teachers. The researcher met the students of the six schools to explain the purpose of this study and gathered data on the same day. In the four schools in which there was no direct participation of the researcher, a meeting was held with the Physical Education teachers to explain the aims of the study and the procedures for applying the questionnaires to their students. The data was collected between October 2018 and February 2019.

### **Statistical Analysis**

For statistical analysis, frequency distributions and Chi-Square tests were performed. In sections two, three, and four of the questionnaire, which correspond to the victim's, bystander's, and bully's perspectives, participants were divided into victims, bullies, bystanders. Respondents who did not report experiencing or seeing any *bullying* episodes were not used in the comparative tests. According to sports, we did not carry out any comparative test in what concerns the aggressors' perspective because the percentage of aggressors is very low in individual sports and non-existent in combat sports. Statistical significance was set at  $p < .05$  level. The Monte Carlo method was used when the necessary conditions for applying the Chi-square test were not satisfied.

## Results

In what concerns the prevalence of *bullying* behaviour, 76.4% of the athletes from school sports claimed not to be involved in *bullying*, and only 23.6% admitted being involved. In federated sports, 74,4% of the athletes stated that they were not involved in *bullying* episodes, while 25,6% admitted their involvement.

In what concerns differences between modalities, 26.7% of the athletes reported being involved in *bullying* behaviours in the team sports, 19.1% in individual and 23.1% in the combat. There were no significant differences when comparing *bullying* roles by sports: victim ( $\chi^2(2) = 2.249, p = 0.325$ ), bystander ( $\chi^2(2) = 1.033, p = 0.596$ ) and aggressor ( $\chi^2(2) = 2.087, p = 0.352$ ).

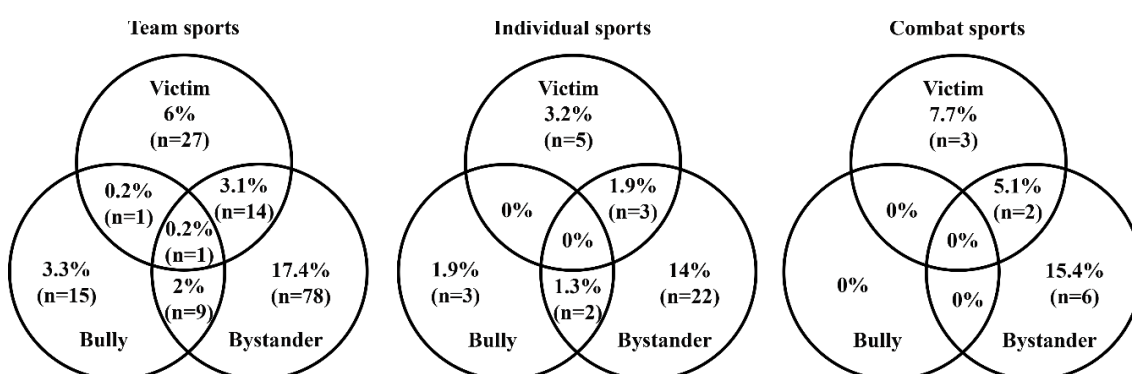


Figure 2 - Prevalence of Bullying Behaviours by Sports

Through the analysis of table one, it was found that most victims reported occasional (91.4%) and verbal (83.3%) *bullying*. These behaviours were generally reported as being individual (83.3%), occurring in the club (57.6%), and lasting for a short period (75%). *Bullying* mainly caused negative feelings in the victims (81%); 73% reported using emotion-focused coping; 39% declared that they did not reveal their feelings to anyone. Most victims did not seek support from the coach (60%), and 80% reported no communication between family and coach. When comparing the victims' perspectives according to sports, no statistically significant differences were found.

Table 4 - Comparison of victims' perspective according to sport practiced

	Total	Team sports	Individual Sports	Combat sports	P
	Freq. (%)	Freq. (%)	Freq. (%)	Freq. (%)	
<b>Frequency</b>					
• Occasional	32 (91.4)	25 (92.6)	5 (100)	2 (66.7)	0.28
• Persistent	3 (8.6)	2 (7.4)	-	1 (33.3)	
<b>Forms of Mistreatment</b>					
• Verbal	23 (83.3)	19 (86.4)	4 (80)	2 (66.7)	0.36
• Social	4 (10)	2 (9.1)	-	1 (33.3)	
• Cyberbullying	3 (6.7)	1 (4.5)	1 (20)	-	
<b>Duration</b>					
• Occasional	21 (75)	15 (71.4)	4 (100)	2 (66.7)	0.60
• Repeated	7 (25)	6 (28.6)	-	1 (33.3)	
<b>Place</b>					
• Competition	9 (27.3)	8 (32)	1 (20)	-	0.57
• Club	19 (57.6)	13 (52)	3 (60)	3 (100)	
• Training and Competition	3 (9.1)	3 (12)	-	-	
• Cyberbullying	2 (6)	1 (4)	1 (20)	-	
<b>Speakers</b>					
• Individual	20 (83.3)	17 (89.5)	2 (50)	1 (100)	0.27
• Group	4 (16.7)	2 (10.5)	2 (50)	-	
<b>Feelings</b>					
• Negative	25 (81)	18 (78.3)	4 (80)	3 (100)	0.82
• Indifference	6 (19)	5 (21.7)	1 (20)	-	
<b>Reactions</b>					
• Focused on emotion	22 (73.3)	17 (77.3)	2 (40)	3 (100)	0.31
• Focused on problem	7 (23.3)	4 (18.2)	3 (60)	-	
• Multiple	1 (3.3)	1 (4.5)	-	-	
<b>Communication</b>					
• No one	12 (39)	11 (47.8)	-	1 (33.3)	0.15
• Peers	8 (26)	7 (30.4)	1 (20)	-	
• Family	8 (26)	4 (17.4)	3 (60)	1 (33.3)	
• Adults	3 (9)	1 (4.3)	1 (20)	1 (33.3)	
<b>Coach Support</b>					
• Did not talk	18 (60)	15 (68.2)	1 (20)	2 (66.7)	0.31
• Talked (negative)	2 (7)	1 (4.5)	1 (20)	-	
• Talked (positive)	10 (33)	6 (27.3)	3 (60)	1 (33.3)	
<b>Communication: family- coach</b>					
• Did not talk	24 (80)	20 (87)	1 (25)	3 (100)	0.08
• Talked (negative)	2 (7)	1 (4.3)	1 (25)	-	
• Talked (positive)	4 (13)	2 (8.7)	2 (50)	-	

From the analysis of table two, it was found that bystanders reported that the most frequent form of mistreatment was verbal (56.6%), leading mainly to negative feelings (95%) towards aggressive behaviour. Bystander's reactions

usually focus on the victim's defence (73.3%); 70% of respondents blamed the aggressor. No statistically significant differences were found when comparing the perspectives of the bystanders according to sports.

Table 5 - Comparison of bystanders' perspective according to sport practiced

	Total	Team sports	Individual sports	Combat sports	P
	Freq. (%)	Freq. (%)	Freq. (%)	Freq. (%)	
<b>Forms of Mistreatment</b>					
• Physical	21 (19.8)	15 (19.2)	4 (18.2)	2 (33.3)	0.85
• Verbal	60 (56.6)	43 (55.1)	13 (59.1)	4 (66.7)	
• Social	22 (20.7)	18 (23.1)	4 (18.2)	-	
• Cyberbullying	3 (2.8)	2 (2.6)	1 (4.5)	-	
<b>Feelings</b>					
• Negative	94 (95)	66 (93)	22 (100)	6 (100)	0.75
• Indifference	1 (1)	1 (1.4)	-	-	
• Neutral	4 (4)	4 (5.6)	-	-	
<b>Reactions</b>					
• Agression participation	2 (2.2)	1 (1.5)	1 (5.6)	-	0.53
• Victimization	5 (5.6)	3 (4.5)	2 (11.1)	-	
• Observation	17 (18.9)	13 (19.4)	2 (11.1)	2 (40)	
• Victim defense	66 (73.3)	50 (74.6)	13 (72.2)	3 (60)	
<b>Motives</b>					
• Don't know	18 (19.3)	15 (21.1)	3 (16.7)	-	0.71
• Agressor responsabilization	65 (70)	48 (67.6)	14 (77.8)	3 (75)	
• Victim responsabilization	10 (10.7)	8 (11.3)	1 (5.6)	1 (25)	

Table 3 presents the frequency of aggressors' perspective only in team and individual sports because none of the combat athletes reported being an aggressor. The results showed that *bullying* behaviours were mostly occasional (94%); only one athlete from individual sports reported being a persistent aggressor. The frequency of aggressors was 15 in the team sports, while only one athlete in individual sports has reported being an aggressor. *Bullying* behaviour assumed a verbal form in 69.2% of the cases, although two athletes who practice team sports mentioned social and other physical *bullying*. The *bullying* behaviour usually occurred in a group (88.2%); only two team sports athletes reported individual aggression. The larger percentage of athletes reported negative feelings (53.8%), while five athletes from team sports reported positive feelings and one indifference. Most athletes did not speak about aggression behaviours to anyone (41.7%), but three team sports athletes



reported communication with adults. In individual sports, only one athlete admitted being an aggressor and talking to the family members.

Table 6 - Comparison of the aggressors' perspective according to sports

	Total	Team Sports	Individual sports
	Freq. (%)	Freq.	Freq.
<b>Frequency</b>			
• Occasional	17 (94.4)	14	3
• Persistent	1 (5.6)	1	-
<b>Forms of Mistreatment</b>			
• Verbal	9 (69.2)	8	1
• Social	2 (15.4)	2	-
• Physical	2 (15.5)	2	-
<b>Speakers</b>			
• Individual	2 (11.8)	2	-
• Group	15 (88.2)	13	2
<b>Feelings</b>			
• Negative	7 (53.8)	6	1
• Indifference	1 (7.7)	1	-
• Positive	5 (38.5)	5	-
<b>Communication</b>			
• No one	5 (41.7)	5	-
• Peers	1 (8.3)	1	-
• Family	3 (25)	2	1
• Adults	3 (25)	3	-

## Discussion

The current study aimed to compare the prevalence of *bullying* behaviour in team, individual, and combat sports. It was verified that only a minority of athletes reported having been involved in *bullying* episodes. Team sports were the ones that showed a higher prevalence of *bullying* (26.7%) compared to combat sports (23.1%) and individual sports (19.1%), although the differences are not statistically significant. Concerning the results of this study, the prevalence of victimization in collective modalities was 9.5% (6% victim, 3.1% victim and bystander, 0.2% victim and aggressor and 0.2% victim, aggressor and bystander), in the individual modalities was 5.1% (3.2% victim and 1.9% victim and bystander) and in the combat sports was 12.8% (7.7% victim and 5.1% victim and bystander). According to Parker (1996), victimization is more likely to happen in individual modalities, namely in track and field. However, the results obtained in this study do not confirm this trend since the combat modality obtained a higher

prevalence of *bullying* than verified in collective and individual modalities. This difference in results can be justified by the fact that combat sports athletes consider aggression an inherent component of competition (Bredemeier & Shields, 1986). The prevalence of victimization in combat modalities may stem from the fact that judo athletes between the ages of ten and fourteen use the gym facilities to get dressed for practice, while footballers usually arrive equipped from home (Escury & Dudinkl, 2010). The absence of adult surveillance in the changing rooms and the entire structure of the club can be a factor in the higher prevalence of victimization.

It was verified that the frequency of victimization according to sports (team, individual, and combat) is occasional in 91.4% of the cases and verbal in 84.2%, similar to the results of Volk & Lagzdins (2009), a study that involved 69 adolescents aged between 12 and 15 years. Regarding emotions, it was possible to verify that victimization transmits negative feelings to athletes (81%) and also observed by Kentel & McHugh (2015).

Our study verified that in team and combat sports, victimization is individual, a finding that contradicts Connell (2001), who stated that there is higher *bullying* flow when the aggressors are in a group. In individual sports, it was verified that victimization is 50% individual and 50% group. These behaviours can be related to the lack of confidence and anxiety of the aggressor (Olweus, 1989). According to Dias (2005), individuals who practice individual sports are more likely to show higher anxiety levels. The aggressor's anxiety can be understood through the success or failure at the sporting level (Lundqvist et al., 2011), as failure leads to negative thoughts, higher stress, and agitation. Thus, the emotional state of the athlete can be related to the prevalence of individual and group victimization in individual modalities.

Athletes in individual sports have, concerning victimization, a reaction focused on the problem (60%). In 60% of the cases, victims talk to the family and their coach. This may be explained by the fact that parents influence and motivate young athletes to practice sports; that is, they exert a positive influence, offering motivational guidance and increasing self-esteem (Gomes, 2010). With parental involvement, athletes who are victims of *bullying* have more support to report these unfortunate experiences. The individual athletes see their coach as their leader because of their experience; as the athlete becomes more competitive,

athlete and coach become closer, spending more hours together (Stirling, 2009), which makes it easier to approach the victimization the athlete is going through. In relation to team and combat sports, the values are different; that is, we verified that victimization in team sports has a reaction focused on emotion (77.3%), the victims do not communicate with anyone (47.8%), not even with their coach (68.2%). In combat sports victimization, it presents a reaction focused on emotion, and the victims do not communicate with their coach (66.7%). The fact that parents have a regular presence in training and competition increases pressure and anxiety (Teques & Serpa, 2013); parents' involvement, when excessive, can increase anxiety (Vasconcelos & Gomes, 2015). This process can lead the athlete to be less open with the parents, precisely because they are deeply involved in their children's sports careers. According to Stirling & Kerr (2014), the coach should build a relationship of respect and trust with the athlete; our study suggests that the athletes may not have enough trust in their coaches to report *bullying* episodes.

Sports participation has a psychological and social impact on the individual (Eime et al., 2013). In this sense, *bullying* in sport, especially victimization, can have a negative impact on athletes, leading to problems that range from depression to anxiety episodes and may even lead to suicide attempts (Geel et al., 2014).

Regarding bystanders, literature reports that *bullying* behaviours in sports context are mainly described by bystanders (Salmivalli, 2010), who report that these behaviours were more frequent in games and training (Mishna et al., 2019). This can be explained by the presence of more bystanders in team sports when compared to the individual and combat sports of our study.

Our results indicate that bystanders tend to defend victims of mistreatment (73.3%), blaming aggressors for inadequate behaviour (70%) and excusing the victims (10.7%). Another investigation has found the reverse, that 77% of bystanders are encouraged by aggressors or other bystanders to intimidate the victim (Fields et al., 2010). Our study found that the reactions and feelings experienced by the bystanders are mostly negative and that they mostly report verbal *bullying*. These results were confirmed and reported in another study carried out in Portugal by Nery et al. (2018).

There is a deep "code of silence" regarding mistreatment in the sport, which can be justified by a feeling of fear or other factors (Stirling et al., 2011). The

prevalence of *bullying* revealed by the participants in this study may lead to the wrong conclusion that *bullying* is not frequent in sports because the victims see aggressive behaviour as inherent to sports (Stirling et al., 2011; Vveinhardt & Fominiene, 2020).

Literature reports that 50% of young people have intimidated someone (Wild et al., 2004); usually, the victims are females, people with disabilities, obesity, or motor difficulties (Gonçalves et al., 2019).

Relatively to the prevalence of abuse by the aggressor, the result of our study indicates that in team sports, it is 5.7% (3.3% aggressor, 2% aggressor and bystander, 0.2% aggressor and victim and 0.2% aggressor, victim and bystander); in individual sports, it is 3.2% (1.9% aggressor and 1.3% aggressor and bystander), and in combat sports do not exist. Vveinhardt & Fominiene (2020) obtained similar results, finding a larger prevalence of aggressors in team sports as compared to individual sports. Combat sports, specifically karate, helps athletes channel aggression and negative feelings through martial art, so it avoids the emergence and vicious cycle of *bullying* (Galindo, 2001). The fact that there are no aggressors in the combat modality can be justified by the sport's philosophy and considering aggression as a component of the competition. However, few studies exist on *bullying* behaviours in Martial Arts and Combat sports in school-age athletes (Simões et al., 2021).

Nixon (1997) states that the practicing of team sports, due to the physical contact, particularly in basketball, may be related to violence outside the sports context; that is, the aggressors may resort to *bullying* out of the sight of the coach or other club members. Shannon (2013) states that *bullying* behaviours may start in the school environment or neighbourhoods and continue in sports clubs.

In our study, the most common form of abuse was verbal *bullying* (69.2%). It is mostly occasional (94.4%); generates negative feelings (53.8%), which are not communicated to anyone (41.7%), coinciding with the results obtained by the victims. In contrast to the victims' perspective, the aggressors claim that mistreatment is carried out in groups (88.2%). As suggested by Shannon (2013), these results can be justified by the lack of supervision, which increases the probability of *bullying* behaviours.

### **Strengths and limitations**

This work is innovative in the area of "*bullying* in sport", because there are no previous studies for this geographical area. The fact that it included male and female athletes in different contexts is also innovative. It is important to emphasize the need for further quantitative and qualitative studies and studies using mixed methods to deepen knowledge on this issue.

Further analysis should include other factors involved in *bullying* behaviours, their interactions, and their impact on different types of *bullying*. The consequences of *bullying*, both in the short and long term, should also be studied. *Cyberbullying* is also an important problem that needs to be studied as its frequency and impact increase.

A limitation of our study may be the structure of the questionnaire. The victims took more time to complete the questionnaire, which may lead to a lack of sincerity on the part of the interviews. A long questionnaire may exhaust the respondents and thus affect their responses. Although the questionnaires are anonymous, the respondents may not be completely honest, and the information collected may not allow a deeper understanding of the problem.

### **Conclusions**

In this investigation, it was verified that the prevalence of *bullying* and the perspective of victims, bystanders, and aggressors in relation to this behaviour, were not different depending on the type of sport practiced. However, it was verified that victimization is superior in combat sports and that bystander and aggressor roles are more frequent in team sports. Although the prevalence of *bullying* in the sport context is low, we believe that it is necessary to implement programs directed to the school community (parents, teachers, and students) to prevent and act against these behaviours. In what concerns sports context, managers, coaches, staff, parents, and athletes should attend lectures on *bullying* behaviour, to inform and draw attention to this issue in order to reduce violent behaviour in sports, according to sports ethics.

## References

- Andrews, J., & Andrews, G. (2003). Life in a secure unit: The rehabilitation of young people through the use of sport. *Social Science & Medicine*, 56(3), 531–550. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(02\)00053-9](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(02)00053-9)
- Balyi, I., Way, R., & Higgs, C. (2013). *Long-Term Athlete Development*. Human Kinetics.
- Bredemeier, B. J., & Shields, D. L. (1986). Athletic Aggression: An Issue of Contextual Morality. *Sociology of Sport Journal*. <https://doi.org/10.1123/ssj.3.1.15>
- Connell, R. W. (2001). Educando a los muchachos: Nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de género para las escuelas. *Nómadas*, 156–171.
- Corral-Pernía, J. A., Chacón-Borrego, F., Fernández-Gavira, J., & Rey, R. D. (2017). *Bullying* according to the level of physical activity in adolescents. *Revista de Psicología Del Deporte*, 27(3), 61–66.
- Cunti, A., Bellantonio, S., & Priore, A. (2016). Sport, gender differences and sexuality between social stereotypes and educational needs for recognition of subjectivities. *Studia UBB Educatio Artis Ginásio*, LXI,4, 77–84.
- Dias, C. S. (2005). *Do stress e ansiedade às emoções no desporto: Da importância da sua compreensão à necessidade da sua gestão*.
- Douglas, K., & Carless, D. (2009). Abandoning The Performance Narrative: Two Women's Stories of Transition from Professional Sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, 213–230. <https://doi.org/10.1080/10413200902795109>
- Eccles, J. S., Barber, B. L., Stone, M., & Hunt, J. (2003). Extracurricular Activities and Adolescent Development. *Journal of Social Issues*, 59(4), 865–889. <https://doi.org/10.1046/j.0022-4537.2003.00095.x>
- Eime, R. M., Young, J. A., Harvey, J. T., Charity, M. J., & Payne, W. R. (2013). A systematic review of the psychological and social benefits of participation in sport for adults: Informing development of a conceptual model of health through sport. *The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10, 135. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-135>
- Escury, A., & Dudinkl, A. (2010). *Bullying Beyond School: Examining the Role of Sports*. In: JIMERSON, Shane.; SWEARER, Susan; ESPELAGE, Dorothy. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*.

- Fields, S. K., Collins, C. L., & Comstock, R. D. (2010). Violence in youth sports: Hazing, brawling and foul play. *British Journal of Sports Medicine*, 44(1), 32–37. <https://doi.org/10.1136/bjsm.2009.068320>
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). *Bullying in Sport and Performance Psychology*. In L. A. Fisher & L. Dzikus, *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.169>
- Galindo, A. G. (2001). *Programa estadual de iniciação ao karatê – PROEIK: introdução pioneira do karatê como prática de educação física na rede de ensino do estado do Amapá*. 2, 47–52.
- Geel, M. van, Vedder, P., & Tanilon, J. (2014). Relationship between peer victimization, cyberbullying, and suicide in children and adolescents: A meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 168(5), 435–442. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2013.4143>
- Gomes, A. R. (2010). Influência parental no desporto: A percepção de pais e jovens atletas portugueses. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(4), 490–503. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400007>
- Gonçalves, G., Deiques, E., Peres, A., & Júnior, C. (2019). *Bullying como violência sistemática que conduz à estigmatização nas escolas de futebol*. *Kinesis*, 37. <https://doi.org/10.5902/2316546430606>
- Hughes, R., & Coakley, J. (1991). Positive Deviance among Athletes: The Implications of Over Conformity to the Sports Ethic. *Sociology of Sport Journal*, 8, 307–325. <https://doi.org/10.1123/ssj.8.4.307>
- Kentel, J. L., & McHugh, T.-L. F. (2015). “Mean Mugging”: An Exploration of Young Aboriginal Women’s Experiences of *Bullying* in Team Sports. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 37(4), 367–378. <https://doi.org/10.1123/jsep.2014-0291>
- Kerr, G., Jewett, R., MacPherson, E., & Stirling, A. (2016). Student–Athletes’ Experiences of *Bullying* on Intercollegiate Teams. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 10(2), 132–149. <https://doi.org/10.1080/19357397.2016.1218648>
- Lundqvist, C., Kenttä, G., & Raglin, J. S. (2011). Directional anxiety responses in elite and sub-elite young athletes: Intensity of anxiety symptoms matters. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 21(6), 853–862. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2010.01102.x>

- Melim, F. M., & Pereira, B. O. (2013). Prática desportiva, um meio de prevenção do *bullying* na escola? *Movimento*, 19(2), 55–77.
- Mishna, F., Kerr, G., McInroy, L. B., & MacPherson, E. (2019). Student athletes' experiences of *bullying* in intercollegiate sport. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 13(1), 53–73. <https://doi.org/10.1080/19357397.2019.1581512>
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. K. (2018). *Bullying* in youth sport training: A nationwide exploratory and descriptive research in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 0(0), 1–17. <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1447459>
- Nixon, H. L. (1997). Gender, sport, and aggressive behavior outside sport: *Journal of Sport and Social Issues*, 21(4), 379–391. <https://doi.org/10.1177/019372397021004005>
- Olweus, D. (Ed.). (1989). Prevalence and incidence in the study of antisocial behavior: Definitions and measurement. In *Klein, M. Cross-National Research in Self-Reported Crime and Delinquency* (pp. 187–201). Kluwer.
- Ortega, R., Mora, M., Lera, J., & Mora, J. (1999). Cuestionario sobre intimidación maltrato entre iguales. Universidade de Sevilha. *Consejería de Educación y ciencia*, 1–8.
- Parker, A. (1996). The Construction of Masculinity within Boys' Physical Education. *Gender and Education*, 8(2), 141–158. <https://doi.org/10.1080/09540259650038824>
- Rosa, V. A. G. (2016). *Impacto da prática de exercício físico em adolescentes: Bem-estar, autoestima e rendimento escolar*
- Salmivalli, C. (2010). *Bullying* and the peer group: A review. *Aggression and Violent Behavior*, 15(2), 112–120. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2009.08.007>
- Shannon, C. S. (2013). *Bullying* in Recreation and Sport Settings: Exploring Risk Factors, Prevention Efforts, and Intervention Strategies. *Journal of Park and Recreation Administration*, 31.
- Simões, H., Santos, P. M., Pereira, B., & Figueiredo, A. (2021). As Artes Marciais e os Desportos de Combate e o *Bullying*: Uma revisão sistemática (Martial Arts and Combat Sports and the *Bullying*: a systematic review) (Las artes marciales y deportes de combate y el acoso escolar: una revisión sistemática). *Retos*, 39, 834–843. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i39.77412>



- Smith, P., & Monks, C. (2008). *Concepts of bullying: Developmental and cultural aspects* (Vol. 20). <https://doi.org/10.1515/IJAMH.2008.20.2.101>
- Spaaij, R., & Schailée, H. (2019). Unsanctioned aggression and violence in amateur sport: A multidisciplinary synthesis. *Aggression and Violent Behavior, 44*, 36–46. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.11.007>
- Stirling, A. (2009). Definition and constituents of maltreatment in sport: Establishing a conceptual framework for research practitioners. *British Journal of Sports Medicine, 43*(14), 1091–1099. <https://doi.org/10.1136/bjism.2008.051433>
- Stirling, A. E., Bridges, E. J., Cruz, E. L., & Mountjoy, M. L. (2011). Canadian Academy of Sport and Exercise Medicine Position Paper: Abuse, Harassment, and *Bullying* in Sport. *Clinical Journal of Sport Medicine, 21*(5), 385–391. <https://doi.org/10.1097/JSM.0b013e31820f9248>
- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2014). Initiating and Sustaining Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship: An Ecological Transactional Model of Vulnerability. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 23*(2), 116–135. <https://doi.org/10.1080/10926771.2014.872747>
- Teques, P., & Serpa, S. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceptuais e metodológicas. *Revista de Psicologia del Deporte, 22*(2), 533–539.
- UNESCO. (2006). *Universal Declaration on Bioethics and Human Rights*. Paris.
- Vasconcelos, S., & Gomes, A. R. (2015). Comportamentos parentais, orientação motivacional e objetivos desportivos; um estudo com jovens atletas. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte, 10*(2).
- Ventura, C., Prat, M., Flores Aguilar, G., Lleixà, T., Soler, S., & Ríos, X. (2019). *Bullying I Cyberbullying al Futbol Formatiu a Catalunya*. Fundació, Barcelona: Fundació Barça.
- Volk, A., & Lagzdins, L. (2009). *Bullying* and victimization among adolescent girl athletes. *Journal of Athletic Training, 11*, 13–31.
- Vveinhardt, J., & Fominiene, V. B. (2020). Prevalence of *bullying* and harassment in youth sport: The case of different types of sport and participant role. *Journal of Human Sport and Exercise, 0*(0), in press. <https://doi.org/10.14198/jhse.2022.172.04>

Wild, L. G., Flisher, A. J., Bhana, A., & Lombard, C. (2004). Associations among adolescent risk behaviours and self-esteem in six domains. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(8), 1454–1467.

### **Estudo III**

Comportamentos de *bullying* em jovens praticantes de desporto \*

*Bullying* behaviours in young athletes

---

\*Publicado na Revista Retos - Comportamentos de *bullying* em jovens praticantes de desporto (Bullying behaviours in young athletes). *Retos*, 42, 861.

## Resumo

O objetivo do estudo foi descrever a natureza dos comportamentos de *bullying* de atletas do desporto federado na Região Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Através da realização de entrevistas semiestruturadas foram inquiridos 13 atletas do desporto federado. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados sugerem que existem ocorrência de comportamentos de *bullying* no desporto. Os inqueridos caracterizam o conceito de *bullying* como comportamentos de gozo, violência física e brincadeira, considerando os tipos de *bullying* mais usuais, o *bullying* verbal e o *bullying* físico. Os locais mais propícios à ocorrência de episódios de *bullying* são os balneários, o treino e a prática desportiva, que ocorrem pela falta de vigilância de adultos e agressividade entre pares. Os atletas referem que o treinador tem um papel importante na diminuição de comportamentos de *bullying* no desporto. Os atletas referiram que o *bullying* deve ser um tema crucial nas investigações científicas, bem como, em programas de prevenção e intervenção no contexto desportivo e contexto escolar, com a finalidade de sensibilizar a sociedade para esta temática.

Palavra-chave: *Bullying* verbal, *bullying* físico, brincadeira, prevenção, intervenção, treinador.

## Abstract

The aim of the paper was to describe the nature of *bullying* behaviours among federated sport athletes in the Trás-os-Montes and Alto Douro region, Portugal. Thirteen federated sports athletes were interviewed, using semi-structured interviews. The data was analysed using the content analysis technique. The results suggest that *bullying* behaviours occur in sport. The respondents characterized *bullying* as behaviours of mockery, play and physical violence. They also identified the most common types of *bullying* as verbal and physical. The most likely places for *bullying* episodes to occur are changing rooms, training and games, due to the lack of adult supervision and aggressiveness between peers. Athletes reported that the coach has an important role in reducing *bullying* behaviours in sport. The athletes mentioned that *bullying* should be the object of scientific investigation, as well as in prevention and intervention programs both in sport and school contexts, in order to increase awareness on this issue.

Keywords: verbal *bullying*, physical *bullying*, play, prevention, intervention, coach.

### Resumen

El objetivo del estudio fue describir la naturaleza de las conductas de acoso de deportistas federados en la región de Trás-os-Montes y Alto Douro, Portugal. Se entrevistó a 13 deportistas federados, utilizando entrevistas parcialmente estructuradas. Los datos se analizaron mediante la técnica de análisis de contenido. Los resultados sugieren que los comportamientos de intimidación ocurren en el deporte. Los encuestados caracterizan el concepto de *bullying* como conductas de mofa, violencia física y juego. Identificaron los tipos más comunes de *bullying*, el verbal y el físico. Los lugares más probables para que ocurran episodios de intimidación son los vestuarios, los entrenamientos y la práctica deportiva, por falta de vigilancia de los adultos y la agresividad entre compañeros. Los atletas consideran que el entrenador tiene un papel importante en la reducción de las conductas de acoso en el deporte. Los deportistas mencionaron que el acoso debe ser un tema crucial en las investigaciones científicas, así como en los programas de prevención e intervención en el contexto deportivo y escolar, con el propósito de sensibilizar a la sociedad sobre este tema.

Palabras claves: acoso verbal, acoso físico, juego, prevención, intervención, entrenador

### Introdução

O *bullying* é uma preocupação mundial, com relevo em vários estudos internacionais (Espelage & Swearer, 2003).

O *bullying* é um comportamento negativo, de carácter repetitivo, que ocorre num relacionamento onde há desequilíbrio de poder (Olweus, 2010), que pode ocorrer em vários contextos, nomeadamente, no contexto escolar e no contexto federado (Volk & Lagzdins, 2009).

Na última década, o *bullying* no desporto federado tem gerado mais preocupação por parte de alguns investigadores (Evans et al., 2016; Nery et al., 2018; Volk & Lagzdins, 2009; Vveinhardt & Fominiene, 2019). O desempenho do atleta está associado ao seu bem-estar e autoestima (Rosa, 2016), contudo se o atleta for

incapaz de executar conforme o desejado, ficará mais vulnerável, podendo levar ao aparecimento de comportamentos de *bullying* no clube desportivo (Ventura et al. 2019).

Os investigadores Corral-Pernía et al. (2017) realizaram um estudo a 54 atletas do desporto federados com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade, com suporte ao Questionário Europeu do Projeto de Intervenção sobre *bullying*. Nesse estudo concluiu-se que 22,2% da amostra em estudo, esteve envolvido em episódios de *bullying* (16,7% vítima, 3,7% agressor e 1,9% agressor-vítima). No mesmo contexto, Nery et al. (2018) num estudo realizado em Portugal, nas cidades do Porto, Coimbra e Faro, a uma amostra de 1458 atletas do desporto federado do sexo masculino, verificou que 10% dos inquiridos relatam terem sido agressores, 11% vítimas e 35% observadores. Vveinhardt & Fominiene (2019) também concluíram no seu estudo que 20% dos atletas no desporto federado já sofreram de *bullying*.

Ao nível das modalidades desportivas, foi realizado um estudo na Lituânia a 1440 praticantes do desporto federado com idades compreendidas entre os 16 e os 29 anos, onde foi possível verificar que um terço dos praticantes das modalidades coletivas se identificam como vítimas. Nas modalidades individuais, os atletas mencionam ser vítimas e observadores, sendo que, a percentagem de observadores (masculino 26.9% e feminino 24.9%) é maior, comparativamente às vítimas, relativamente aos resultados obtidos na própria equipa e equipa adversária (masculino 20.1% e 14.4%). Um quinto dos inquiridos menciona agredir os membros da equipa e adversários, com maior frequência nas modalidades coletivas (masculino 24.5% e feminino 12.9%) e de combate (masculino 17.9% e feminino 5%), contrariamente ao que se verificou nas modalidades individuais (masculino 17.2% e feminino 5.3%) (Vveinhardt & Fominiene, 2020).

Yildiz (2015) afirma que altos níveis de esgotamento que as vítimas podem sofrer devido ao *bullying*, podem reduzir a sua performance e também o desempenho da equipa. Neste sentido, a literatura refere que o desgaste causado pelo *bullying*, a incapacidade de se opor e a vergonha experimentada, podem levar a pensamentos de abandono do desporto (Fisher & Dzikus, 2017; Fredrick & Demaray, 2018; Yildiz, 2015).

O *bullying* não ocorre apenas em contexto federado, ocorre também em contexto escolar (Seixas, 2005), através de episódios de vitimização e agressão por parte de alunos que apresentam fatores de insucesso escolar, comparativamente aos alunos com sucesso escolar (Costa & Pereira, 2010). A prática desportiva, nomeadamente as artes marciais, poderá atuar como prevenção à violência em contexto escolar (Cascales & Prieto, 2019).

Apesar de existir alguma literatura relativamente ao *bullying* no contexto desportivo, Hernandez & Voser (2012) refere que a maioria das investigações realizadas nesta temática são estudos quantitativos, o que leva a uma explicação incompleta do tema. Desta forma, Torrance (2000) enfatiza a utilidade da pesquisa qualitativa para área do *bullying* para desenvolver uma compreensão profunda do fenómeno.

As metodologias de investigação qualitativas visam, mais do que a explicação, a compreensão, alicerçam-se nos estudos em profundidade (Glesne, 2016), fator que pode ajudar a compreender melhor o desporto, o exercício, as práticas físicas e neste caso em concreto, a área do *bullying* em contexto desportivo. Porém, verifica-se uma escassez de investigações qualitativas na área do *bullying* no contexto desportivo (Kerr et al., 2016).

Em Portugal, verifica-se o mesmo problema relativamente à escassez de literatura na área do *bullying* em contexto desportivo. É possível encontrar um estudo realizado no arquipélago da Madeira, onde se verificou que a vitimização é mais elevada no desporto escolar do que no federado (Melim & Pereira, 2013); outro realizado em Portugal Continental, mais especificamente nas regiões do Porto, Coimbra e Faro, onde foi possível apurar uma prevalência de *bullying* de 56% (Nery et al., 2018), e por fim, outro realizado nas cidades de Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real, com uma prevalência de *bullying* (vítimas, agressores e observadores) nas modalidades coletivas de 26,7%, nas modalidades individuais de 19,1% e de combate de 23,1% (Marracho et al., 2021).

Face ao exposto, o objetivo do nosso estudo centra-se em identificar a natureza dos comportamentos de *bullying* de jovens federados na Região Trás-os-Montes e Alto Douro, especificamente nas cidades de Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real, Portugal. Este estudo sustentou-se numa metodologia qualitativa, dada a necessidade de compreensão profunda do entendimento do *bullying* no

contexto federado. Justifica-se o nosso estudo, pela escassez de literatura na área do *bullying* no contexto federado em ambos os sexos na região em questão (Marracho et al., 2021; Nery et al., 2018), bem como, a necessidade de aprofundar a compreensão de comportamentos de *bullying* no desporto federado.

### **Método**

O método qualitativo foi o método utilizado para esta investigação, sendo considerado como o método apropriado para obter interpretações ricas e detalhadas de contextos e integrações sociais (Sandelowski, 2000).

### **Participantes da pesquisa**

Participaram neste estudo 13 atletas federados com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos integrados na fase Training to Compete Stage de acordo com o modelo Long Term Athlete Development (LTDA) (Balyi et al., 2013). Nove atletas do sexo masculino, participantes de modalidades desportivas coletivas– futebol (4 atletas), basquetebol (1 atleta) e andebol (1 atleta) – e individuais: atletismo (2 atletas); e na modalidade de combate– karaté (1 atleta). Relativamente ao sexo feminino participaram quatro atletas do desporto federado, que praticavam modalidades coletivas– basquetebol (1 atleta) – e individuais: atletismo (2 atletas) e natação (1 atleta).

O número de participantes da amostra não foi previamente definido para o estudo em questão, os atletas foram entrevistados até ser atingida a técnica de saturação, alcançada após a transcrição do 13.º entrevistado (Sandelowski, 2000).

### **Instrumentos**

A metodologia utilizada para a recolha de dados foi a entrevista semiestruturada (Bardin, 2008; Ghiglione & Matalon, 2001), sendo a técnica de entrevista a mais frequentemente usada em pesquisas qualitativas, provando ser versátil e flexível. As entrevistas podem ser realizadas individualmente ou em grupo (DiCicco-Bloom & Crabtree, 2006). As entrevistas semiestruturadas envolvem conversas profundas entre o pesquisador e o entrevistado, mediante o objetivo



da pesquisa, mas são fortemente guiadas pelas percepções, opiniões e experiências do entrevistado (Carrington & Graham, 2001).

O guião de entrevista (anexo J) foi elaborado de acordo com os seguintes passos: i) preparação de um primeiro esboço com base nos objetivos do estudo e da literatura relevante no âmbito do *bullying* no contexto; ii) validação da primeira versão do guião, por peritagem (3 Professores Doutorados) especialistas na temática e nesta metodologia); iii) discussão dos resultados com base nas sugestões apresentadas por cada um dos especialistas; iv) realização de uma entrevista piloto com dois elementos do universo em estudo; v) reajuste dos resultados da reflexão em grupo do estudo piloto. Finalizadas as etapas enunciadas, e sem alterações estruturais ao esboço inicial, por unanimidade foi decidido por parte dos especialistas, a elaboração da versão final do guião de entrevista, estruturada em seis grandes dimensões de análise. Tendo em consideração os objetivos desta investigação, foram analisadas três das seis grandes dimensões de análise: i) Conceito sobre o *bullying* e importância da investigação do tema *bullying*; ii) tipos de *bullying*, local, e as razões na perspetiva do observador; iii) prevenção e intervenção. Na última dimensão foi possível apresentar um conjunto de questões para compreender a opinião dos entrevistados sobre a prevenção e combate relativamente à temática em estudo.

### **Procedimentos**

Contactaram-se os encarregados de educação via *e-mail*, de forma a solicitar autorização para o seu educando participar no estudo, informando-os ainda que a entrevista deverá ocorrer em condições adequadas (anexo I). Para o efeito, será necessário que o seu educando se encontre num local isolado onde não existam interrupções, perturbações e com acesso a um sinal estável de ligação à internet. As entrevistas foram realizadas pelo autor entre os dias 12 de maio e 17 de julho de 2020, intermediadas pela plataforma de videoconferência ZOOM. Devido à natureza sensível do tema, cada participante obteve uma breve informação acerca dos objetivos de estudo. As entrevistas tiveram a durabilidade entre os 8 e 27 minutos e, com o consentimento dos encarregados de educação e dos entrevistados, foram gravadas em formato vídeo com áudio incorporado e transcritas na íntegra.

### **Análise de dados**

O tratamento de dados foi realizado por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2008). A construção do sistema categorial foi dividida em categorias a priori e categorias a posteriori. A organização das categorias a priori parte de uma estrutura pré-elaborada em termos de fundamentação teórica, bem como das experiências na organização e realização das entrevistas junto aos sujeitos da pesquisa. Essas categorias surgem a partir de um quadro teórico, considerando as características que se destacam. O sistema a posteriori resulta da classificação dos elementos (frase, palavras). As categorias resultantes foram submetidas ao já citado painel de peritos, a fim de se cumprir as normas de fidelidade e validade do processo (Bardin, 2008).

### **Resultados**

Considerando os três principais objetivos da nossa investigação — i) questões conceituais de *bullying* e importância da investigação do tema *bullying*; ii) natureza dos comportamentos de *bullying* na perspectiva do observador; iii) prevenção e intervenção – apresentamos em seguida as categorias encontradas durante a análise dos resultados, referentes aos três objetivos em estudo.

i) Conceito sobre o *bullying* e a importância da investigação do tema *bullying*

Pretendeu-se conhecer a concepção que os alunos tinham acerca do *bullying*. Apesar da diversidade de experiências compartilhadas, as palavras dos participantes referem que o principal objetivo do *bullying* é tentar fazer com que os outros se sintam mal.

*é quando as pessoas tratam mal outras ao fazer coisas que as assustam e as deixam desconfortáveis (Atleta 5)*

*o bullying é uma coisa muito desagradável, é basicamente deitar abaixo uma pessoa, seja do atletismo ou na escola (Atleta 10)*

Relativamente ao conceito sobre o *bullying* foram identificadas as seguintes categorias: violência física; abuso psicológico; brincadeira; abuso verbal, e subcategoria gozar.

Violência física — Os entrevistados especificam a idade como um fator vulnerável na vitimização entre pares. A violência física que se baseia no contacto físico entre sujeitos, é uma consequência da existência de

comportamentos agressivos entre pares. Este tipo de violência é caracterizado como não repetido.

*uma parte física bater assim uns nos outros, normalmente é o mais forte com o mais fraco ou mais novo (Atleta 4)*

Abuso psicológico — O *bullying* também foi descrito pelos entrevistados como uma forma de agredir alguém “psicologicamente”. Este tipo de agressão surge pelo facto de as vítimas terem uma baixa autoestima, e transmitirem sentimentos de ansiedade e frustração. Deste modo, os agressores verificam que as vítimas estão mais vulneráveis, aproveitando esta fragilidade para as inferiorizar.

*uma pessoa não tem o direito, mas certa forma o faz, tentar pôr uma pessoa abaixo dela, senti-la mais fraca que a outra (Atleta 6)*

Brincadeira — Alguns intervenientes testemunharam a inexistência ou incidência mínima de *bullying*. Muitos percecionam a sua ocorrência como um ato de interação entre pares, em forma de jogo e brincadeira, camuflando a existência de agressividade entre pares.

*é sempre no tom de brincadeira, porque acho que bullying, bullying nunca houve (Atleta 2)*

Abuso verbal — São conteúdos verbais não repetidos, com objetivo de inferiorizar a vítima, com comentários desagradáveis. Os comportamentos de isolamento perante o grupo e a contínua baixa autoestima, são reflexos do tipo de abuso verbal do agressor relativamente à vítima.

*fazer um comentário não tão...que não é bom para essa pessoa que não vai deixar bem, que um comentário que não se adequa a essa pessoa só (Atleta 11)*

Gozar — na subcategoria gozar integrada na categoria abuso verbal, os praticantes referem que a intenção do *bullying* é fazer com que os outros se sintam mal, persuadidos muitas vezes pela performance baixa do atleta e pelas diferentes formas de pensar, como forma de atingir a vítima. Os comportamentos de gozo são caracterizados como comportamentos de *bullying*, com a intenção de prejudicar ou magoar através do uso indevido de poder, que ocorrem de forma intencional pelos agressores para atingirem a vítima.

*ou uma pessoa jogar melhor do que outra, eles gozam por exemplo com isso (Atleta 2)*

*é gozar com os outros pelo que é inevitável pelo que eles fazem, ou que gostam de fazer (Atleta 7)*

*quando se está a gozar com alguém, ou fazer pouco e intimidar isso é em grupo. Já presenciei a um ato desses (Atleta 12)*

Quando questionados acerca da relevância do tema *bullying*, foi possível perceber que os atletas atribuem muita importância à existência de investigações sobre a temática em estudo, evidentes nas categorias sensibilizar e prevenir.

Sensibilizar — Os entrevistados referem que as investigações científicas acerca do tema *bullying* em contexto desportivo, podem ser uma forma de consciencializar para o tema, e combater as agressões entre pares. Os inquiridos reconhecem a necessidade de estudos sobre o tema, realçando a importância da divulgação ser efetuada de forma presencial, ou através de palestras em clubes desportivos e escolas. Através delas, os jovens tornar-se-ão mais sensíveis à problemática, considerando que muitas das vezes a ignorância sobre o tema, deriva de forma parcial ou total, do seu desconhecimento.

*com estudos podem sempre monitorizar melhor estas situações e conseguir contrariar (Atleta 4)*

*acho que isso vai fazer com que toda a gente fique a perceber mais como as coisas acontecem no desporto (Atleta 9)*

Prevenir — os atletas referem a necessidade da prevenção no combate ao *bullying*, de forma a antecipar esses comportamentos. Uma estratégia de comunicação eficaz sobre o tema, aliada ao diálogo com os intervenientes, poderá ser benéfico para a resolução de problemas entre pares, e desta forma, prevenir comportamentos de *bullying*.

*teremos de perceber o porquê, das pessoas fazerem bullying ou porquê de as pessoas sofrerem de bullying (Atleta 6)*

*acho que há certas situações que podem ser evitadas se esse assunto for mais abordado (Atleta 8)*

ii) tipos de *bullying*, local e razões na perspetiva do observador

Pretendeu-se, de seguida, perceber quais os tipos de *bullying* utilizados, os locais onde ocorrem esses episódios, e as razões desses locais são cenários de episódios de *bullying*, na perspetiva do observador. Relativamente aos tipos de *bullying*, foram identificados pelos atletas as categorias *bullying* verbal e *bullying* físico; e as subcategorias abuso psicológico e violência física.

*Bullying* verbal — No que diz respeito à agressão verbal, os entrevistados referem que para além das ofensas, existem piadas e temas de gozo mais comuns relacionadas com a performance desportiva e características físicas.

*a rapariga era de outro clube, era um colar assim um pouco mais grossos, e então o meu colega estava sempre a dizer que aquilo era uma coleira, e chamava de cadela (Atleta 9)*

*era só alguns “bitaites”, assim aí e tal não prestas (Atleta 13)*

Na subcategoria abuso psicológico integrada na categoria *bullying* verbal, os observadores qualificam este tipo de abuso como uma forma de exprimir a sua performance competitiva. Deste modo, os agressores rebaixam as vítimas do êxito por eles conquistado, proporcionando sentimentos de frustração e baixa autoestima relativamente à vítima. A performance baixa da vítima é novamente considerada um dos fatores que provoca este tipo de abuso.

*muitas vezes uma pessoa fica rebaixada apenas... não, certa forma não é bullying é mais competitividade, e chega a ponto de fervura psicológica (Atleta 6)*

*eu não diria que é bem bullying não é, mas um bocado de infantilidade nesse aspeto, não receber aquele feito e aquela realização dele de obter o melhor resultado e inferiorizar um bocadinho quem tem pior resultado, eu acho que não era bullying (Atleta 11)*

*Bullying* físico — estes tipos de comportamentos agressivos envolvem contacto físico entre sujeitos de forma repetitiva e intencional. Os atletas observadores demonstram muita preocupação com este tipo de agressão, referindo que muitas vezes este tipo comportamento pode ser individual ou em grupo, e sempre ao(s) mesmo(s) alvo(s).

*sempre o mesmo, ao mesmo, estarem sempre a dar cinco ou seis entradas muito agressivas a meio da perna, canela, se for preciso ao joelho (Atleta 3)*

*já presenciei bastante situações agressivas, e pode se considerar bullying até (Atleta 4)*

Na subcategoria violência física integrada na categoria *bullying* físico, os observadores caracterizam a violência física como um comportamento não repetitivo, referindo que o tipo de agressão em análise, assenta no contacto físico entre sujeitos, que pode ocorrer em público.

*elas encontram-se por causa disso no desporto e houve pancadaria... elas arrancaram o cabelo uma à outra, mas foi uma situação pontual (Atleta 8)*

Depois de analisar as categorias relativas aos tipos de *bullying*, quisemos identificar os locais onde ocorrem as agressões. Os dados obtidos permitem identificar pelos atletas observadores as seguintes categorias: treino; prova desportiva; escola e balneário.

Treino — Geralmente o espaço de treino é um dos locais onde ocorrem episódios de *bullying*. Neste espaço é evidente o conhecimento da problemática por parte do(s) adulto(s), de forma a intervir quando surjam episódios, evitando a distorção da distinção do que é competitividade e agressão entre pares.

*no treino...o que acontece dentro campo fica lá... pois nós na brincadeira, no fim é que dizemos que estamos a brincar...ou assim...porque eles nunca levam a mal, porque fora de campo são sempre amigos (Atleta 2)*

Prova desportiva — No contexto federado, existem opções desportivas por parte dos treinadores na escolha dos atletas durante a competição, assim como, entre clubes relativamente à tabela classificativa. Ambos os fatores podem causar rivalidade e inveja, originando a ocorrência de agressões entre pares.

*em diferentes jogos as coisas ficam agressivas entre jogadores, ele é o nosso adversário, mas não é nosso inimigo (Atleta 4)*

Escola — Os observadores relatam a existência de episódios de *bullying* no contexto escolar, identificando os espaços não vigiados por adultos como os mais propícios à ocorrência de episódios de *bullying*.

*os locais eram sempre fora da sala de aula porque temos sempre o professor à vista, em locais mais abrigados onde não havia tanta gente (Atleta 12)*

Balneário — Sendo o balneário o espaço comum para todos os atletas, é sem dúvida a sua zona de conforto. Estas zonas caracterizam-se na maioria das vezes por espaços pouco vigiados pelos adultos e, por isso, segundo os observadores, assinalado como locais propícios à ocorrência de alguns episódios de *bullying*. Nestes locais as vítimas estão mais vulneráveis pela falta de apoio de um adulto, facilitando os comportamentos agressivos por parte do agressor relativamente à vítima.

*também já aconteceu no balneário, mas nunca é nada assim muito grave (Atleta 1)*

Passou-se em seguida à análise das razões das agressões, nos locais referidos. Foram identificados pelos atletas as seguintes categorias: treino; prova desportiva; escola e balneário.

Treino — Os observadores referem que a competitividade “intrínseca” no treino pode ser um dos fatores de ocorrência de comportamentos de *bullying*. Estes comportamentos podem surgir pela falta de esforço no treino por parte de alguns atletas, comparativamente a outros atletas mais esforçados e dedicados. A dose competitiva deve ser medida pelo responsável do treino, de forma a evitar qualquer tipo de comportamento indesejado na prática desportiva.

*era um passe ou era um remate ou deveria ter passado a bola, começa as discussões, depois lá vem uma boca que devias ter passado só fazes porcaria, depois começa aí a discussão (Atleta 3)*

Prova desportiva — Na competição pode surgir rivalidade e inveja, originando a ocorrência de agressões entre pares. O facto do dia da competição ser o único dia de encontro entre as equipas, pode justificar a ocorrência de agressões.

*faz falta ou começa a fazer faltas propositadas e isso consoante essas faltas, provoca a tal agressão (Atleta 6)*

*era o único sítio onde eles viam, porque era por ser os encontros das equipas os clubes (Atleta 9)*

Escola — Os atletas observadores referem que a falta de vigilância por parte dos assistentes operacionais no contexto escolar, proporciona a ocorrência de episódios de *bullying*. Os agressores optam por locais sem vigilância e mais resguardados.

*até eu intervir na situação era cá fora no recreio numa parte mais abrigada onde não estava tanta gente (Atleta 12)*

Balneário — O balneário, é caracterizado pelo local sagrado dos atletas. Esta “cultura desportiva” relativa ao local é justificada pela falta de vigilância de adultos. Por esse mesmo motivo os observadores referem que existem certas provocações entre pares, que muitas vezes são interpretadas como brincadeira.

*no balneário é por causa de brincadeiras estúpidas, tiram a chuteira, depois atiram com ela, começa logo aí uma confusão do caraças (Atleta 1)*

iii) prevenção e intervenção

Questionando os atletas acerca de estratégias que consideravam adequadas para a prevenção e o combate ao *bullying*, as categorias indicadas para a prevenção foram: prevenir e sensibilizar.

Prevenir — Os observadores relatam que a prevenção no combate ao *bullying* e a antecipação de episódios de *bullying*, são estratégias para diminuir estes comportamentos. Estratégias como o apoio à vítima em ambiente escolar e contexto desportivo, podem ser uma forma de prevenção.

*Isso [o bullying] deveria ser sempre prevenido, porque isso chega a um ponto que farta e a vítima também não gosta de estar sempre a levar do mesmo, a vítima deve-se fartar (Atleta 3)*

Sensibilizar— Os observadores mencionam que ações de formação e sensibilização no contexto escolar e federado, podem ser usadas como estratégias adequadas para evitar o *bullying*.

*acho que desse modo as pessoas iriam ter um bocadinho mais de consciência evitar certas situações (Atleta 8)*

*ações de sensibilização devem ser realizadas por parte daqueles que percebam do caso (Atleta 12)*

Depois de conhecidas as estratégias de prevenção, pretendeu-se conhecer que personalidades deverão implementar tais estratégias. Nesse sentido, os dados obtidos permitiram identificar as seguintes categorias: treinador e capitão de equipa.

Treinador — O papel de líder de equipa exige um conhecimento sobre o tema, bem como, de estratégias adequadas para o combate ao *bullying*. Os atletas observadores referem que o treinador deve ter uma intervenção mais ativa, de apoio e sensibilização para esta temática. Com este tipo de estratégia comunicativa e interventiva, os episódios de *bullying* no contexto desportivo poderão ser evitados.

*os treinadores e assim deviam informar também que o bullying não devia existir no futebol, não é, nem no futebol nem em lado nenhum, mas deviam informar (Atleta 2)*

*os treinadores podem estar um pouco mais atentos a essas situações dentro de campo e tentar contrariá-las (Atleta 4)*



*às vezes em situações em que possam estar desconfiados, envolverem-se em vez de deixarem os atletas resolvam sozinhos (Atleta 5)*

*devia ser um tema mais falado entre treinadores e atletas, para as pessoas compreenderem melhor quais são os efeitos que isso pode causar as consequências (Atleta 9)*

Capitão de equipa — A performance desportiva é um fator muito valorizado no seio do grupo, servindo como um fator de valorização de um elemento junto aos pares. Assim, os observadores relatam a importância do capitão de equipa dentro do grupo para o combate ao *bullying*. Desta forma, o capitão de equipa iria ter uma estratégia de comunicação ativa com os seus treinadores.

*o capitão deve ser uma pessoa com alguma autoridade dentro do grupo e que conte o que acontece ao treinador, e estar bastante atento a essas situações (Atleta 3).*

## **Discussão**

A interpretação de comportamentos de agressão entre pares no desporto prende-se com a natureza subjetiva da questão, na medida em que, permite a existência de interpretações distintas para o mesmo objetivo (Kirby & Wintrump, 2002).

As experiências partilhadas pelos atletas acerca do conceito de *bullying* revelam alguma consonância com a literatura já existente. O comportamento de gozo identificado neste estudo é caracterizado por uma ação intencional com o objetivo de atingir a vítima, que vai ao encontro da definição dada por Rigby (2003), que define o *bullying* como um comportamento de gozo repetido por parte do agressor, com o objetivo de magoar a vítima através do uso indevido de poder. Olweus (2010), qualifica o conceito como um comportamento negativo que ocorre num relacionamento onde existe desequilíbrio de poder, Kerr et al. (2016), acrescenta que essas diferenças de poder no campo da vulnerabilidade entre pares, ajudam na identificação de agressores e vítimas. À semelhança do descrito, também no nosso estudo foi possível verificar que a violência física entre atletas ocorre, muitas vezes, entre sujeitos de idades diferenciadas, considerando os indivíduos mais novos, mais vulneráveis na vitimização entre pares. Foi possível perceber que para os entrevistados do nosso estudo, o abuso verbal é definido como uma forma de inferiorizar uma vítima com comentários

desagradáveis, já o abuso psicológico segundo os entrevistados é caracterizado como uma forma de agredir uma vítima mais vulnerável afetando-a psicologicamente.

Vveinhardt & Fominiene (2019), afirmam que existem em algumas equipas, grupos de atletas que se regem por regras não escritas, utilizando o termo “brincadeira” como forma de privilégio para agredir a vítima, que na maioria das vezes são elementos mais novos ou mais recentes do grupo de trabalho. Seguindo a mesma linha de pensamento, Kerr et al. (2016) alega que o contexto desportivo fornece um ambiente único, para que potenciais comportamentos de *bullying* sejam percebidos como normais e aceitáveis, já Brackenridge et al. (2007) interrogam-se sobre o limiar entre a brincadeira e a agressão, considerando que a natureza abusiva dos episódios é uma interpretação subjetiva, existindo critérios para classificá-la que consistem na repetição e intenção de magoar ou causar desconforto à vítima. A subcultura agressiva associada ao desporto pode ser uma justificação dos resultados obtidos por Vveinhardt et al. (2019), que indicam que os seus entrevistados acreditam que mesmo que existam comportamentos de *bullying* no desporto, as experiências desses episódios, oferecem oportunidade do atleta se tornar mais forte e mais competitivo. No nosso caso, verificou-se que os atletas indicam uma incidência mínima de *bullying* no desporto, contudo, os agressores referem o comportamento de brincadeira como um ato natural entre pares, declarando não existirem agressões, mas sim brincadeiras. O conceito de brincadeira é muitas vezes um conceito utilizado para descrever um ato de agressão “disfarçada”, que se caracteriza por uma forma agressiva entre pares (Brackenridge et al., 2007). O *bullying* é um uma forma complexa e multifacetada de agressão (deLara, 2012). Kerr et al. (2016) questionou vários capitães de equipa de ambos os sexos e percebeu a existência de *bullying* nas suas equipas. Similarmente ao descrito, foi possível perceber que os nossos entrevistados alegam existir algumas ocorrências de maus-tratos entre pares, tomando como exemplo o abuso psicológico. Este tipo de abuso exprime-se pela baixa performance competitiva relativamente à vítima, rebaixando-a muitas vezes de forma verbal (Nery et al., 2020), também concluiu que a performance baixa, a hierarquia e a personalidade das vítimas, faz com que as vítimas sejam agredidas verbalmente. Embora vários investigadores distingam diferentes tipos de *bullying* e maus-tratos

(Crothers & Levinson, 2004; Salmon et al., 2018), os nossos resultados corroboram com a literatura referindo que o *bullying* físico e *bullying* verbal são os tipos de *bullying* mais manifestados no contexto desportivo (Craig et al., 2009; Kerr et al., 2016; Nery et al., 2018). No estudo realizado por Cabagno & Rasclé (2006), foi possível constatar que os jogadores do sexo masculino se comportam de forma mais agressiva, comparativamente às atletas do sexo feminino, independentemente da modalidade desportiva. No nosso estudo foi possível constatar que ambos os sexos têm comportamentos de violência física, o que contraria os resultados obtidos por Cabagno & Rasclé (2006).

Os atletas passam muito tempo juntos, nos treinos, na competição e na socialização entre jovens. Existe uma competitividade subjacente nestas relações, levando cada atleta a competir pelo seu espaço dentro da modalidade envolvida, tendo como objetivo individual o seu maior rendimento possível de modo a diferenciar-se dos seus pares (Kerr et al., 2016), levando muitas vezes a comportamentos agressivos entre pares para alcançar o seu objetivo (Mintah et al., 1999). Relativamente aos locais onde ocorrem os referidos comportamentos, foi possível perceber pelos observadores do nosso estudo, que existe uma maior frequência de comportamentos de *bullying* no treino ou na prática desportiva (competição), resultado idêntico ao obtido na investigação realizada por Mishna et al. (2019). As possíveis razões que explicam a ocorrência desses comportamentos nesses locais podem ser justificadas pelo facto do espaço de treino ser propício a comportamentos agressivos, e por isso, gerar agressões entre pares (Rowe, 1998). Esses comportamentos, segundo Kentel & McHugh (2015), podem ser justificados pela individualidade propícia à prática desportiva em geral e ao treino em particular, exemplificados por atos como: não passar a bola, abusos verbais entre pares, e boatos. O balneário, como espaço inerente à prática desportiva é considerado, pelos observadores da nossa pesquisa e por Escury & Dudinkl (2010); Ventura et al. (2019), um local propício à ocorrência de episódios de *bullying*. O facto de ser um espaço menos controlado por adultos e pelos próprios treinadores pode justificar a predominância deste tipo de comportamentos, uma vez que, os próprios treinadores indicam que a maioria das agressões ocorre no balneário, fora da sua vista (Craig et al., 2000; Vaillancourt et al., 2010). Também na nossa pesquisa foi possível verificar que o balneário é um local propício à existência de

comportamentos de *bullying*, que pode originar segundo Roberts (2008) experiências traumáticas para alguns atletas.

A aceitação de agressões entre pares no contexto desportivo pode levar a comportamentos de *bullying* em outros contextos (Roberts, 2008), nomeadamente nas escolas, segundo Timmons-Mitchell et al., (2016). Segundo a literatura, também em contexto escolar, os espaços como o recreio são propícios à ocorrência de agressões (Carvalhosa et al., 2009; Sebastião, 2009), resultado coniventes com o verificado na nossa investigação, em que os atletas observadores referem a escola como um local propício a episódios de *bullying*. Quando questionados acerca da importância dada a investigações acerca do tema em estudo, foi possível constatar que todos os atletas inquiridos, atribuem muita importância à existência de investigações sobre a temática, considerando que estratégias de comunicação poderão ser benéficas para a resolução de agressões entre pares, de forma a, sensibilizar e prevenir comportamentos de *bullying*. Esta prevenção pode ser promovida através de ações de formação ou programas de prevenção no contexto escolar (Albayrak et al., 2016; Vreeman & Carroll, 2007) e federado (Nery et al., 2020). Os treinadores desempenham um papel importante na promoção da ética no desporto (Rutten et al., 2008). Na nossa investigação, também foi possível constatar que o papel do treinador é fulcral na prevenção/intervenção de comportamentos de *bullying*, bem como o capitão de equipa. Shannon (2013) menciona que os treinadores com conhecimento sobre o tema e com comunicação ativa com o seu grupo de trabalho, fazem com que os níveis de *bullying* sejam reduzidos. Para isso é necessário existir um comportamento saudável, um clima harmonioso entre pares e entre treinador-atleta (Fry & Gano-Overway, 2010). O capitão de equipa deve ser um aliado ao combate ao *bullying*, tendo como estratégia uma comunicação ativa entre pares e capitão de equipa-treinador. Este relacionamento positivo entre pares e treinador-atleta é fundamental para o sucesso dos jogadores (Jowett & Cockerill, 2003), se as relações mencionadas não forem baseadas em comportamentos saudáveis, podem causar o abandono desportivo dos atletas (Fisher & Dzikus, 2017).

## Conclusões

Este estudo qualitativo teve como objetivo principal descrever a natureza dos comportamentos de *bullying* em atletas do desporto federado na Região Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Neste sentido, o nosso estudo procurou identificar o conceito de *bullying*, os tipos de *bullying*, locais e razões da ocorrência nesses locais, e a importância do papel do treinador nesta temática. Os resultados obtidos permitem-nos concluir a existência de comportamentos de *bullying* no desporto. O conceito de *bullying* é definido pelos atletas com alguma concordância relativamente à literatura existente, referindo que o tipo de *bullying* mais usual é o físico e verbal, ocorrendo na maioria das vezes no balneário, no treino e na prática desportiva (competição). O treinador tem o papel de intervir e prevenir comportamentos de *bullying* no contexto desportivo. Uma das vantagens deste estudo prende-se, essencialmente, pela escassa pesquisa qualitativa na área de *bullying* no desporto, em Portugal, e a nível internacional. Face ao exposto, esta pesquisa conforma um ponto de partida para aprofundamento desta área de estudo em Portugal, e consolida as pesquisas realizadas a nível internacional. Por outro lado, esta investigação motiva-nos para a realização de futuras investigações acerca da relação treinador-atleta em clubes desportivos em Portugal.

## Agradecimentos

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref.<sup>a</sup> UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Viseu pelo apoio prestado.

## Referências

- Albayrak, S., yıldız, A., & Erol, S. (2016). Assessing the effect of school *bullying* prevention programs on reducing *bullying*. *Children and Youth Services Review*, 63. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2016.02.005>
- Balyi, I., Way, R., & Higgs, C. (2013). *Long-Term Athlete Development*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (10th–2008th ed.). Lisboa: Edições 70.

- Brackenridge, C., Rivers, I., Gough, B., & Llewellyn, K. (2007). Driving down participation. Homophobic *bullying* as a deterrent to doing sport. In Aitchison C. Sport (ed) & gender identities. Masculinities, femininities and sexualities (pp. 122–139). London: Routledge.
- Cabagno, G., & Rascle, O. (2006). Team Sports Players' Observed Aggression as a Function of Gender, Competitive Level, and Sport Type. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(8), 1980–2000. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00090.x>
- Carrington, S., & Graham, L. (2001). Perceptions of school by two teenage boys with Asperger syndrome and their mothers: A qualitative study. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, 5(1), 37–48. <https://doi.org/10.1177/1362361301005001004>
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do *bullying* nas escolas portuguesas. *Interacções*, 5, 125–146.
- Cascales, J. Á. M., & Prieto, M. J. R. (2019). Incidencia de la práctica de actividad física y deportiva como reguladora de la violencia escolar. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, (35), 54–60.
- Corral-Pernía, J. A., Chacón-Borrego, F., Fernández-Gavira, J., & Rey, R. D. (2017). *Bullying* according to the level of physical activity in adolescents. *Revista de Psicología Del Deporte*, 27(3), 61–66.
- Costa, P., & Pereira, B. (2010). I Seminário Internacional “Contributos da psicologia em contextos educativos.” Presented at the Braga: Universidade do Minho. Braga: Universidade do Minho.
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Pickett, W. (2009). A cross-national profile of *bullying* and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54(Suppl 2), 216–224. <https://doi.org/10.1007/s00038-009-5413-9>
- Craig, W. M., Pepler, D., & Atlas, R. (2000). Observations of *Bullying* in the Playground and in the Classroom. *School Psychology International*, 21(1), 22–36. <https://doi.org/10.1177/0143034300211002>
- Crothers, L. M., & Levinson, E. M. (2004). Assessment of *Bullying*: A Review of Methods and Instruments. *Journal of Counseling & Development*, 82(4), 496–503. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6678.2004.tb00338.x>

- deLara, E. W. (2012). Why Adolescents Don't Disclose Incidents of *Bullying* and Harassment. *Journal of School Violence*, 11(4), 288–305. <https://doi.org/10.1080/15388220.2012.705931>
- DiCicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40(4), 314–321. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>
- Escury, A., & Dudinkl, A. (2010). *Bullying* Beyond School: Examining the Role of Sports. In: JIMERSON, Shane.; SWEARER, Susan; ESPELAGE, Dorothy. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*. New York.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2003). Research on School *Bullying* and Victimization: What Have We Learned and Where Do We Go From Here? *School Psychology Review*, 32(3), 365–383. <https://doi.org/10.1080/02796015.2003.12086206>
- Evans, B., Adler, A., MacDonald, D., & Côté, J. (2016). *Bullying* Victimization and Perpetration Among Adolescent Sport Teammates. *Pediatric Exercise Science*, 28(2), 296–303. <https://doi.org/10.1123/pes.2015-0088>
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). *Bullying* in Sport and Performance Psychology. In L. A. Fisher & L. Dzikus, *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.169>
- Fredrick, S. S., & Demaray, M. K. (2018). Peer victimization and suicidal ideation: The role of gender and depression in a school-based sample. *Journal of School Psychology*, 67, 1–15. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2018.02.001>
- Fry, M. D., & Gano-Overway, L. A. (2010). Exploring the Contribution of the Caring Climate to the Youth Sport Experience. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22(3), 294–304. <https://doi.org/10.1080/10413201003776352>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática (4aed.)*. Oeiras: Celta Editora.
- Glesne, C. (2016). *Becoming Qualitative Researchers: An Introduction*, 5th Edition. In Pearson. Pearson.
- Hong, J. S., & Espelage, D. L. (2012). A review of mixed methods research on *bullying* and peer victimization in school. *Educational Review*, 64(1), 115–126. <https://doi.org/10.1080/00131911.2011.598917>

- Jowett, S., & Cockerill, I. M. (2003). Olympic medallists' perspective of the athlete–coach relationship. *Psychology of Sport and Exercise*, 4(4), 313–331. [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(02\)00011-0](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(02)00011-0)
- Kentel, J. L., & McHugh, T.-L. F. (2015). “Mean Mugging”: An Exploration of Young Aboriginal Women’s Experiences of *Bullying* in Team Sports. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 37(4), 367–378. <https://doi.org/10.1123/jsep.2014-0291>
- Kerr, G., Jewett, R., MacPherson, E., & Stirling, A. (2016). Student–Athletes’ Experiences of *Bullying* on Intercollegiate Teams. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 10(2), 132–149. <https://doi.org/10.1080/19357397.2016.1218648>
- Kirby, S., & Wintrump, G. (2002). Running a gauntlet: An examination of initiation/hazing and sexual abuse in sport. *The Journal of Sexual Aggression*. vol, 8 (12), 49–68.
- Marracho, P., Pereira, A., Nery, M., Rosado, A., & Coelho, E. (2021). Is young athletes’ *bullying* behaviour different in team, combat or individual sports? *Motricidade*, 17, 70–78. <https://doi.org/10.6063/motricidade.21129>
- Melim, F. M., & Pereira, B. O. (2013). Prática desportiva, um meio de prevenção do *bullying* na escola? *Movimento*, 19(2), 55–77.
- Mintah, J. K., Huddleston, S., & Doody, S. G. (1999). Justifications of aggressive behavior in contact and semicontact sports. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(3), 597–605. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1999.tb01403.x>
- Mishna, F., Kerr, G., McInroy, L. B., & MacPherson, E. (2019). Student athletes’ experiences of *bullying* in intercollegiate sport. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 13(1), 53–73. <https://doi.org/10.1080/19357397.2019.1581512>
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. K. (2018). *Bullying* in youth sport training: A nationwide exploratory and descriptive research in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 0(0), 1–17. <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1447459>
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. K. (2020). *Bullying* in Youth Sports Training: New perspectives and practical strategies (1st edition). Routledge.



- Olweus, D. (2010). Understanding and researching *bullying*: Some critical issues. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*, 9–33.
- Rigby, K. (2003). Consequences of *Bullying* in Schools: *The Canadian Journal of Psychiatry*. (Sage CA: Los Angeles, CA). <https://doi.org/10.1177/070674370304800904>
- Roberts, B. (2008). Invisible Difference in Space: The Role of Different Spaces in Homophobic *Bullying* in Schools. *Journal of LGBT Youth*, 5(3), 11–33. <https://doi.org/10.1080/19361650802162169>
- Rosa, V. A. G. (2016). Impacto da prática de exercício físico em adolescentes: Bem-estar, autoestima e rendimento escolar. Universidade de Évora, Évora. Retrieved from <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/19436>
- Rowe, C. J. (1998). Aggression and Violence in Sports. *Psychiatric Annals*, 28(5), 265–269. <https://doi.org/10.3928/0048-5713-19980501-08>
- Rutten, E., Deković, M., Stams, G., Schuengel, C., Hoeksma, J., & Biesta, G. (2008). On- and off-field antisocial and prosocial behavior in adolescent soccer players: A multilevel study. *Journal of Adolescence*, 31, 371–387. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2007.06.007>
- Salmon, S., Turner, S., Taillieu, T., Fortier, J., & Afifi, T. O. (2018). *Bullying* victimization experiences among middle and high school adolescents: Traditional *bullying*, discriminatory harassment, and cybervictimization. *Journal of Adolescence*, 63, 29–40. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.005>
- Sandelowski, M. (2000). Whatever happened to qualitative description? *Research in Nursing & Health*, 23(4), 334–340. [https://doi.org/10.1002/1098-240X\(200008\)23:4<334::AID-NUR9>3.0.CO;2-G](https://doi.org/10.1002/1098-240X(200008)23:4<334::AID-NUR9>3.0.CO;2-G)
- Sebastião, J. (2009). Violência na escola: Uma questão sociológica. *Interacções*, 5(13), 35–52.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 23(2), 97–110.
- Shannon, C. S. (2013). *Bullying* in Recreation and Sport Settings: Exploring Risk Factors, Prevention Efforts, and Intervention Strategies. *Journal of Park and Recreation Administration*, 31(1). Retrieved from <https://js.sagamorepub.com/jpra/article/view/2711>

- Timmons-Mitchell, J., Levesque, D. A., Harris, L. A., Flannery, D. J., & Falcone, T. (2016). Pilot test of StandUp, an online school-based *bullying* prevention program. *Children and Schools*, 38(2), 71–79. <https://doi.org/10.1093/cs/cdw010>
- Torrance, D. A. (2000). Qualitative Studies into *Bullying* within Special Schools. *British Journal of Special Education*, 27(1), 16–21. <https://doi.org/10.1111/1467-8527.t01-1-00151>
- Vaillancourt, T., Brittain, H., Bennett, L., Arnocky, S., McDougall, P., Hymel, S., ... Cunningham, L. (2010). Places to Avoid: Population-Based Study of Student Reports of Unsafe and High *Bullying* Areas at School. *Canadian Journal of School Psychology*, 25(1), 40–54. <https://doi.org/10.1177/0829573509358686>
- Ventura, C., Prat, M., Flores Aguilar, G., Lleixà, T., Soler, S., & Ríos, X. (2019). *Bullying I Ciberbullying al Futbol Formatiu a Catalunya*. Fundació, Barcelona: Fundació Barça.
- Volk, A., & Lagzdins, L. (2009). *Bullying* and victimization among adolescent girl athletes. *Journal of Athletic Training*, 11, 13–31.
- Vreeman, R. C., & Carroll, A. E. (2007). A systematic review of school-based interventions to prevent *bullying*. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(1), 78–88. <https://doi.org/10.1001/archpedi.161.1.78>
- Vveinhardt, J., & Fominiene, V. B. (2019). Gender and age variables of *bullying* in organized sport: Is *bullying* “grown out of”? *Journal of Human Sport and Exercise*, 15(0), in press. <https://doi.org/10.14198/jhse.2020.154.03>
- Vveinhardt, J., & Fominiene, V. B. (2020). Prevalence of *bullying* and harassment in youth sport: The case of different types of sport and participant role. *Journal of Human Sport and Exercise*, 0(0), in press. <https://doi.org/10.14198/jhse.2022.172.04>
- Vveinhardt, J., Fominienė, V., & Jeseviciute-Ufartiene, L. (2019). Methodological and psychometric characteristics of the questionnaire for the diagnosis of *bullying* and harassment in sport: Statistical verification. *Transformations in Business and Economics*, 18, 414–430.
- Yildiz, S. M. (2015). The relationship between *bullying* and burnout: An empirical investigation of Turkish professional football players. *Sport, Business and Management: An International Journal*, 5(1), 6–20.

## **Estudo IV**

Comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador \*

Comportamientos de maltrato en la relación deportista-entrenador

---

\*Submetido no dia 13-05-2021 à Revista Cuadernos de Psicología del Deporte

## **Resumo**

Este estudo qualitativo teve como objetivo principal, descrever a natureza de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador na Região Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Para tal, foram inquiridos 12 atletas do desporto federado, através da análise de conteúdo, apoiada em entrevistas semiestruturadas como método de recolha de dados.

No caso dos atletas enquanto vítimas, foi possível verificar a inexistência de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, já enquanto observadores, os atletas relatam existir formas de abuso emocional na relação atleta-treinador, mais especificamente, o abuso emocional verbal, e a negação de atenção e apoio. Como estratégias e medidas de prevenção dos comportamentos de maus-tratos, os atletas destacam como aspetos fundamentais para os combater: a supervisão, comunicação, e até, o despedimento do treinador. Para que as estratégias e medidas mencionadas sejam concretizadas, os inquiridos salientam que deverá existir uma voz mais ativa, e um maior conhecimento sobre a temática em estudo, da parte de federações e associações de cada modalidade, órgãos sociais do clube, bem como, uma interação dos pais na vida dos educandos, relativamente à prática desportiva.

Existe assim a necessidade de sensibilizar os clubes para as políticas de proteção de atletas, através de investigações na área em estudo, de forma a combater e prevenir comportamentos de maus-tratos na prática desportiva.

Palavras-chave: Abuso emocional, desporto federado, atletas.

## **Resumen**

Este estudio cualitativo tuvo como principal objetivo describir la naturaleza de las conductas de maltrato en la relación deportista-entrenador en la Región de Trás-os-Montes y Alto Douro, Portugal. Para ello, se encuestó a 12 deportistas federados, utilizando entrevistas semiestructuradas como método de recogida de datos y realizando después la análisis del contenido.

En el caso de los deportistas como víctimas, se pudo constatar la ausencia de conductas de maltrato en la relación deportista-entrenador. Como observadores, los deportistas informan que existen formas de maltrato emocional en la relación deportista-entrenador, en las formas de abuso verbal emocional y negación de

atención y apoyo. Como estrategias y medidas para prevenir las conductas de maltrato, los deportistas destacan como aspectos fundamentales para combatirlos: la supervisión, la comunicación e incluso, la destitución del entrenador. Para que se implementen las estrategias y medidas mencionadas, los encuestados enfatizan que debe haber una voz más activa, y un mayor conocimiento sobre el tema en estudio, por parte de las federaciones y asociaciones de cada modalidad, los órganos sociales del club. Destacan la necesidad de la interacción de los padres en la vida de los estudiantes, en relación a la práctica deportiva.

Así, existe la necesidad de concienciar a los clubes sobre las políticas de protección de los deportistas, a través de investigaciones en el área en estudio, con el fin de combatir y prevenir el abuso en el deporte.

Palabras claves: abuso emocional, deporte federado, deportistas.

### **Abstract**

This qualitative study aimed at describing the nature of mistreatment behaviours in the athlete-coach relationship in the Trás-os-Montes and Alto Douro Region, Portugal. To this end, 12 federated sport athletes were surveyed, using semi-structured interviews as a method of data collection and then analysing the content.

In the case of athletes as victims, they did not report mistreatment behaviours in the athlete-coach relationship. However, as observers, the athletes reported forms of emotional abuse in the athlete-coach relationship, more specifically, verbal emotional abuse, and the denial of attention and support. As strategies and measures to prevent maltreatment behaviours, athletes highlight the following strategies: supervision, communication, and even, the dismissal of the coach. In order for the mentioned strategies and measures to be implemented, the respondents emphasize the need for a more active voice, and greater knowledge about the subject under study, on the part of federations and associations of each modality, the club's social bodies, as well as parents' engagement in sports practice.

Thus, there is a need to raise awareness in the clubs about policies for the protection of athletes. Research is essential to combat and prevent abuse in sports.

Keywords: Emotional abuse, federated sport, athletes.

## Introdução

A proteção de crianças no desporto tem vindo a ser alvo de uma maior atenção nas últimas décadas. A violência interpessoal em contexto desportivo pode ocorrer através de comportamentos abusivos relacionais e não relacionais. Dentro dos comportamentos relacionais inclui-se o abuso emocional, sexual, físico e a negligência. Nos maus-tratos não relacionais os comportamentos de assédio, *bullying*, corrupção, institucional, trabalho infantil e agressão são os indicados pela literatura (Crooks & Wolfe, 2007; Stirling, 2009; Vertommen et al., 2016)

Os estudos no âmbito de comportamentos de maus-tratos em contexto desportivo, nomeadamente, comportamentos de abuso emocional, abuso sexual, abuso físico e negligência, surgiram na década de 90 (Stirling & Kerr, 2008; Gervis & Dunn, 2004). Estes comportamentos, que se caracterizam pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, ocorrem de forma intencional, tornando os jovens atletas mais vulneráveis (Krug et al., 2002; Mountjoy et al., 2016), a lesões e/ou problemas psicológicos (Crooks & Wolfe, 2007).

O abuso físico é definido como a infligção de um dano físico a um indivíduo, provocado por um cuidador. Pode incluir comportamentos fisicamente abusivos com ou sem contacto físico. Entende-se por abuso físico com contacto o ato de um indivíduo que envolve comportamentos fisicamente abusivos, como empurrar, morder, bater ou pontapear outro indivíduo. O abuso físico sem contacto pode incluir, por exemplo, a proibição imposta ao atleta, de acesso ao WC durante o horário do treino (Matthews, 2004; Stirling, 2009; Stirling & Kerr, 2010).

O abuso sexual é interpretado por uma intenção sexual contra a vontade de uma determinada vítima, que pode ser feito, sem contacto físico, através de comentários de cariz sexual e exposição indecente, e/ou com contacto físico (Matthews, 2004; Stirling, 2009; Stirling & Kerr, 2010).

O abuso emocional é caracterizado por um padrão de comportamentos intencionais, que ocorrem dentro de um relacionamento com potencial prejudicial para o indivíduo comprometendo o seu bem-estar afetivo, comportamental,

cognitivo ou físico. Estes comportamentos abusivos podem ocorrer através de comportamentos físicos, comportamentos verbais e negação de atenção e apoio, a que o contexto desportivo é propício. A literatura refere que alguns treinadores atiram com marcadores aos seus atletas (comportamentos físicos), gritam e humilham (comportamentos verbais), e que muitas vezes, deixam de abordar os seus atletas (negação de atenção e apoio) (Stirling & Kerr, 2008).

A negligência caracteriza-se pela falta de cuidados razoáveis, por parte da pessoa responsável (Glaser, 2002). A negligência pode ser física, educacional e emocional. A negligência emocional consiste em comportamentos de educação inadequados e negligência social (Matthews, 2004; Stirling & Kerr, 2009).

Apesar de existir uma maior consciencialização da generalidade das pessoas no âmbito desportivo de forma a proteger os atletas, existem ainda comportamentos abusivos, que podem originar o abandono da prática desportiva, a depressão e o isolamento social (Stirling & Kerr, 2008). A relação atleta-treinador é muitas vezes, uma das mais importantes e influentes relações vivenciadas por um atleta (David, 1999) que, aliada à prática desportiva, pode constituir uma oportunidade para o autoconhecimento (Cunti et al., 2016), com impacto positivo no atleta, a nível psicológico e social (Eime et al., 2013).

O facto de ser regulado por regras específicas, a separação do tempo e espaço normal, a atividade física e o treino, entre outros, torna o desporto num produto com características peculiares e indistinguíveis (Mullin et al., 2000), com o potencial de melhorar a saúde mental, saúde física e competências sociais (Felfe et al., 2016).

Fatores como o desempenho, o sucesso e a vitória são, muitas vezes, os critérios mais valorizados no desporto, mesmo entre as crianças e jovens. Independentemente da forma como são alcançados, podem originar práticas desportivas problemáticas (Gervis & Dunn, 2004; Stirling & Kerr, 2009), levando muitas vezes, a que os atletas sejam vítimas de maus-tratos (Vertommen et al., 2016).

Os atletas tendem a manter o silêncio face aos comportamentos de maus-tratos no desporto (Stirling et al., 2011). Indicadores como a intensidade da relação atleta-treinador (Bringer et al., 2001; Stirling, 2009), a hierarquia inerente ao desporto competitivo, e a dependência do treinador para atingir o sucesso desportivo (Brackenridge & Kirby, 1997; Stirling & Kerr, 2014; Tofler et al., 1996),

fazem com que se crie, em alguns casos, um profundo “código de silêncio” por parte dos atletas (Stirling et al., 2011).

Segundo a literatura, os atletas em contexto desportivo, não estão imunes a experiências de abuso físico, sexual e emocional (Stirling & Kerr, 2008; Kirby et al., 2000; Stirling & Kerr, 2010; Stirling & Kerr, 2009), os quais podem vir a aumentar à medida que o atleta progride no seu desempenho desportivo (Vertommen et al., 2015), aumentando assim, a exigência competitiva e exigência na carga horária de treinos, levando a uma maior proximidade na relação atleta-treinador (Stirling & Kerr, 2009). São vários os estudos que comprovam tais indicações. Entre eles sublinhamos o estudo realizado no Canadá, onde se concluiu que 25% dos 266 inquiridos, declaram ter sido insultados, ridicularizados, e até mesmo, agredidos por intervenientes desportivos, dos quais, pais e treinadores (Kirby et al., 2000). Numa outra investigação assente na perceção das relações interpessoais entre treinador-atleta realizada por Toftegaard (2001), foi possível verificar que 2% dos atletas foram vítimas de abusos sexuais no desporto, e que 3% dos treinadores admitiram estar envolvidos intimamente, com um(a) atleta menor de 18 anos. Gervis & Dunn (2004), num estudo retrospectivo realizado a 12 ex-atletas de alta competição no Reino Unido, encontraram dados relevantes acerca da prevalência de abuso emocional. Deste estudo, foi possível concluir que os atletas mencionados relataram que gritar, depreciar, ameaçar e humilhar são as formas mais comuns de abuso emocional. Estes comportamentos, causavam aos participantes um sentimento de inferioridade, uma menor confiança, e medo do comportamento do treinador perante os objetivos serem ou não cumpridos. Comportamento que causa problemas a nível psicológico nos atletas. Na pesquisa qualitativa realizada através de entrevista semiestruturada por Stirling & Kerr (2008) a 14 ex-atletas da modalidade de natação, foi possível constatar que os comportamentos abusivos: físicos, verbais e negação de atenção e apoio no desporto de alta competição, variam mediante o nível da prova/competição e o desempenho desportivo do atleta, ou seja, em alguns casos, foi referido pelos inquiridos que o facto dos objetivos das provas de natação serem cumpridos, originava comportamentos abusivos. Em outros relatos, os inquiridos referem que o facto de não cumprirem com o objetivo, originava que os treinadores



demonstrassem comportamentos inadequados, como por exemplo sentimentos de raiva.

As metodologias de investigação qualitativas visam, mais do que a explicação, a compreensão, alicerçando-se nos estudos em profundidade (Glesne, 2016), fator que pode ajudar a compreender melhor o desporto, o exercício, as práticas físicas e, neste caso em concreto, os comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador.

Em Portugal, verifica-se uma escassez de investigações qualitativas na área em questão, por esse mesmo motivo, o objetivo do nosso estudo foi compreender a natureza dos comportamentos de maus-tratos no desporto na relação atleta-treinador, em jovens atletas com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, que praticavam uma das modalidades desportivas coletivas, de combate ou individuais. De um modo mais específico, pretendeu-se 1) identificar comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador, vivenciados pelos jovens enquanto vítimas; 2) descrever comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto observadores; 3) saber identificar e caracterizar o conceito de maus-tratos na relação Atleta-treinador, na perspetiva dos atletas federados; 4) identificar as medidas/estratégias, e respetivos intervenientes, preconizadas pelos atletas federados para o combate e prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador. O estudo foi realizado na Região Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, mais especificamente nas cidades de Bragança, Chaves, Mirandela e Vila Real, sustentado numa metodologia qualitativa, dada a necessidade de compreensão profunda desta temática.

O nosso estudo justificou-se uma vez que a pesquisa bibliográfica que desenvolvemos permitiu verificar a inexistência de investigações nesta temática na referida região. Evidencia-se, igualmente, a necessidade de se aprofundar a compreensão de comportamentos na relação atleta-treinador.

### **Método**

O método qualitativo foi o método utilizado para esta investigação, sendo considerado como o método apropriado para obter interpretações ricas e detalhadas de contextos e integrações sociais (Sandelowski, 2000).

### **Participantes da pesquisa**

Participaram neste estudo 12 atletas federados com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos integrados na fase Training to Compete Stage de acordo com o modelo Long Term Athlete Development (LTDA) (Balyi et al., 2013). Neste grupo de atletas, oito são do sexo masculino e são praticantes de várias modalidades desportivas coletivas – futebol (2 atletas), basquetebol (2 atletas), hóquei patins (1 atleta) e andebol (1 atleta) - e de desporto de combate– karaté (2 atletas). Os restantes 4, são do sexo feminino e praticam desportos individuais - atletismo (2 atletas) e natação (1 atleta) - e 1 atleta pratica hóquei patins. O número de participantes da amostra não foi previamente definido para o estudo em questão, os atletas foram entrevistados até ser atingido o princípio da técnica de saturação, alcançada após a transcrição do 12.º entrevistado (Sandelowski, 2000).

### **Instrumentos**

A metodologia utilizada para a recolha de dados foi a entrevista semiestruturada, sendo a mais frequentemente usada em pesquisas qualitativas, provando ser versátil e flexível (Bardin, 2008; Ghiglione & Matalon, 2001). As entrevistas podem ser realizadas individualmente ou em grupo (DiCicco-Bloom & Crabtree, 2006). As entrevistas semiestruturadas envolvem conversas profundas entre o pesquisador e o entrevistado, mediante o objetivo da pesquisa, mas são fortemente guiadas pelas percepções, opiniões e experiências do entrevistado (Carrington & Graham, 2001).

Os guiões de entrevista (anexo L) foram elaborados de acordo com os seguintes passos: i) preparação de um primeiro esboço com base nos objetivos do estudo e da literatura relevante no âmbito do comportamento de maus-tratos na relação Atleta-treinador; ii) análise da primeira versão do guião, realizada por três Professores Doutorados, especialistas na temática e nesta metodologia); iii) discussão dos resultados com base nas sugestões apresentadas por cada um dos especialistas; iv) realização de uma entrevista piloto com dois elementos do universo em estudo; v) reajuste final do guião de entrevista tendo em conta os dados resultantes da entrevista piloto.

Finalizadas as etapas enunciadas, e sem alterações estruturais ao esboço inicial, por unanimidade foi decidido por parte dos especialistas, a elaboração da

versão final do guião de entrevista, estruturada em quatro grandes dimensões de análise: i) identificar comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto vítimas; ii) conhecer comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto observadores; iii) saber e caracterizar o conceito de maus-tratos na relação Atleta-treinador, na perspetiva dos atletas federados; iv) identificar as medidas/estratégias, e respetivos intervenientes, preconizadas pelos atletas federados para o combate e prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador.

### **Procedimentos**

Contactaram-se os encarregados de educação via e-mail, de forma a solicitar autorização para os seus educandos participarem no estudo (anexo K). As entrevistas foram realizadas pelo autor entre os dias 22 de junho e 3 de agosto de 2020, intermediadas pela plataforma de videoconferência ZOOM. Devido à natureza sensível do tema, cada participante obteve uma breve informação acerca dos objetivos de estudo. As entrevistas tiveram a durabilidade entre os 5 e 11 minutos e, com o consentimento dos encarregados de educação e dos entrevistados, foram gravadas em formato vídeo com áudio incorporado e transcritas na íntegra.

### **Análise de dados**

O tratamento de dados foi realizado por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2008). A construção do sistema categorial foi dividida em categorias a priori e categorias a posteriori. A organização das categorias a priori partiu de uma estrutura pré-elaborada em termos de fundamentação teórica, bem como das experiências na organização e realização das entrevistas junto aos sujeitos da pesquisa. Essas categorias surgem a partir de um quadro teórico, considerando as características que se destacam. O sistema a posteriori resultou da classificação dos elementos (frase, palavras). As categorias resultantes foram submetidas ao já citado painel de peritos, a fim de se cumprir as normas de fidelidade e validade do processo (Bardin, 2008).

## Resultados

Considerando os quatro principais objetivos da nossa investigação - i) identificar comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto vítimas; ii) conhecer comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto observadores; iii) saber e caracterizar o conceito de maus-tratos na relação atleta-treinador, na perspectiva dos atletas federados; iv) identificar as medidas/estratégias, e respetivos intervenientes, preconizadas pelos atletas federados para o combate e prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador – apresentamos de seguida as categorias encontradas durante a análise dos resultados, referentes aos quatro objetivos em estudo.

i) Identificar comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto vítimas:

Pretendeu-se perceber se existiram comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador enquanto vítimas. Relativamente à perspectiva da vítima, foi identificada a seguinte categoria: não fui maltratado.

Não fui maltratado — Todos os atletas entrevistados afirmam que nunca foram maltratados na relação atleta-treinador

*Os meus treinadores foram sempre respeitadores e nunca maltrataram ninguém.*  
(Atleta 4)

*Comigo nunca existiram maus-tratos.* (Atleta 8)

ii) Conhecer comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador vivenciados pelos jovens enquanto observadores:

Relativamente ao observador, pretendeu-se perceber se vivenciou comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, enquanto atleta. Foram identificados pelos atletas observadores as seguintes categorias: não presenciei e comportamentos de maus-tratos, bem como, a subcategoria abuso emocional.

Não presenciei — Na perceção do observador, não existem comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador.

*Nunca presenciei realmente maus-tratos e formas más de insultar os jogadores, isso não!* (Atleta 2)

*Nunca vi o meu treinador a ser agressivo, neste caso a bater num atleta. (Atleta 7)*

Comportamentos de maus-tratos — No que diz respeito à categoria comportamentos de maus-tratos, os observadores presenciaram maus-tratos na relação atleta-treinador. Foi identificado a subcategoria abuso emocional integrada na categoria comportamentos de maus-tratos. Os observadores qualificam este tipo de abuso como um padrão de comportamento de uma pessoa dentro de um relacionamento, que tem o potencial de ser prejudicial. Os comportamentos emocionalmente abusivos especificados pelos observadores foram o abuso emocional verbal, e a negação de atenção e apoio.

*Ofensas verbais, rebaixar. (Atleta 11)*

*Nem se preocupou em saber se ele foi culpado ou não, deixou-o de fora também, nem quis saber se ele tinha culpa ou não. (Atleta 1)*

iii) Saber e caracterizar o conceito de maus-tratos na relação atleta-treinador, na perspetiva dos atletas federados

Quando questionados acerca do conhecimento sobre esta temática, os atletas identificaram-na como sendo um tema do qual não têm conhecimento. A evidência do desconhecimento deste tema, resultou de uma categoria: não tive conhecimento.

*Nunca ouvi assim histórias disso, nem nada. (Atleta 9)*

*Nunca ouvi, nem nunca presenciei maus-tratos dos treinadores para com os atletas. (Atleta 8)*

Apesar de se verificar desconhecimento acerca de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, pretendeu-se conhecer a conceção que os atletas tinham acerca do tema. Relativamente ao conceito sobre os comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, foram identificadas as seguintes categorias: atitude negativa do treinador, comportamentos de maus-tratos e subcategoria: abuso emocional e abuso físico.

Atitude negativa do treinador — Os entrevistados especificam os comportamentos do treinador como uma atitude negativa, face ao atleta e ao seu rendimento desportivo.

*Qualquer mau-trato seja mesmo fora do futebol é capaz de desmotivar uma pessoa, e é chato de ver e pensar, que uma só pessoa pode destruir a ambição de um jovem que tem um sonho. (Atleta 2)*

*Vai baixar a moral do jogador, ele vai jogar pior. (Atleta 4)*

Comportamentos de maus-tratos — No que diz respeito à categoria comportamentos de maus-tratos, foi identificada a subcategoria abuso emocional integrada na categoria comportamentos de maus-tratos. Os comportamentos emocionalmente abusivos especificados pelos atletas foram o abuso emocional verbal, e a negação de atenção e apoio.

*É tratar mal, gritar com eles aos ouvidos. (Atleta 8)*

*O treinador não dar atenção ao atleta. (Atleta 9)*

No que diz respeito à subcategoria abuso físico da categoria comportamentos de maus-tratos, os atletas caracterizam-na como comportamentos de contacto.

*Os maus-tratos é bater nos atletas. (Atleta 7)*

*Às vezes poderem bater. (Atleta 8)*

iv) Identificar as medidas/estratégias, e respetivos intervenientes, preconizadas pelos atletas federados para o combate e prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação Atleta-treinador:

Questionando os atletas acerca de medidas e estratégias que consideravam adequadas para a prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, as categorias selecionadas foram: supervisão, comunicação e despedimento do treinador.

Supervisão — Os atletas relatam que a supervisão pode combater e prevenir possíveis comportamentos maus-tratos.

*Supervisão nos jogos e nos balneários. (Atleta 1)*

*Ter supervisão dos treinos, ver se o treinador não é agressivo com os atletas. (Atleta 7)*

Comunicação — A comunicação pode ser uma estratégia adequada para prevenir comportamentos de maus-tratos.

*Acho que se deveria falar com esses treinadores e chamá-los à razão. (Atleta 3)*

*As pessoas deviam falar com ele, deveriam saber qual a razão. (Atleta 4)*

Despedimento do treinador — Os atletas referem que a medida a ser tomada, passa pelo despedimento do treinador. Segundo eles, o despedimento é uma forma de combater comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador.

*Possivelmente falar com o treinador e despedir.* (Atleta 5)

*Acho que a partir do momento em que o treinador maltrata um atleta, devia ser reportado este treinador, e deixar de dar treinos nessa instituição.* (Atleta 8)

Depois de conhecidas as estratégias de prevenção, pretendeu-se conhecer os intervenientes que deverão implementar tais estratégias. Nesse sentido, os dados obtidos permitiram identificar as seguintes categorias: federação, associação, órgãos sociais do clube e pais.

Federação — Os atletas referem que a federação nacional dessa modalidade desportiva deve ter uma intervenção mais ativa, de sensibilização para esta temática. Com este tipo de estratégia comunicativa e interventiva, os comportamentos de maus-tratos serão combatidos.

*O diretor da federação.* (Atleta 5)

Associação distrital da modalidade — A associação, torna-se um interveniente essencial para implementar as estratégias já mencionadas, devido à proximidade que tem com os respetivos clubes filiados. Desta forma, teria uma estratégia de comunicação e intervenção ativa com os todos os intervenientes do clube.

*Um treinador não tem nenhuma equipa, a equipa não é dele, é de um clube, e se o treinador estiver a maltratar alguém, então a associação distrital tem de fazer alguma coisa contra isso.* (Atleta 4)

Órgãos sociais do clube — A direção de um clube, torna-se um interveniente essencial para implementar a prevenção de comportamentos de maus-tratos já mencionadas, devido à proximidade que tem com os jogadores, e a facilidade de uma observação não participante ou participante, relativamente aos comportamentos dos seus treinadores sobre os atletas do clube que representam.

*Falamos com o coordenador, ou com outros membros do clube que nos possam ajudar, seja o presidente, diretor de formação neste caso.* (Atleta 2)

*Pelo presidente do clube.* (Atleta 3)

*O próprio clube, o próprio presidente.* (Atleta 7)

Pais — Os atletas referem que os pais são um interveniente essencial para implementar a prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. Através de uma presença assídua nos treinos, tornando-os observadores de comportamentos de maus-tratos.

*O atleta que está a sofrer disso, devia avisar logo os pais para tomarem as devidas precauções. (Atleta 10)*

### **Discussão**

Comportamentos abusivos no desporto continuam a surgir (Parent et al., 2016), deixando os atletas mais vulneráveis a possíveis comportamentos de maus-tratos (Zurc, 2017). Tendo em conta o descrito, o nosso estudo procurou identificar e compreender comportamentos de maus-tratos existentes na relação atleta-treinador.

Relativamente aos comportamentos de maus-tratos resultantes do nosso estudo, descritas pelas vítimas, foi possível verificar a inexistência de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. Contudo, de acordo com o que a literatura aponta, alguns atletas podem não admitir, para si mesmos, que estão a sofrer comportamentos de maus-tratos, ou até mesmo, não terem a perceção de que estão a ser vítimas dos referidos comportamentos (Papathomas & Lavalley, 2012; Stirling & Kerr, 2010), dada a dificuldade em avaliar se o desporto competitivo, é ou não, propício à existência de comportamentos de maus-tratos (Fasting et al., 2008).

Na perspetiva dos atletas observadores do nosso estudo, alguns dos inqueridos referiram a inexistência de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, outros, relataram que observaram comportamentos abusivos verbais através de ofensas verbais, com o objetivo de rebaixar os atletas e gerar alguma frustração nas vítimas. Comparativamente aos nossos resultados, num outro estudo realizado por Gervis & Dunn (2004), acerca da prevalência de abuso emocional na relação atleta-treinador, foi possível constatar a existência de comportamentos abusivos como gritar, depreciar, ameaçar e humilhar. Segundo outro estudo realizado por Stirling & Kerr (2014), foi possível concluir que as opiniões dos atletas são distintas, alguns referem que necessitam dos gritos do seu treinador para conseguirem atingir os seus objetivos, admitindo desta forma, a importância do treinador no seu sucesso desportivo. Outros, referem que os



comportamentos abusivos na relação atleta-treinador, originaram a desistência da prática desportiva, acrescentando que se não existissem comportamentos de maus-tratos por parte do treinador, poderiam ter alcançado os seus objetivos desportivos (Stirling & Kerr, 2009, 2013). Gervis et al. (2016), referem que o abuso emocional ajuda os atletas a desenvolver e melhorar o seu desempenho desportivo, tornando-os mais competitivos e mais bem-sucedidos na área desportiva. Já os atletas que não tiveram o desejado sucesso desportivo, associam os comportamentos abusivos a um efeito negativo, tais como, distúrbios alimentares e isolamento social (Stirling & Kerr, 2008). Independentemente do treinador ter comportamentos de maus-tratos, a sua reputação de formar atletas de sucesso, leva ao não questionamento de possíveis comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador (Stirling & Kerr, 2014).

A negação de atenção e apoio, foi a forma de abuso emocional mais identificada pelos atletas observadores do nosso estudo. Os inquiridos enquanto observadores, relataram que os atletas não se sentiam apoiados por parte dos treinadores, sentindo despreocupação da parte deles. Esses mesmos comportamentos podem gerar efeitos negativos no atleta, como uma baixa autoestima (Stirling & Kerr, 2013). Stirling & Kerr (2008) compararam a negação de atenção e apoio aos comportamentos físicos, concluindo que esse tipo de atuação era mais prejudicial para os atletas, comparativamente aos comportamentos físicos. Em parte, porque esse comportamento significava uma ameaça para a prática desportiva, ou seja, o atleta sentia que não estava a desenvolver as suas capacidades para atingir o seu objetivo.

Quando questionados acerca do conhecimento sobre a temática em estudo, foi possível constatar que todos os atletas inquiridos, não tinham qualquer conhecimento sobre o tema. Os atletas inquiridos caracterizam os comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador com alguma concordância com a literatura existente. A atitude negativa do treinador, identificada neste estudo, vai de encontro ao estudo realizado por Gervis et al. (2016), onde foi possível concluir que os atletas caracterizaram os comportamentos do treinador como inaceitáveis, considerando-os ações negativas, mais direcionadas para atletas com menor sucesso desportivo. O abuso emocional e abuso físico foi reconhecido pelos entrevistados do nosso

estudo como o comportamento de maus-tratos mais usual na relação atleta-treinador. O abuso emocional, mais propriamente a negação de atenção, referido pelos nossos entrevistados, é descrita como a falta de atenção por parte do treinador em relação ao atleta, sendo uma preocupação para o desportista, visto que, segundo a literatura, muitas vezes esses sentimentos não são demonstrados por parte do atleta, de forma a sobreviver e permanecer no desporto de competição (Kavanagh et al., 2017). O abuso emocional, verbal e físico descrito pelos atletas, ocorrem muitas vezes em simultâneo (Kavanagh et al., 2017). Kirby et al. (2000), no seu estudo realizado no Canadá, concluiu que 25% dos atletas da sua amostra, referiram ter sido insultados, ridicularizados e agredidos, já Stirling & Kerr (2010), concluíram que 72% dos seus entrevistados vivenciaram comportamentos de abuso físico de um treinador ou pais.

Para a prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, Stirling (2013) sugere que os treinadores tenham mais formação na área. Como referência sugere a teoria de Kolb's, de forma a tornar os treinadores mais sensíveis nesta temática, evitando a necessidade de supervisão, escassez de comunicação e despedimento do treinador, relatadas pelos entrevistados do nosso estudo, como medidas e estratégias que consideram adequadas para a prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. Stirling & Kerr (2009) propõem a redução de poder por parte do treinador, com o intuito de prevenção de experiências de comportamentos de maus-tratos. Estratégia essa, que pode ser utilizada para prevenção de comportamentos de maus-tratos, envolvendo os vários agentes desportivos, ou seja, federação, associação distrital da modalidade, órgãos sociais do clube e pais, evidenciados como intervenientes de combate e prevenção dos referidos comportamentos pelos entrevistados do nosso estudo. Obviamente, que existe uma conjuntura nas formações de treinadores, todos os treinadores para exercerem a sua função devem possuir o Título Profissional de Treinador de Desporto. Os referidos cursos são administrados nas associações distritais da modalidade, e o programa é delineado pela federação de cada modalidade. Apesar de no programa estarem incutidos conteúdos de nível ético no desporto, achamos necessário, aprofundar estes conhecimentos e valores, através de formações específicas na área. É essencial que os órgãos sociais de cada clube tenham o conhecimento desta problemática, de modo a prevenir e combater através de

ações de formação/sensibilização este tema. Vários autores reforçam o envolvimento dos pais no percurso desportivo dos seus filhos, considerando-os elementos essenciais para a prevenção de comportamentos de maus-tratos no desporto (Brackenridge, 1998; Lally & Kerr, 2008; Stirling & Kerr, 2012) a ultrapassar emoções negativas relacionadas com o desporto (Dorsch et al., 2009).

O relacionamento positivo na relação atleta-treinador é fulcral para o sucesso dos jogadores (Jowett & Cockerill, 2003), evitando muitas vezes, o abandono desportivo (Fisher & Dzikus, 2017).

### **Conclusões**

O presente estudo teve como objetivo identificar comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, vivenciadas pelos jovens enquanto vítimas e observadores, bem como, a interpretação que dão ao conceito em estudo, que medidas e/ou estratégias apontam para a prevenção dos referidos comportamentos, e quem deverá aplicar essas medidas e/ou estratégias, de forma a combater e prevenir comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador.

Os resultados obtidos permitiram-nos concluir a existência de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, na perspetiva do observador. De forma a colmatar os referidos comportamentos, os inquiridos reforçam a importância da supervisão e comunicação com o treinador, e se necessário, o seu despedimento, como estratégias e medidas para a prevenção dos comportamentos referidos. Medidas que, de acordo com os atletas do estudo, deverão ser da responsabilidade das federações e associações de cada modalidade, órgão sociais do clube e dos pais, como intervenientes essenciais para a prevenção e combate de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador.

Uma das vantagens deste estudo prende-se, essencialmente, pela escassa pesquisa qualitativa neste tema, em Portugal. Face ao exposto, esta pesquisa poderá contribuir para o aprofundamento desta área de estudo em Portugal, e consolidar as pesquisas realizadas a nível internacional. Por outro lado, esta investigação motiva-nos para a realização de futuras investigações a nível nacional, com diferentes metodologias de investigação, com uma amostra maior

relativamente a atletas e treinadores, sendo estes intervenientes de diferentes escalões e modalidades.

### Referências bibliográficas

- Balyi, I., Way, R., & Higgs, C. (2013). Long-Term Athlete Development. Human Kinetics.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (10th–2008th ed.). Edições 70.
- Brackenridge, C. (1998). Healthy Sport for Healthy Girls? The Role of Parents in Preventing Sexual Abuse in Sport. *Sport, Education and Society*, 3(1), 59–78. <https://doi.org/10.1080/1357332980030104>
- Brackenridge, C., & Kirby, S. (1997). PLAYING SAFE: Assessing the Risk of Sexual Abuse to Elite Child Athletes. *International Review for the Sociology of Sport*, 32(4), 407–418. <https://doi.org/10.1177/101269097032004005>
- Bringer, J. D., Brackenridge, C. H., & Johnston, L. H. (2001). The name of the game: A review of sexual exploitation of females in sport. *Current Women's Health Reports*, 1(3), 225–231.
- Carrington, S., & Graham, L. (2001). Perceptions of school by two teenage boys with Asperger syndrome and their mothers: A qualitative study. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, 5(1), 37–48. <https://doi.org/10.1177/1362361301005001004>
- Crooks, C. V., & Wolfe, D. A. (2007). Child abuse and neglect. In *Assessment of childhood disorders*, 4th ed (pp. 639–684). The Guilford Press.
- Cunti, A., Bellantonio, S., & Priore, A. (2016). Sport, gender differences and sexuality between social stereotypes and educational needs for recognition of subjectivities. *Studia UBB Educatio Artis Ginásio*, LXI,4, 77–84.
- David, P. (1999). Children's rights and sports Young athletes and competitive sports: Exploit and exploitation. *The International Journal of Children's Rights*, 7(1), 53–81. <https://doi.org/10.1163/15718189920494264>
- DiCicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40(4), 314–321. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>
- Dorsch, T. E., Smith, A. L., & McDonough, M. H. (2009). Parents' perceptions of child-to-parent socialization in organized youth sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31(4), 444–468. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.4.444>

- Eime, R. M., Young, J. A., Harvey, J. T., Charity, M. J., & Payne, W. R. (2013). A systematic review of the psychological and social benefits of participation in sport for adults: Informing development of a conceptual model of health through sport. *The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10, 135. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-135>
- Fasting, K., Brackenridge, C. H., Miller, K. E., & Sabo, D. (2008). Participation in college sports and protection from sexual victimization. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 6(4), 427–441. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2008.9671883>
- Felfe, C., Lechner, M., & Steinmayr, A. (2016). Sports and Child Development. *PLOS ONE*, 11(5), e0151729. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0151729>
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). Bullying in Sport and Performance Psychology. In L. A. Fisher & L. Dzikus, *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.169>
- Gervis, M., & Dunn, N. (2004). The emotional abuse of elite child athletes by their coaches. *Child Abuse Review*, 13(3), 215–223. <https://doi.org/10.1002/car.843>
- Gervis, M., Rhind, D., & Luzar, A. (2016). Perceptions of emotional abuse in the coach–athlete relationship in youth sport: The influence of competitive level and outcome. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 11(6), 772–779. <https://doi.org/10.1177/1747954116676103>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática (4aed.)*. Celta Editora.
- Glaser, D. (2002). Emotional abuse and neglect (psychological maltreatment): A conceptual framework. *Child Abuse & Neglect*, 26(6–7), 697–714. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(02\)00342-3](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(02)00342-3)
- Glesne, C. (2016). *Becoming Qualitative Researchers: An Introduction*, 5th Edition. In Pearson. Pearson.
- Jowett, S., & Cockerill, I. M. (2003). Olympic medallists’ perspective of the athlete–coach relationship. *Psychology of Sport and Exercise*, 4(4), 313–331. [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(02\)00011-0](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(02)00011-0)
- Kavanagh, E., Brown, L., & Jones, I. (2017). Elite Athletes’ Experience of Coping With Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 29(4), 402–417. <https://doi.org/10.1080/10413200.2017.1298165>

- Kerr, G. A., & Stirling, A. E. (2012). Parents' Reflections on their Child's Experiences of Emotionally Abusive Coaching Practices. *Journal of Applied Sport Psychology*, 24(2), 191–206. <https://doi.org/10.1080/10413200.2011.608413>
- Kirby, Greaves, L., & Hankivsky, O. (2000). The dome of silence: Sexual harassment and abuse in sport. Fernwood.
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *Lancet (London, England)*, 360(9339), 1083–1088. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Lally, P., & Kerr, G. (2008). The Effects of Athlete Retirement on Parents. *Journal of Applied Sport Psychology*, 20(1), 42–56. <https://doi.org/10.1080/10413200701788172>
- Matthews, D. D. (2004). Child abuse sourcebook. Omnigraphics. <https://catalog.hathitrust.org/Record/005020750>
- Mountjoy, M., Brackenridge, C., Arrington, M., Blauwet, C., Carska-Sheppard, A., Fasting, K., Kirby, S., Leahy, T., Marks, S., Martin, K., Starr, K., Tiivas, A., & Budgett, R. (2016). International Olympic Committee consensus statement: Harassment and abuse (non-accidental violence) in sport. *British Journal of Sports Medicine*, 50(17), 1019–1029. <https://doi.org/10.1136/bjsports-2016-096121>
- Mullin, B. J., Hardy, S., & Sutton, W. A. (2000). Sport Marketing. Human Kinetics.
- Papathomas, A., & Lavalley, D. (2012). Narrative Constructions of Anorexia and Abuse: An Athlete's Search for Meaning in Trauma. *Journal of Loss and Trauma*, 17(4), 293–318. <https://doi.org/10.1080/15325024.2011.616740>
- Parent, S., Lavoie, F., Thibodeau, M.-È., Hébert, M., & Blais, M. (2016). Sexual Violence Experienced in the Sport Context by a Representative Sample of Quebec Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(16), 2666–2686. <https://doi.org/10.1177/0886260515580366>
- Ryan, G., & Lane, S. (1997). Juvenile Sexual Offending: Causes, Consequences, and Correction. New and Revised Edition. Jossey-Bass Publishers, 350 Sansome St.
- Sandelowski, M. (2000). Whatever happened to qualitative description? *Research in Nursing & Health*, 23(4), 334–340. [https://doi.org/10.1002/1098-240X\(200008\)23:4<334::AID-NUR9>3.0.CO;2-G](https://doi.org/10.1002/1098-240X(200008)23:4<334::AID-NUR9>3.0.CO;2-G)

- Stirling, A. E., & Kerr, G. A. (2008). Elite Female Swimmers' Experiences of Emotional Abuse Across Time. *Journal of Emotional Abuse*, 7(4), 89–113. [https://doi.org/10.1300/J135v07n04\\_05](https://doi.org/10.1300/J135v07n04_05)
- Stirling, A., & Kerr, G. (2008). Defining and categorizing emotional abuse in sport. *European Journal of Sport Science*, 8(4), 173–181. <https://doi.org/10.1080/17461390802086281>
- Stirling, A. (2009). Definition and constituents of maltreatment in sport: Establishing a conceptual framework for research practitioners. *British Journal of Sports Medicine*, 43(14), 1091–1099. <https://doi.org/10.1136/bjism.2008.051433>
- Stirling, A. (2013). Applying Kolb's Theory of Experiential Learning to Coach Education. *Journal of Coaching Education*, 6(2), 103–121. <https://doi.org/10.1123/jce.6.2.103>
- Stirling, A., Bridges, E., Cruz, L., & Mountjoy, M. (2011). Canadian Academy of Sport and Exercise Medicine Position Paper: Abuse, Harassment, and Bullying in Sport. *Clinical Journal of Sport Medicine*, 21(5), 385. <https://doi.org/10.1097/JSM.0b013e31820f9248>
- Stirling, A. E., Bridges, E. J., Cruz, E. L., & Mountjoy, M. L. (2011). Canadian Academy of Sport and Exercise Medicine Position Paper: Abuse, Harassment, and Bullying in Sport: *Clinical Journal of Sport Medicine*, 21(5), 385–391. <https://doi.org/10.1097/JSM.0b013e31820f9248>
- Stirling, A., & Kerr, G. (2010). Sport Psychology Consultants as Agents of Child Protection. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22(3), 305–319. <https://doi.org/10.1080/10413201003795485>
- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2009). Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. *Sport in Society*, 12(2), 227–239. <https://doi.org/10.1080/17430430802591019>
- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2013). The perceived effects of elite athletes' experiences of emotional abuse in the coach–athlete relationship. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(1), 87–100. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2013.752173>
- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2014). Initiating and Sustaining Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship: An Ecological Transactional Model of Vulnerability. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 23(2), 116–135. <https://doi.org/10.1080/10926771.2014.872747>

- Tofler, I. R., Stryer, B. K., Micheli, L. J., & Herman, L. R. (1996). Physical and emotional problems of elite female gymnasts. *The New England Journal of Medicine*, 335(4), 281–283. <https://doi.org/10.1056/NEJM199607253350412>
- Toftegaard, J. N. (2001). THE FORBIDDEN ZONE: Intimacy, Sexual Relations and Misconduct in the Relationship between Coaches and Athletes. *International Review for the Sociology of Sport*, 36(2), 165–182. <https://doi.org/10.1177/101269001036002003>
- Vertommen, T., Schipper-van Veldhoven, N. H., Hartill, M. J., & Van Den Eede, F. (2015). Sexual harassment and abuse in sport: The NOC\*NSF helpline. *International Review for the Sociology of Sport*, 50(7), 822–839. <https://doi.org/10.1177/1012690213498079>
- Vertommen, T., Schipper-van Veldhoven, N., Wouters, K., Kampen, J. K., Brackenridge, C. H., Rhind, D. J. A., Neels, K., & Van Den Eede, F. (2016). Interpersonal violence against children in sport in the Netherlands and Belgium. *Child Abuse & Neglect*, 51, 223–236. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.10.006>
- Zurc, J. (2017). It was worth it– I would do it again!: Phenomenological perspectives on life in the elite women’s artistic gymnastics. *Science of Gymnastics Journal*, 9, 41–59.



## **Capítulo III – Discussão Geral**

---

### 3. Discussão Geral

Atualmente, a inatividade física tem vindo a ser identificada como um dos principais fatores associados à obesidade, inclusive em crianças, podendo originar alterações metabólicas e problemas psicológicos (Marujo & Leitão, 2004). É nas escolas que as crianças passam a grande parte do tempo, os períodos de recreio são cada vez mais curtos, o trajeto casa-escola, que anteriormente era feito a pé, passou a ser realizado de carro ou de autocarro, as crianças brincam e mexem-se cada vez menos (Neto, 2020). A literatura indica que a atividade física é um fator protetor contra o sedentarismo e a inatividade física, melhorando significativamente a qualidade de vida das pessoas, mais especificamente dos atletas (Campos et al., 2019).

O desporto é uma atividade que deve contemplar e promover valores humanos, assentando em princípios de solidariedade e de cooperação social entre os vários intervenientes (Neto, 1994). O facto de ser regulado por regras específicas, tendo um tempo e espaço específico, a atividade física e o treino, tornam o desporto num produto com características peculiares e indistinguíveis (Mullin et al., 2000), para melhorar a saúde mental, saúde física e competências sociais (Felfe et al., 2016). Segundo Eccles et al. (2003) pode também contribuir para melhorar os resultados escolares dos atletas.

O desporto está muitas vezes associado a vitórias, sendo este um dos critérios mais valorizados, mesmo entre crianças e jovens. A obsessão com a performance e a mentalidade de ganhar a qualquer custo podem originar em alguns casos práticas desportivas problemáticas (Gervis & Dunn, 2004; Stirling & Kerr, 2009), normalizando os comportamentos de maus-tratos na relação intervenientes desportivos-atletas (Vertommen et al., 2016). Se o atleta tiver uma baixa performance e for incapaz de executar conforme o desejado, ficará mais vulnerável a possíveis comportamentos de *bullying* no clube desportivo (Ventura et al., 2019), visto que o nível de performance do atleta é muitas vezes mais valorizado do que propriamente os valores éticos do desporto.

Apesar de o desporto ser uma ferramenta importante no desenvolvimento dos jovens, existe uma prevalência preocupante de episódios de abuso que podem acontecer de diferentes formas.

A nível científico, o nosso estudo pretende contribuir para o preenchimento de lacunas que se verificam na literatura na área do *bullying* em contexto desportivo

e os comportamentos na relação atleta-treinador em Portugal, mais especificamente na região de Trás-os-Montes e Alto Douro. O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar a incidência de comportamentos de *bullying* e comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador do sexo masculino e feminino, praticantes de diversas modalidades, no contexto de formação desportiva na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, através de abordagens de carácter quantitativo e qualitativo.

Quando os atletas foram questionados sobre o conceito de *bullying*, referiram que é uma intenção de “*fazer com que os outros se sintam mal*”, sendo o gozo, a violência física e o abuso psicológico, os conceitos mais identificados. Segundo a literatura, o *bullying* é caracterizado por uma ação intencional com o objetivo de atingir a vítima, que ocorre num relacionamento com desequilíbrio de poder (Olweus, 2010; Rigby, 2003). A violência física e o abuso psicológico ocorrem mais em atletas mais novos, pois estes são mais vulneráveis a estes dois tipos de violência. Estes resultados vão ao encontro da investigação realizada por Vveinhardt & Fominiene (2019), que referem que os elementos mais novos ou os mais recentes no grupo são mais vulneráveis, considerando este fator como um dos possíveis fatores de risco.

Ao serem interrogados acerca de vivências de episódios de *bullying*, os atletas caracterizavam-nas como brincadeiras, camuflando muitas vezes a existência de agressividade: “é sempre no tom de brincadeira, porque acho que *bullying, bullying* nunca houve”. O conceito de brincadeira é muitas vezes utilizado para descrever um ato de agressão “disfarçada”, que se caracteriza por uma forma agressiva entre pares (Brackenridge et al., 2007).

Brackenridge et al. (2007) interrogam-se sobre o limiar entre brincadeira e a agressão, visto que, segundo Kerr et al. (2016), o contexto desportivo fornece um ambiente único para potenciais comportamentos de *bullying*, sendo muitas vezes percebidos como normais e aceitáveis. O facto de os atletas passarem muito tempo juntos, nos treinos, na competição e no convívio entre jovens, propicia uma maior competitividade, levando o atleta a competir pelo seu espaço dentro da modalidade envolvida, com o objetivo de obter maior rendimento (Kerr et al., 2016), originando em muitos casos, comportamentos agressivos entre pares como forma de alcançar o seu objetivo (Mintah et al., 1999).

O *bullying* em contexto escolar e federado é considerado uma realidade na sociedade atual (Schuster & Bogart, 2013). Neste estudo, as prevalências de comportamentos de *bullying* referentes ao desporto federado são ligeiramente superiores ao desporto escolar (25,6% vs. 23,6%). Uma possível explicação para estes resultados poderá advir do facto de os atletas do desporto federado serem mais confiantes e mais aptos socialmente (Melim & Pereira, 2013). Relativamente à prevalência de comportamentos de *bullying* por sexo, os atletas masculinos apresentaram valores tendencialmente superiores aos femininos (26,5% vs. 21,9%). Segundo a literatura, ambos os sexos se caracterizam por ser agressivos (Blaya et al., 2003). As diferenças entre comportamentos de *bullying* manifestam-se em função ao sexo (Seixas, 2009). No que diz respeito ao estereótipo relativamente ao sexo, é comum associar ao sexo masculino a força física, poder, competitividade, violência, agressividades, entre outros (Blaya et al., 2003; Lomas, 2007). Já o sexo feminino é caracterizado por evidenciar mais sensibilidade e compreensão dos sentimentos dos outros, e ser mais frágil, delicado e passivo (Blaya et al., 2003; Mariano, 2001). Neste sentido, os comportamentos de *bullying* manifestados por elementos do sexo masculino, são maioritariamente diretos e físicos (Costa et al., 2011; Olweus, 2010), já no sexo feminino são manifestados de forma indireta e social (Blaya et al., 2003). Relativamente à predominância de comportamentos de *bullying* consoante as modalidades praticadas, foi possível verificar que as modalidades coletivas (26,7%) tiveram valores superiores às modalidades de combate (23,1%) e individuais (19,1%). Este resultado está em consonância com o obtido por Mishna et al. (2019), que concluíram que se verifica uma maior prevalência de *bullying* nas modalidades coletivas. É de realçar, ainda, o facto de a percentagem superior de vítimas ocorrer nas modalidades de combate (embora, as diferenças não sejam significativas), e não existir nenhum agressor nas modalidades de combate. Talvez, a filosofia subjacente a estas modalidades permita justificar os nossos resultados e que estes atletas podem utilizar técnicas específicas da modalidade apenas em legítima defesa.

Também foi possível verificar que os episódios de *bullying* ocorrem de forma ocasional, ou seja, uma a duas vezes por ano, o que corrobora as conclusões de Nery et al. (2018). Relativamente aos tipos de *bullying*, ao longo da nossa investigação foram identificados o *bullying* verbal e físico. Outras investigações

identificaram também o *bullying* verbal como o mais utilizado (Craig et al., 2009; Kerr et al., 2016; Nery et al., 2018; Volk & Lagzdins, 2009).

O clube é o local mencionado com mais frequência pelas vítimas no desporto federado (73,7%), já no desporto escolar (42,9%) os atletas referem a competição. Muitas vezes, os comportamentos de *bullying* que ocorrem nos clubes desportivos, começam no ambiente escolar ou no caminho casa-escola (Shannon, 2013). Um dos estudos qualitativos acrescentou ainda o balneário como um local frequente da ocorrência de *bullying*, talvez justificado por ser um espaço menos controlado por adultos/treinadores (Ventura et al., 2019).

No que diz respeito às estratégias de *coping* para os atletas lidarem com os episódios de *bullying*, os praticantes de modalidades coletivas e combate são mais centrados na emoção, enquanto nas modalidades individuais utilizam o *coping* focado no problema.

Também são os atletas vítimas e agressores de *bullying* das modalidades individuais que mais referem partilhar o acontecimento com a sua família. Os atletas vítimas das modalidades individuais posteriormente referem uma comunicação superior entre a família e o treinador. Esta maior comunicação entre as vítimas e os adultos, tem um resultado positivo, demonstrado por uma maior abordagem da temática do *bullying* por parte do treinador de desportos individuais. De realçar a elevada prevalência de vítimas que não comunicam a ninguém a experiência negativa que estão a passar, principalmente no desporto federado, no sexo masculino e nas modalidades coletivas. Nestes casos, o silêncio da vítima pode ser justificado pelo facto de os atletas se sentirem mais vulneráveis quando pedem ajuda (Stirling et al., 2011). Este tipo de vivências de isolamento pode ter consequências negativas para os atletas, tais como problemas de ansiedade (Geel et al., 2014). Talvez a falta de comunicação entre atleta-família-treinador tenha como consequência a continuidade dos episódios de *bullying*, podendo levar ao abandono da prática desportiva.

O referido anteriormente permite-nos verificar que o *bullying* no desporto é uma problemática atual, centrada na relação entre pares. No entanto, verificam-se comportamentos de maus-tratos sobre os atletas por outros adultos intervenientes no contexto desportivo, como é o caso do treinador. Sobre o conceito de maus-tratos na relação atleta-treinador, os nossos atletas identificaram a existência de atitudes negativas, abuso emocional e físico; estas

atitudes por parte do treinador são consideradas inaceitáveis e negativas. Em relação ao abuso emocional, os atletas referiram o abuso emocional verbal e a negação de atenção e apoio. Os nossos resultados enquadram-se na literatura, referindo muitas vezes que os atletas sofrem deste tipo de abusos em simultâneo (Kavanagh et al., 2017). Muitas vezes, os atletas não têm conhecimentos sobre esta problemática, ou podem não admitir que estão a sofrer comportamentos de maus-tratos (Papathomas & Lavalley, 2012; Stirling, 2009). O conceito de maus-tratos não é claro no contexto desportivo, devido à dificuldade de se perceber o que realmente são maus-tratos ou comportamentos inerentes ao processo de treino e competição (Fasting et al., 2008). Na perspetiva dos atletas existe um clima harmonioso no grupo e um relacionamento positivo com o treinador, sendo referido a inexistência de vítimas de maus-tratos por parte do treinador. As opiniões dos observadores não são unânimes, existindo atletas que referem não ter presenciado quaisquer comportamentos de maus-tratos; enquanto outros salientam ter presenciado esse tipo de comportamentos na relação atleta-treinador, mais propriamente o abuso emocional, o que corrobora a literatura existente (Gervis & Dunn, 2004; Stirling & Kerr, 2014).

Quando questionamos os atletas sobre as estratégias de prevenção de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, foi identificada a supervisão, comunicação e o despedimento do treinador. Relativamente à supervisão e à comunicação, os atletas referiram ser importante a existência de alguém externo ao treino e competição, para observar as atitudes do treinador; posteriormente, esse observador externo poderia ter uma conversa com o treinador, abordando o tipo de comportamentos a evitar nos treinos e competição. Esta supervisão devia englobar as federações desportivas, as associações distritais, órgãos sociais do clube e pais.

Outra sugestão feita pelos atletas centrou-se na necessidade de haver uma melhor comunicação entre atletas-família-treinador. Talvez a realização de uma reunião periódica, entre o coordenador técnico e os pais, onde pudessem ser debatidos problemas existentes dentro da equipa, nomeadamente aspetos relacionados a relação atleta-atleta e atleta-treinador, contribuísse para haver uma melhor abertura ao diálogo.

Na nossa investigação, os atletas acrescentaram que o treinador tem um papel central na prevenção e intervenção nos comportamentos de *bullying*, devendo

ter um conhecimento profundo sobre esta temática e compreender os sinais dados pelo seu grupo de trabalho.

Apesar de existir uma maior consciencialização da generalidade das pessoas no âmbito desportivo de forma a proteger os atletas, existem ainda comportamentos abusivos, que podem originar o abandono da prática desportiva, a depressão e o isolamento social (Stirling & Kerr, 2008).

Além disto, os atletas sugerem a necessidade de existir um maior conhecimento sobre a problemática do *bullying* e comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, para uma prevenção e intervenção mais eficaz. Os resultados da nossa investigação alertam para a necessidade de formações contínuas para todos os agentes desportivos, nomeadamente dirigentes, treinadores, pais, atletas, entre outros, de forma a obter um conhecimento mais aprofundado sobre as formas de prevenção e intervenção no *bullying* e comportamentos de maus-tratos.

# **Capítulo IV – Considerações Finais e Conclusões**

---



#### 4. Considerações Finais e Conclusões

O desporto é um contexto promotor de um estilo de vida saudável, mas também pode ser um local propício à ocorrência de comportamentos de *bullying*. Apesar de o *bullying* ser um problema atual no contexto desportivo, existem poucas investigações sobre esta temática. Neste sentido, os estudos apresentados permitiram dar um contributo acerca da descrição e análise dos comportamentos de *bullying* no contexto desportivo e os comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador, na Região de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal), em atletas de ambos os sexos e praticantes de várias modalidades desportivas. Relativamente à temática do *bullying* no contexto desportivo, os nossos resultados representam uma novidade na região em estudo. Procurou-se, recorrendo a metodologias de carácter quantitativo e qualitativo, alcançar um entendimento mais profundo sobre o tema. Confirmamos, claramente, a existência de comportamentos de *bullying* na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, o que corrobora a restante investigação realizada em Portugal. Foi ainda possível verificar que os atletas interpretam o conceito de *bullying* como comportamentos de gozo, violência física e abuso psicológico, chegando a considerá-lo uma brincadeira.

Relativamente às prevalências de comportamentos de *bullying* nas variáveis contexto (desporto federado vs. escolar), sexo e modalidades, verificámos resultados semelhantes. Destaca-se uma maior prevalência de comportamentos de *bullying* nas modalidades coletivas, comparativamente às modalidades individuais. No que diz respeito à frequência, tipos de *bullying* e formas de maus-tratos, os nossos resultados estão em sintonia com outras investigações realizadas, sendo a frequência ocasional e o tipo de *bullying* mais utilizado o verbal. Na perspetiva das vítimas, os episódios de *bullying* ocorrem de forma individual, já na perspetiva do agressor, o seu envolvimento em episódios de *bullying* ocorre em grupo. Os observadores do nosso estudo responsabilizam o agressor, referindo defender a vítima de episódios de *bullying*. Verificamos que para combater a vitimização de *bullying*, as vítimas devem ter um comportamento focado no problema, de modo a pedir ajuda.

De acordo com os nossos resultados, os atletas do desporto escolar, do sexo feminino e das modalidades de combate, enquanto vítimas comunicam com a família e entre pares. Nas modalidades individuais, a vítima comunica com a

família, esta comunica com o treinador, e por sua vez, o treinador comunica com os atletas, de modo a reduzir os episódios de *bullying*. No desporto federado, em atletas do sexo masculino e de modalidade coletivas, verifica-se, em grande parte, a inexistência de comunicação entre as vítimas e as diferentes fontes de apoio. No que diz respeito aos agressores, verificou-se que no desporto escolar, em atletas femininas praticantes de modalidades individuais, a comunicação do envolvimento em episódios de *bullying* é feita com a família e adultos. Já no desporto federado, em atletas do sexo masculino e de modalidades coletivas, à semelhança dos resultados obtidos nas vítimas, a maioria dos inquiridos referiram também não comunicar com ninguém.

Relativamente ao local de ocorrências de episódios de *bullying*, é essencial a monitorização dos espaços, sendo necessária uma maior supervisão com mais recursos humanos nos espaços menos vigiados, especialmente no balneário. Neste âmbito, os atletas referem que o balneário, o clube, a competição e a escola, são os locais com mais ocorrências de episódios de *bullying*, sendo justificados, na maioria das vezes, pela falta de vigilância de agentes desportivos/educativos.

A investigação qualitativa possibilitou também compreender qual a opinião dos atletas relativamente à prevenção e às estratégias de combate ao *bullying*. Estes salientam a importância de este tema ser abordado em vários contextos, nomeadamente no contexto escolar e no desporto federado, de forma a sensibilizar e prevenir comportamentos de *bullying*. Estas intervenções devem ser realizadas nas federações, clubes desportivos, tendo como alvos os atletas, pais, treinadores, dirigentes desportivos, entre outros, de modo a educar todos os intervenientes relativamente aos comportamentos de *bullying* no contexto desportivo. O treinador, ao ter um conhecimento mais profundo sobre esta temática, adquire uma maior sensibilidade para intervir quando verificar os sinais de vitimização; desse modo, o treinador será capaz de ter uma intervenção mais eficaz que poderá resultar numa possível diminuição dos comportamentos de *bullying* no contexto desportivo.

As nossas investigações de carácter quantitativo e qualitativo na temática do *bullying* no contexto desportivo vieram contribuir para compreender melhor este fenómeno a nível nacional e internacional. Contudo, é fundamental continuar a investigar acerca da agressão entre pares no contexto desportivo, para obter

uma compreensão mais profunda do fenómeno e poder atuar mais eficazmente, devendo apostar-se na formação de treinadores e de outros agentes desportivos sobre a temática do *bullying* no contexto desportivo. Assim, estaremos a combater a vitimização, a exclusão e o abandono desportivo, que muitas vezes ocorre de uma forma precoce.

Outra novidade desta tese situa-se na análise de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador na Região de Trás-os-Montes e Alto Douro em Portugal, em ambos os sexos e vários tipos de modalidades com uma abordagem qualitativa. No que diz respeito ao conceito de comportamento de maus-tratos na relação atleta-treinador, podemos verificar, que os inquiridos do nosso estudo relacionam esta problemática a atitudes negativas, abuso emocional e abuso físico. Relativamente às vivências dos nossos entrevistados, apuramos a inexistência de comportamentos de maus-tratos na relação atleta-treinador. Além disso, e ao analisar as experiências vivenciadas pelos observadores, verificámos que na sua carreira desportiva, assistiram a comportamentos abusivos por parte do treinador, nomeadamente abuso emocional. Confirmamos ainda que os atletas estão sensibilizados para esta temática, reconhecendo a importância de formações de sensibilização e a necessidade de um olhar mais atento por parte das entidades responsáveis.

O relacionamento positivo entre o atleta e o treinador é um aspeto fulcral para o sucesso dos jogadores. Nesta investigação verificamos que os inquiridos responsabilizam o treinador, referindo ações negativas. Este ponto é fundamental, dada a importância do treinador para o desempenho positivo do atleta a nível desportivo e como ser humano.

#### **4.1. Limitações do estudo e futuras direções da pesquisa**

Relativamente ao *bullying* no contexto desportivo, consideramos que seria importante alargar a área geográfica de estudo, nomeadamente a outras cidades da região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Seria igualmente importante levar a cabo outras investigações de carácter quantitativo e qualitativo em outras regiões de Portugal que ainda não foram estudadas. Seria ainda pertinente que essas novas investigações incluíssem modalidades ainda não estudadas, como o boxe, capoeira, beisebol, polo aquático, futebol de praia, entre outras. Outra

temática que seria importante investigar seria os comportamentos de maus-tratos existentes na relação pais-atletas.

O nosso estudo é de carácter transversal, não permitindo avaliar a estabilidade dos atletas no envolvimento de episódios de *bullying* ao longo do tempo. Consideramos importante levar a cabo estudos de caso com vítimas e agressores persistentes, com recolhas de dados ao longo do tempo e que permitam estabelecer uma relação de confiança entre o investigador e os atletas, permitindo que os últimos vençam as barreiras iniciais de constrangimento face ao tema sensível que está a ser estudado.

No que se refere aos maus-tratos na relação atleta-treinador sugerimos a realização de investigações de carácter quantitativo e qualitativo em outras cidades da região aqui estudada, bem como o envolvimento de atletas de ambos os géneros e de várias modalidades desportivas. Tais estudos poderiam ser desenvolvidos no âmbito de uma linha de investigação que permitisse o envolvimento de outras regiões de Portugal e de outros países. Os resultados de tais estudos poderiam ajudar na conceção e operacionalização de novos e inovadores projetos de prevenção no âmbito desta temática.

## **Capítulo V - Referências Bibliográficas**

---

## 5. Referências Bibliográficas

- Albayrak, S., yıldız, A., & Erol, S. (2016). Assessing the effect of school bullying prevention programs on reducing bullying. *Children and Youth Services Review*, 63. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2016.02.005>
- Amorim, C. (2009). Bullying Compreensão e Intervenção – Experiências. *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - PUCPR*.
- Andrews, J., & Andrews, G. (2003). Life in a secure unit: The rehabilitation of young people through the use of sport. *Social Science & Medicine*, 56(3), 531–550. [https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(02\)00053-9](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(02)00053-9)
- Araújo, M., McIntyre, T., & McIntyre, S. (2014). Bullying no local de trabalho, clima organizacional e liderança: A emergência da gestão para a cidadania organizacional. *Investigação e Intervenção Em Recursos Humanos*. <https://doi.org/10.26537/iirh.v0i3.1823>
- Balyi, I., Way, R., & Higgs, C. (2013). *Long-Term Athlete Development*. Human Kinetics.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (10th–2008th ed.). Edições 70.
- Björkqvist, k., & Österman. (2000). *Social intelligence – Empathy = aggression? Aggression and Violent Behavior*. 5(2), 191–200.
- Blaya, C., Debarbieux, E., & Rubi, S. (2003). Género e violência nas escolas. *Documento Encomendado Para o Relatório de Monitoramento Global 2003 Da EFA, The Lea Igualdade*.
- Brackenridge, C. (1998). Healthy Sport for Healthy Girls? The Role of Parents in Preventing Sexual Abuse in Sport. *Sport, Education and Society*, 3(1), 59–78. <https://doi.org/10.1080/1357332980030104>
- Brackenridge, C., & Kirby, S. (1997). PLAYING SAFE: Assessing the Risk of Sexual Abuse to Elite Child Athletes. *International Review for the Sociology of Sport*, 32(4), 407–418. <https://doi.org/10.1177/101269097032004005>
- Brackenridge, C., Rivers, I., Gough, B., & Llewellyn, K. (2007). Driving down participation. Homophobic bullying as a deterrent to doing sport. In *Aitchison C. Sport (ed) & gender identities. Masculinities, femininities and sexualities* (pp. 122–139). Routledge.

- Bredemeier, B. J., & Shields, D. L. (1986). Athletic Aggression: An Issue of Contextual Morality. *Sociology of Sport Journal*.  
<https://doi.org/10.1123/ssj.3.1.15>
- Bringer, J. D., Brackenridge, C. H., & Johnston, L. H. (2001). The name of the game: A review of sexual exploitation of females in sport. *Current Women's Health Reports*, 1(3), 225–231.
- Cabagno, G., & Rasclé, O. (2006). Team Sports Players' Observed Aggression as a Function of Gender, Competitive Level, and Sport Type. *Journal of Applied Social Psychology*, 36(8), 1980–2000.  
<https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00090>.
- Campos, C. G., Muniz, L. A., Belo, V. S., Romano, M. C. C., & Lima, M. de C. (2019). Conhecimento de adolescentes acerca dos benefícios do exercício físico para a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 2951–2958. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.17982017>
- Carrington, S., & Graham, L. (2001). Perceptions of school by two teenage boys with Asperger syndrome and their mothers: A qualitative study. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, 5(1), 37–48.  
<https://doi.org/10.1177/1362361301005001004>
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, 5, 125–146.
- Cascales, J. Á. M., & Prieto, M. J. R. (2019). Incidencia de la práctica de actividad física y deportiva como reguladora de la violencia escolar. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, 35, 54–60.
- Connell, R. W. (2001). Educando a los muchachos: Nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de género para las escuelas. *Nómadas*, 156–171.
- Corral-Pernía, J. A., Chacón-Borrego, F., Fernández-Gavira, J., & Rey, R. D. (2017). Bullying according to the level of physical activity in adolescents. *Revista de Psicología Del Deporte*, 27(3), 61–66.
- Costa, P., & Pereira, B. (2010). *I Seminário Internacional "Contributos da psicologia em contextos educativos."*
- Costa, P., Pereira, B., Simões, H., & Farenzena, R. (2011). Vitimação em contexto escolar: Frequência e as múltiplas formas. *Atas do VII Seminário*

- Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde*, 1897–1912.  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13219>
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., de Mato, M. G., Overpeck, M., Due, P., & Pickett, W. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54(Suppl 2), 216–224. <https://doi.org/10.1007/s00038-009-5413-9>
- Craig, W. M., Pepler, D., & Atlas, R. (2000). Observations of Bullying in the Playground and in the Classroom. *School Psychology International*, 21(1), 22–36. <https://doi.org/10.1177/0143034300211002>
- Crooks, C. V., & Wolfe, D. A. (2007). Child abuse and neglect. In *Assessment of childhood disorders, 4th ed* (pp. 639–684). The Guilford Press.
- Crothers, L. M., & Levinson, E. M. (2004). Assessment of Bullying: A Review of Methods and Instruments. *Journal of Counseling & Development*, 82(4), 496–503. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6678.2004.tb00338.x>
- Cunti, A., Bellantonio, S., & Priore, A. (2016). Sport, gender differences and sexuality between social stereotypes and educational needs for recognition of subjectivities. *Studia UBB Educatio Artis Ginásio, LXI, 4*, 77–84.
- Dahlberg, L., & Krug, E. (2006). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163–1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- David, P. (1999). Children's rights and sports Young athletes and competitive sports: Exploit and exploitation. *The International Journal of Children's Rights*, 7(1), 53–81. <https://doi.org/10.1163/15718189920494264>
- deLara, E. W. (2012). Why Adolescents Don't Disclose Incidents of Bullying and Harassment. *Journal of School Violence*, 11(4), 288–305. <https://doi.org/10.1080/15388220.2012.705931>
- Dias, C. S. (2005). *Do stress e ansiedade às emoções no desporto: Da importância da sua compreensão à necessidade da sua gestão*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/>
- DiCicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40(4), 314–321. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>



- Dorsch, T. E., Smith, A. L., & McDonough, M. H. (2009). Parents' perceptions of child-to-parent socialization in organized youth sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31(4), 444–468. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.4.444>
- Douglas, K., & Carless, D. (2009). Abandoning The Performance Narrative: Two Women's Stories of Transition from Professional Sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, 213–230. <https://doi.org/10.1080/10413200902795109>
- Dytham, S. (2018). The role of popular girls in bullying and intimidating boys and other popular girls in secondary school. *British Educational Research Journal*, 44(2), 212–229. <https://doi.org/10.1002/berj.3324>
- Eccles, J. S., Barber, B. L., Stone, M., & Hunt, J. (2003). Extracurricular Activities and Adolescent Development. *Journal of Social Issues*, 59(4), 865–889. <https://doi.org/10.1046/j.0022-4537.2003.00095.x>
- Eime, R. M., Young, J. A., Harvey, J. T., Charity, M. J., & Payne, W. R. (2013). A systematic review of the psychological and social benefits of participation in sport for adults: Informing development of a conceptual model of health through sport. *The International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10, 135. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-135>
- Escury, A., & Dudinkl, A. (2010). *Bullying Beyond School: Examining the Role of Sports*. In: JIMERSON, Shane.; SWEARER, Susan; ESPELAGE, Dorothy. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*.
- Eslea, M., Menesini, E., Morita, Y., O'Moore, M., Mora-Merchán, J. A., Pereira, B., & Smith, P. K. (2004). Friendship and loneliness among bullies and victims: Data from seven countries: Friendship and Loneliness Among Bullies and Victims. *Aggressive Behavior*, 30(1), 71–83. <https://doi.org/10.1002/ab.20006>
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2003). Research on School Bullying and Victimization: What Have We Learned and Where Do We Go From Here? *School Psychology Review*, 32(3), 365–383. <https://doi.org/10.1080/02796015.2003.12086206>
- Evans, B., Adler, A., MacDonald, D., & Côté, J. (2016). Bullying Victimization and Perpetration Among Adolescent Sport Teammates. *Pediatric Exercise Science*, 28(2), 296–303. <https://doi.org/10.1123/pes.2015-0088>

- Fasting, K., Brackenridge, C. H., Miller, K. E., & Sabo, D. (2008). Participation in college sports and protection from sexual victimization. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 6(4), 427–441. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2008.9671883>
- Felfe, C., Lechner, M., & Steinmayr, A. (2016). Sports and Child Development. *PLOS ONE*, 11(5), e0151729. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0151729>
- Fernandes, E., Henriques, S., Mendes, S., & Ribeiro, E. (2016). Bullying: Conhecer para Prevenir. *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, 49, 77–89.
- Ferrari, I. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18(2), 49–62.
- Ferreira, E. M. da S. (2006). *Bullying em contexto escolar: Narrativas e significados em adolescentes e pré-adolescentes*. <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1009>
- Fields, S. K., Collins, C. L., & Comstock, R. D. (2010). Violence in youth sports: Hazing, brawling and foul play. *British Journal of Sports Medicine*, 44(1), 32–37. <https://doi.org/10.1136/bjism.2009.068320>
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). Bullying in Sport and Performance Psychology. In L. A. Fisher & L. Dzikus, *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.169>
- Fredrick, S. S., & Demaray, M. K. (2018). Peer victimization and suicidal ideation: The role of gender and depression in a school-based sample. *Journal of School Psychology*, 67, 1–15. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2018.02.001>
- Freire, A., & Aires, J. (2012). The contribution of school psychology in the prevention and coping of Bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 55–60. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>
- Freire, I., Simão, A. V., & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: Um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157–183.
- Fry, M. D., & Gano-Overway, L. A. (2010). Exploring the Contribution of the Caring Climate to the Youth Sport Experience. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22(3), 294–304. <https://doi.org/10.1080/10413201003776352>

- Galindo, A. G. (2001). *Programa estadual de iniciação ao karatê – PROEIK: introdução pioneira do karatê como prática de educação física na rede de ensino do estado do Amapá*. 2, 47–52.
- Geel, M. van, Vedder, P., & Tanilon, J. (2014). Relationship between peer victimization, cyberbullying, and suicide in children and adolescents: A meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 168(5), 435–442. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2013.4143>
- Gervis, M., & Dunn, N. (2004). The emotional abuse of elite child athletes by their coaches. *Child Abuse Review*, 13(3), 215–223. <https://doi.org/10.1002/car.843>
- Gervis, M., Rhind, D., & Luzar, A. (2016). Perceptions of emotional abuse in the coach–athlete relationship in youth sport: The influence of competitive level and outcome. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 11(6), 772–779. <https://doi.org/10.1177/1747954116676103>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática* (4ªed.). Celta Editora.
- Glaser, D. (2002). Emotional abuse and neglect (psychological maltreatment): A conceptual framework. *Child Abuse & Neglect*, 26(6–7), 697–714. [https://doi.org/10.1016/s0145-2134\(02\)00342-3](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(02)00342-3)
- Glesne, C. (2016). *Becoming Qualitative Researchers: An Introduction*, 5th Edition. In *Pearson*. Pearson.
- Gomes, A. R. (2010). Influência parental no desporto: A percepção de pais e jovens atletas portugueses. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(4), 490–503. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400007>
- Gonçalves, G., Deiques, E., Peres, A., & Júnior, C. (2019). Bullying como violência sistemática que conduz à estigmatização nas escolas de futebol. *Kinesis*, 37. <https://doi.org/10.5902/2316546430606>
- Greco, G., Cataldi, S., & Fischetti, F. (2019). Karate as anti-bullying strategy by improvement resilience and self-efficacy in school-age youth. *Journal of Physical Education and Sport*, 19, 1863–1870. <https://doi.org/10.7752/jpes.2019.s5276>
- Guimarães, A. H. R. (2008). *O orientador educacional frente ao fenômeno bullying—Um estudo nas escolas particulares do plano piloto* <https://btdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/901>

- Hernandez, J. A. E., & Voser, R. da C. (2012). Validação da escala de liderança para o esporte: Versão preferência dos atletas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 142–157. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100011>
- Hughes, R., & Coakley, J. (1991). Positive Deviance among Athletes: The Implications of Over Conformity to the Sports Ethic. *Sociology of Sport Journal*, 8, 307–325. <https://doi.org/10.1123/ssj.8.4.307>
- Jowett, S., & Cockerill, I. M. (2003). Olympic medallists' perspective of the athlete–coach relationship. *Psychology of Sport and Exercise*, 4(4), 313–331. [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(02\)00011-0](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(02)00011-0)
- Kavanagh, E., Brown, L., & Jones, I. (2017). Elite Athletes' Experience of Coping With Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 29(4), 402–417. <https://doi.org/10.1080/10413200.2017.1298165>
- Kentel, J. L., & McHugh, T.-L. F. (2015). “Mean Mugging”: An Exploration of Young Aboriginal Women's Experiences of Bullying in Team Sports. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 37(4), 367–378. <https://doi.org/10.1123/jsep.2014-0291>
- Kerr, G., Jewett, R., MacPherson, E., & Stirling, A. (2016). Student–Athletes' Experiences of Bullying on Intercollegiate Teams. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 10(2), 132–149. <https://doi.org/10.1080/19357397.2016.1218648>
- Kirby, Greaves, L., & Hankivsky, O. (2000). *The dome of silence: Sexual harassment and abuse in sport*. Fernwood.
- Kirby, S., & Wintrump, G. (2002). *Running a gauntlet: An examination of initiation/hazing and sexual abuse in sport. The Journal of Sexual Aggression*. vol, 8 (12), 49–68.
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *Lancet (London, England)*, 360(9339), 1083–1088. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Lally, P., & Kerr, G. (2008). The Effects of Athlete Retirement on Parents. *Journal of Applied Sport Psychology*, 20(1), 42–56. <https://doi.org/10.1080/10413200701788172>

- Lomas, C. (2007a). La escuela es un infierno? Violencia escolar y construcción cultural de la masculinidad. *Revista de Educación*, 342, 83–101.
- Lomas, C. (2007b). ¿La escuela es un infierno?: Violencia escolar y construcción cultural de la masculinidad. *Revista de educación*, 342, 83–102.
- Lundqvist, C., Kenttä, G., & Raglin, J. S. (2011). Directional anxiety responses in elite and sub-elite young athletes: Intensity of anxiety symptoms matters. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 21(6), 853–862. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2010.01102.x>
- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. Climepsi.
- Mariano, L. M. D. O. F. (2001). Criança maltratada. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 17(6), 459–469. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v17i6.9858>
- Marracho, P., Coelho, E., Nery, M., & Pereira, A. (2021). Comportamentos de bullying em jovens praticantes de desporto (Bullying behaviours in young athletes). *Retos*, 42, 861–871. <https://doi.org/10.47197/retos.v42i0.87189>
- Marracho, P., Pereira, A., Nery, M., Rosado, A., & Coelho, E. (2021). Is young athletes' bullying behaviour different in team, combat or individual sports? *Motricidade*, 17, 70–78. <https://doi.org/10.6063/motricidade.21129>
- Marujo, M., & Leitão, L. (2004). Obesidade das crianças dos 11 aos 13 anos—Realidade ou mito? *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 20(4), 457–459. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v20i4.10058>
- Matthews, D. D. (2004). *Child abuse sourcebook*. Omnigraphics. <https://catalog.hathitrust.org/Record/005020750>
- Melim, F. M., & Pereira, B. O. (2013). Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? *Movimento*, 19(2), 55–77.
- Mintah, J. K., Huddleston, S., & Doody, S. G. (1999). Justifications of aggressive behavior in contact and semicontact sports. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(3), 597–605. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1999.tb01403.x>
- Mishna, F., Kerr, G., McInroy, L. B., & MacPherson, E. (2019). Student athletes' experiences of bullying in intercollegiate sport. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 13(1), 53–73. <https://doi.org/10.1080/19357397.2019.1581512>

- Mountjoy, M., Brackenridge, C., Arrington, M., Blauwet, C., Carska-Sheppard, A., Fasting, K., Kirby, S., Leahy, T., Marks, S., Martin, K., Starr, K., Tiivas, A., & Budgett, R. (2016). International Olympic Committee consensus statement: Harassment and abuse (non-accidental violence) in sport. *British Journal of Sports Medicine*, *50*(17), 1019–1029. <https://doi.org/10.1136/bjsports-2016-096121>
- Mullin, B. J., Hardy, S., & Sutton, W. A. (2000). *Sport Marketing*. Human Kinetics.
- Nery, M. (2016). *Bullying no contexto da formação desportiva em Portugal. Estudo exploratório a nível nacional de modalidades individuais, colectivas e de combate*. [Doutoramento, Universidade de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana].
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. K. (2018). Bullying in youth sport training: A nationwide exploratory and descriptive research in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, *0*(0), 1–17. <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1447459>
- Nery, M., Neto, C., Rosado, A., & Smith, P. K. (2020). *Bullying in Youth Sports Training: New perspectives and practical strategies* (1st edition). Routledge.
- Neto, C. (1994). A criança e a actividade desportiva. *Revista Horizonte*, *10*(60), 203–206.
- Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças*. Contraponto Editores.
- Neto, L., & Aramis, A. (2005). Bullying: Aggressive behavior among students. *Jornal de Pediatria*, *81*(5), 164–172. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>
- Nixon, H. L. (1997). Gender, sport, and aggressive behavior outside sport: *Journal of Sport and Social Issues*, *21*(4), 379–391. <https://doi.org/10.1177/019372397021004005>
- Oliveira, L. S., Oliveira, W., Carvalho Filho, J., Borges, C., Oliveira, G., Oliveira, T., Silva, V., & Valentim-Silva, João Rafael. (2017). Cooperative games as a pedagogical strategy to decrease bullying in physical education: Notable changes in behavior. *Journal of Physical Education and Sport*, *17*, 1054–1060. <https://doi.org/10.7752/jpes.2017.03162>

- Olweus, D. (Ed.). (1989). Prevalence and incidence in the study of antisocial behavior: Definitions and measurement. In Klein, M. *Cross-National Research in Self-Reported Crime and Delinquency* (pp. 187–201). Kluwer.
- Olweus, D. (1997). Bullying in schools: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education, XII*(17), 495–510.
- Olweus, D. (2010). Understanding and researching bullying: Some critical issues. *Handbook of Bullying in Schools: An International Perspective*, 9–33.
- Oro, U. (1999). *A Ciência da Motricidade Humana*. Instituto Piaget.
- Ortega, R., Mora, M., Lera, J., & Mora, J. (1999). Cuestionario sobre intimidación maltrato entre iguales. Universidade de Sevilha. *Consejería de Educación y ciencia*, 1–8.
- Papathomas, A., & Lavalley, D. (2012). Narrative Constructions of Anorexia and Abuse: An Athlete's Search for Meaning in Trauma. *Journal of Loss and Trauma, 17*(4), 293–318. <https://doi.org/10.1080/15325024.2011.616740>
- Parent, S., Lavoie, F., Thibodeau, M.-È., Hébert, M., & Blais, M. (2016). Sexual Violence Experienced in the Sport Context by a Representative Sample of Quebec Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(16), 2666–2686. <https://doi.org/10.1177/0886260515580366>
- Parker, A. (1996). The Construction of Masculinity within Boys' Physical Education. *Gender and Education, 8*(2), 141–158. <https://doi.org/10.1080/09540259650038824>
- Peguero, A. A. (2008). Bullying Victimization and Extracurricular Activity. *Journal of School Violence, 7*(3), 71–85. <https://doi.org/10.1080/15388220801955570>
- Pereira, B. (2005). Recreios escolares e prevenção da violência: Dos espaços às actividades. *Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3966>
- Pereira, B. O. (1997). *Estudo e Prevenção do Bullying em Contexto Escolar. Os recreios e as práticas agressivas da criança*. Universidade do Minho.
- Pontes, N., Ayres, C. G., Lewandowski, C., & Pontes, M. C. F. (2017). Trends in bullying victimization by gender among U.S. high school students. *Research in Nursing & Health, 41*(3), 243–251. <https://doi.org/10.1002/nur.21868>

- Rigby, K. (2003). Consequences of Bullying in Schools: *The Canadian Journal of Psychiatry*. <https://doi.org/10.1177/070674370304800904>
- Roberts, B. (2008). Invisible Difference in Space: The Role of Different Spaces in Homophobic Bullying in Schools. *Journal of LGBT Youth*, 5(3), 11–33. <https://doi.org/10.1080/19361650802162169>
- Robinson, L. (1998). *Crossing the Line: Violence and Sexual Assault in Canada's National Sport*.
- Rosa, V. A. G. (2016). *Impacto da prática de exercício físico em adolescentes: Bem-estar, autoestima e rendimento escolar* [Mestrado, Universidade de Évora]. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/19436>
- Rowe, C. J. (1998). Aggression and Violence in Sports. *Psychiatric Annals*, 28(5), 265–269. <https://doi.org/10.3928/0048-5713-19980501-08>
- Ryan, G., & Lane, S. (1997). *Juvenile Sexual Offending: Causes, Consequences, and Correction. New and Revised Edition*. Jossey-Bass Publishers, 350 Sansome St.
- Salmivalli, C. (2010). Bullying and the peer group: A review. *Aggression and Violent Behavior*, 15(2), 112–120. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2009.08.007>
- Salmon, S., Turner, S., Taillieu, T., Fortier, J., & Afifi, T. O. (2018). Bullying victimization experiences among middle and high school adolescents: Traditional bullying, discriminatory harassment, and cybervictimization. *Journal of Adolescence*, 63, 29–40. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.005>
- Sandelowski, M. (2000). Whatever happened to qualitative description? *Research in Nursing & Health*, 23(4), 334–340. [https://doi.org/10.1002/1098-240X\(200008\)23:4<334::AID-NUR9>3.0.CO;2-G](https://doi.org/10.1002/1098-240X(200008)23:4<334::AID-NUR9>3.0.CO;2-G)
- Schuster, M., & Bogart, L. (2013). Did the ugly duckling have PTSD? Bullying, its effects, and the role of pediatricians. *Pediatrics*, 131(1), 288–291. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-3253>
- Sebastião, J. (2009). Violência na escola: Uma questão sociológica. *Interacções*, 5(13), 35–52.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 23(2), 97–110.



- Seixas, S. R. (2009). Diferenças de gênero nos comportamentos de bullying: Contributos da neurobiologia. *Interacções*, 5(13), Article 13. <https://doi.org/10.25755/int.398>
- Shannon, C. S. (2013). Bullying in Recreation and Sport Settings: Exploring Risk Factors, Prevention Efforts, and Intervention Strategies. *Journal of Park and Recreation Administration*, 31(1), Article 1. <https://js.sagamorepub.com/jpra/article/view/2711>
- Simões, H., Santos, P. M., Pereira, B., & Figueiredo, A. (2021). As Artes Marciais e os Desportos de Combate e o Bullying: Uma revisão sistemática (Martial Arts and Combat Sports and the Bullying: a systematic review) (Las artes marciales y deportes de combate y el acoso escolar: una revisión sistemática). *Retos*, 39, 834–843. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i39.77412>
- Smith. (2013). School bullying. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 71, 81–98.
- Smith, P. (2016). Bullying: Definition, Types, Causes, Consequences and Intervention: Bullying. *Social and Personality Psychology Compass*, 10, 519–532. <https://doi.org/10.1111/spc3.12266>
- Smith, P., & Brain, P. (2000). Bullying in schools: Lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior* 26: 1-9. *Aggressive Behavior*, 26, 1–9. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(2000\)26:](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(2000)26:)
- Smith, P., & Monks, C. (2008). *Concepts of bullying: Developmental and cultural aspects* (Vol. 20). <https://doi.org/10.1515/IJAMH.2008.20.2.101>
- Smith, P., & Sharp, S. (2002). *School Bullying: Insights and Perspectives*. Routledge.
- Soares, W. D., Souza, M. G., Germano, J. M., Cruz, I. R. D., & Carneiro, A. L. G. (2010). Níveis de ansiedade em atletas participantes dos Jogos do Interior de Minas, JIMI. *EFDeportes*.
- Spaaij, R., & Schailée, H. (2019). Unsanctioned aggression and violence in amateur sport: A multidisciplinary synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 44, 36–46. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.11.007>
- Stirling, A. E., & Kerr, G. A. (2008). Elite Female Swimmers' Experiences of Emotional Abuse Across Time. *Journal of Emotional Abuse*, 7(4), 89–113. [https://doi.org/10.1300/J135v07n04\\_05](https://doi.org/10.1300/J135v07n04_05)

- Stirling, A., & Kerr, G. (2008). Defining and categorizing emotional abuse in sport. *European Journal of Sport Science*, 8(4), 173–181. <https://doi.org/10.1080/17461390802086281>
- Stirling, A. (2009). Definition and constituents of maltreatment in sport: Establishing a conceptual framework for research practitioners. *British Journal of Sports Medicine*, 43(14), 1091–1099. <https://doi.org/10.1136/bjsm.2008.051433>
- Stirling, A. (2013). Applying Kolb's Theory of Experiential Learning to Coach Education. *Journal of Coaching Education*, 6(2), 103–121. <https://doi.org/10.1123/jce.6.2.103>
- Stirling, A., Bridges, E., Cruz, L., & Mountjoy, M. (2011). Canadian Academy of Sport and Exercise Medicine Position Paper: Abuse, Harassment, and Bullying in Sport. *Clinical Journal of Sport Medicine*, 21(5), 385. <https://doi.org/10.1097/JSM.0b013e31820f9248>
- Stirling, A. E. (2013). Understanding the Use of Emotionally Abusive Coaching Practices: *International Journal of Sports Science & Coaching*, 8(4). <https://journals.sagepub.com/doi/10.1260/1747-9541.8.4.625>
- Stirling, A. E., Bridges, E. J., Cruz, E. L., & Mountjoy, M. L. (2011). Canadian Academy of Sport and Exercise Medicine Position Paper: Abuse, Harassment, and Bullying in Sport: *Clinical Journal of Sport Medicine*, 21(5), 385–391. <https://doi.org/10.1097/JSM.0b013e31820f9248>
- Stirling, A., & Kerr, G. (2010). Sport Psychology Consultants as Agents of Child Protection. *Journal of Applied Sport Psychology*, 22(3), 305–319. <https://doi.org/10.1080/10413201003795485>
- Stirling, A., & Kerr, G. (2012). Perceived vulnerabilities of female athletes to the development of disordered eating behaviours. *European Journal of Sport Science*, 12(3), 262–273. <https://doi.org/10.1080/17461391.2011.586437>
- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2009). Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. *Sport in Society*, 12(2), 227–239. <https://doi.org/10.1080/17430430802591019>
- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2013). The perceived effects of elite athletes' experiences of emotional abuse in the coach–athlete relationship. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11(1), 87–100. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2013.752173>

- Stirling, Ashley., & Kerr, Gretchen. (2014). Initiating and Sustaining Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship: An Ecological Transactional Model of Vulnerability. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 23(2), 116–135. <https://doi.org/10.1080/10926771.2014.872747>
- Tenenbaum, G., Stewart, E., N. Singer, R., & Duda, J. (1997). Aggression and Violence in Sport: An ISSP Position Stand. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 37, 146–150. <https://doi.org/10.1123/tsp.11.1.1>
- Teques, P., & Serpa, S. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceituais e metodológicas. *Revista de Psicologia del Deporte*, 22(2), 533–539.
- Timmons-Mitchell, J., Levesque, D. A., Harris, L. A., Flannery, D. J., & Falcone, T. (2016). Pilot test of StandUp, an online school-based bullying prevention program. *Children and Schools*, 38(2), 71–79. <https://doi.org/10.1093/cs/cdw010>
- Tofler, I. R., Stryer, B. K., Micheli, L. J., & Herman, L. R. (1996). Physical and emotional problems of elite female gymnasts. *The New England Journal of Medicine*, 335(4), 281–283. <https://doi.org/10.1056/NEJM199607253350412>
- Toftegaard, J. N. (2001). THE FORBIDDEN ZONE: Intimacy, Sexual Relations and Misconduct in the Relationship between Coaches and Athletes. *International Review for the Sociology of Sport*, 36(2), 165–182. <https://doi.org/10.1177/101269001036002003>
- Torrance, D. A. (2000). Qualitative Studies into Bullying within Special Schools. *British Journal of Special Education*, 27(1), 16–21. <https://doi.org/10.1111/1467-8527.t01-1-00151>
- UNESCO. (2006). *Universal Declaration on Bioethics and Human Rights*. Paris.
- Vaillancourt, T., Brittain, H., Bennett, L., Arnocky, S., McDougall, P., Hymel, S., Short, K., Sunderani, S., Scott, C., Mackenzie, M., & Cunningham, L. (2010). Places to Avoid: Population-Based Study of Student Reports of Unsafe and High Bullying Areas at School. *Canadian Journal of School Psychology*, 25(1), 40–54. <https://doi.org/10.1177/0829573509358686>
- Vasconcelos, S., & Gomes, A. R. (2015). Comportamentos parentais, orientação motivacional e objetivos desportivos; um estudo com jovens atletas.

- Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 10(2).  
<http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=311137747006>
- Ventura, C., Prat, M., Flores Aguilar, G., Lleixà, T., Soler, S., & Ríos, X. (2019). Bullying I Cyberbullying al Futbol Formatiu a Catalunya. *Fundació, Barcelona: Fundació Barça*.
- Vertommen, T., Schipper-van Veldhoven, N. H., Hartill, M. J., & Van Den Eede, F. (2015). Sexual harassment and abuse in sport: The NOC\*NSF helpline. *International Review for the Sociology of Sport*, 50(7), 822–839.  
<https://doi.org/10.1177/1012690213498079>
- Vertommen, T., Schipper-van Veldhoven, N., Wouters, K., Kampen, J. K., Brackenridge, C. H., Rhind, D. J. A., Neels, K., & Van Den Eede, F. (2016). Interpersonal violence against children in sport in the Netherlands and Belgium. *Child Abuse & Neglect*, 51, 223–236.  
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.10.006>
- Volk, A., Dane, A. V., & Marini, Z. A. (2014). What is bullying? A theoretical redefinition. *Developmental Review*, 34(4), 327–343.  
<https://doi.org/10.1016/j.dr.2014.09.001>
- Volk, A., & Lagzdins, L. (2009). Bullying and victimization among adolescent girl athletes. *Journal of Athletic Training*, 11, 13–31.
- Vreeman, R. C., & Carroll, A. E. (2007). A systematic review of school-based interventions to prevent bullying. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(1), 78–88. <https://doi.org/10.1001/archpedi.161.1.78>
- Vveinhardt, J., & Fominiene, V. B. (2019). Gender and age variables of bullying in organized sport: Is bullying “grown out of”? *Journal of Human Sport and Exercise*, 15(0), in press. <https://doi.org/10.14198/jhse.2020.154.03>
- Vveinhardt, J., & Fominiene, V. B. (2020). Prevalence of bullying and harassment in youth sport: The case of different types of sport and participant role. *Journal of Human Sport and Exercise*, 0(0), in press.  
<https://doi.org/10.14198/jhse.2022.172.04>
- Yildiz, S. M. (2015). The relationship between bullying and burnout: An empirical investigation of Turkish professional football players. *Sport, Business and Management: An International Journal*, 5(1), 6–20.  
<https://doi.org/10.1108/SBM-09-2012-0034>

- Young, R., & Sweeting, H. (2004). Adolescent Bullying, Relationships, Psychological Well-Being, and Gender-Atypical Behavior: A Gender Diagnosticity Approach. *Sex Roles: A Journal of Research*, 50, 525–537.
- Zurc, J. (2017). It was worth it– I would do it again!: Phenomenological perspectives on life in the elite women’s artistic gymnastics. *Science of Gymnastics Journal*, 9, 41–59.
- Zych, I., Beltrán-Catalán, M., Ortega-Ruiz, R., & Llorent, V. J. (2018). Competencias sociales y emocionales de adolescentes involucrados en diferentes roles de bullying y cyberbullying. *Revista de Psicodidáctica*, 23(2), 86–93.

# Anexos

---

---

## Anexo A: Metodologia de abordagem aos alunos/atletas (estudo 1 e 2)

### Metodologia de abordagem aos alunos/atletas

- **Apresentação do investigador e do estudo**
  1. Nome do Investigador
  2. Explicação do projeto
  3. Instituições e responsáveis
  
- **Anonimato e confidencialidade**
  1. Os questionários são anónimos e é impossível identificar o respondente;
  2. As canetas e os questionários são iguais, não permitindo reconhecer o respondente através do material;
  3. O agrupamento de escolas ou encarregados de educação, não terão acesso aos dados fornecidos. Só o investigador e pessoas ligadas à pesquisa podem ter acesso aos dados;
  4. O questionário *bullying*: preenchimento do cabeçalho; marcar respostas (cruz, círculo); possibilidade de dar uma ou mais respostas dependendo do item a que respondam.
  5. No final do preenchimento dos questionários, estes deverão ser virados para baixo e colocados pelo próprio aluno/atleta dentro de uma caixa, juntamente com os questionários dos colegas. O último deverá misturar os questionários (sempre virados para baixo) de forma a alterar a ordem pela qual foram sendo colocados na caixa
  6. A participação é voluntária e podem desistir quando quiserem sem qualquer tipo de penalização. Não são dados recompensas pela participação no estudo.
  
- Definição conceptual
  1. Definição de *bullying*
  2. Tipos de *bullying* e exemplos
- Espaço para dúvidas e questões
- Aplicação dos questionários
- Agradecimentos a alunos/atletas e agrupamento de escolas

## **Anexo B: Condições e garantia de anonimato (estudo 1 e 2)**

### **Condições e garantia de anonimato**

- A pesquisa efetuar-se-á exclusivamente através de questionários em formato papel.
- O questionário no contexto da prática desportiva escolar e federada tem fins estatísticos e após inserção dos resultados na base de dados, serão destruídos.
- Somente o investigador, orientador e co-orientadores, terão acesso aos resultados dos questionários, no sentido da discussão científica e desenvolvimento do trabalho. Os resultados, depois de tratados serão de carácter público, publicados numa tese de doutoramento e em artigos científicos.
- Será salvaguardada a privacidade do agrupamento de escolas, não fazendo comparações com outras instituições.
- Serão enviados consentimentos informados para serem assinados pelos encarregados de educação dos alunos/atletas menores de idade.
- A participação é voluntária e não existe qualquer tipo de compensação.



**Anexo C: Termo de consentimento informado para a instituição (estudo 1 e 2)****Termo de consentimento informado para a instituição**

Li a descrição do estudo, assim como as condições e garantias de anonimato e aceito que seja levada a cabo a pesquisa sobre *bullying*\* no contexto da prática desportiva escolar e federada na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, podendo o investigador aceder aos alunos/atletas para recolha de dados.

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Assinaturas:** \_\_\_\_\_  
(O investigador) (O Diretor do agrupamento)

\**Bullying* é uma afirmação do poder interpessoal através da agressão (Neto & Aramis, 2005). Tem um carácter intencional (Seixas, 2005), inclui comportamentos agressivos (Freire & Aires, 2012; Olweus, 2010), provocadores e repetitivos (Olweus, 1997), é marcado por desequilíbrio de poder (Smith & Brain, 2000) a nível pessoal, e realizado por pessoas antissociais (Olweus, 1997).

**Termo de consentimento informado para a instituição**

Li a descrição do estudo, assim como as condições e garantias de anonimato e aceito que seja levada a cabo a pesquisa sobre *bullying*\* no contexto da prática desportiva escolar e federada na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, podendo o investigador aceder aos alunos/atletas para recolha de dados.

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Assinaturas:** \_\_\_\_\_  
(O investigador) (O Diretor do agrupamento)

\**Bullying* é uma afirmação do poder interpessoal através da agressão (Neto & Aramis, 2005). Tem um carácter intencional (Seixas, 2005), inclui comportamentos agressivos (Freire & Aires, 2012; Olweus, 2010), provocadores e repetitivos (Olweus, 1997), é marcado por desequilíbrio de poder (Smith & Brain, 2000) a nível pessoal, e realizado por pessoas antissociais (Olweus, 1997).

## Anexo D: Questionário para o estudo e prevenção da violência no desporto – Bullying no contexto Desporto Federado (estudo 1 e 2)



### QUESTIONÁRIO PARA ESTUDO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO DESPORTO Bullying no contexto **Desporto Federado**

Neste questionário vais encontrar perguntas sobre a tua vida no clube desportivo (treino, competição, convívios informais). Há várias respostas possíveis para cada pergunta, assinaladas com uma letra. Para a maior parte das perguntas, responderás fazendo uma cruz na letra correspondente à tua resposta e em algumas questões podes assinalar mais do que uma resposta. Este questionário tem 7 páginas com perguntas na parte da frente e verso das folhas.

**Não debes pôr o teu nome neste questionário – é totalmente anónimo e ninguém consegue perceber que foste tu que deste estas respostas. Nunca vais sofrer qualquer tipo de consequência pelo que responderes. O investigador é a única pessoa que vai ler os questionários e não partilha a informação com ninguém. É importante que respondas com toda a verdade e sinceridade. Se tens perguntas põe a mão no ar e vão ser respondidas individualmente, respeitando a tua privacidade.**

**Idade:** \_\_\_\_\_ | **Género:**  Masculino  Feminino  
**Ano de escolaridade:** \_\_\_\_\_ ano | **Nacionalidade:** \_\_\_\_\_  
**Clube que representas:** \_\_\_\_\_ | **Modalidade:** \_\_\_\_\_  
**Nível de competição:**  Regional  Nacional  
**Há quanto tempo praticas a modalidade:** \_\_\_\_\_  
**N.º de treinos por semana:** \_\_\_\_\_ | **Horas de treino por dia:** \_\_\_\_\_

1. És iniciado, juvenil ou júnior? Iniciado A  Juvenil B  Júnior C

Se és um iniciado, faz uma cruz na letra A e se és juvenil faz uma cruz na letra B, se és júnior faz uma cruz na letra C.

2. Quantos bons amigos tens na tua equipa? Assinala com um círculo apenas uma resposta.  
 A. Nenhum.  
 B. Tenho 1 bom amigo na minha equipa.  
 C. Tenho 2 ou 3 bons amigos na minha equipa.  
 D. Tenho 4 ou 5 bons amigos na minha equipa.  
 E. Tenho mais de 5 bons amigos na minha equipa.



**SOBRE SER MALTRATADO POR OUTROS NO CLUBE (TREINO OU COMPETIÇÃO)**

3. Com que frequência tens sido maltratado no clube desde a época passada? Assinala com um círculo apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - B. 1 ou 2 vezes.
  - C. Entre 3 a 6 vezes.
  - D. Uma vez por semana.
  - E. Várias vezes por semana.
  - F. Outras Diz com que frequência: \_\_\_\_\_

**NOTA:** Caso nunca tenhas sido maltratado, podes passar para a questão 15 (Pág. 5).

4. De que maneira tens sido maltratado no clube desde a época passada? Assinala uma ou mais respostas.
- A. Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - B. Deram-me murros, pontapés e fui empurrado.
  - C. Fui ameaçado.
  - D. Tiraram-me dinheiro ou outras coisas ou estragaram-mas.
  - E. Chamaram-me nomes e insultaram-me por causa da minha cor ou raça.
  - F. Chamaram-me nomes, insultaram-me ou gozaram comigo. Porquê? \_\_\_\_\_
  - G. Outros colegas esconderam-me coisas de propósito, não me deixaram fazer parte do seu grupo de amigos ou ignoraram-me completamente.
  - H. Outros colegas contaram mentiras ou espalharam boatos acerca de mim, e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim
  - I. Falaram mal de mim e/ou difundiram fotografias ou vídeos incómodos através de mensagens, e-mails, redes sociais (facebook, twitter etc).
  - J. Outras. Diz como: \_\_\_\_\_
5. Por quanto tempo duraram os maus-tratos no clube? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no clube desde o ano passado.
  - B. Duraram cerca de uma semana.
  - C. Duraram várias semanas.
  - D. Têm-se mantido durante todo este ano.
  - E. Têm-se mantido desde há vários anos.
  - F. Outra: Diz quanto tempo: \_\_\_\_\_
6. Onde foste maltratado no clube desde o ano passado? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - B. No local de treino.
  - C. No local de competição.
  - D. Nos corredores ou saídas do campo.
  - E. No balneário ou na casa de banho.
  - F. Através da internet (sites, fóruns, redes sociais, e-mails) ou telemóvel (mensagens, vídeos).
  - G. Em outro lugar do clube ou no exterior. Por favor escreve qual: \_\_\_\_\_



7. Costumas ser maltratado por um ou por vários colegas? Assinala apenas uma resposta.
- Não fui maltratado desde a época passada.
  - Principalmente por 1 colega.
  - Por 2-3 colegas.
  - Por 4-9 colegas.
  - Por toda a equipa.
  - Não sei quantos/ não quero dizer quantos.
  - Outra: Diz quantos: \_\_\_\_\_
8. Em qual destas formas de atividade foste maltratado no clube desde a época passada? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado
  - No treino.
  - Na competição.
  - Em outra actividade do clube ou no exterior. Diz qual: \_\_\_\_\_
9. Como te sentiste quando outros colegas te maltrataram no clube desde a época passada? Assinala uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - Senti-me zangado.
  - Senti-me triste.
  - Senti-me indefeso, ninguém me podia ajudar.
  - Humilhado.
  - Com medo, assustado.
  - Irritado.
  - Não senti nada.
  - Fiquei preocupado com o que os outros estavam a dizer de mim.
  - Outra. Diz o que sentiste: \_\_\_\_\_
10. O que é que habitualmente fizeste quando foste maltratado no clube desde a época passada? Assinala uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - Chorei.
  - Fugi.
  - Ignorei-os.
  - Disse-lhes que parassem.
  - Pedi ajuda aos meus companheiros.
  - Pedi ajuda a um adulto (treinador, funcionários, etc.).
  - Defendi-me.
  - Outras. Diz como: \_\_\_\_\_
11. Contaste a alguém que foste maltratado no clube desde a época passada? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - Não falei com ninguém embora tivesse sido maltratado.
  - Falei com outros colegas de equipa.
  - Falei com o meu treinador ou com outro adulto.
  - Falei com os meus pais.
  - Falei com os meus irmãos ou irmãs.
  - Falei com os meus amigos.
  - Outros. Diz com quem falaste: \_\_\_\_\_



12. O teu treinador tentou impedir que te maltratassem no clube desde a época passada? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - B. Não, porque ele não sabia que eu estava a ser maltratado.
  - C. Não, ele não tentou nada.
  - D. Sim, ele tentou mas os maus-tratos pioraram.
  - E. Sim, ele tentou mas nada mudou.
  - F. Sim, ele tentou e os maus-tratos diminuíram.
  - G. Sim, ele tentou e os maus-tratos terminaram.
  - H. Outra. Diz o que aconteceu: \_\_\_\_\_
13. Alguém da tua família falou com o teu treinador para que parassem de te maltratar no clube desde a época passada? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - B. Não, porque eles não sabiam que eu estava a ser maltratado.
  - C. Não, eles não falaram com o treinador.
  - D. Sim, eles falaram mas os maus-tratos pioraram.
  - E. Sim, eles falaram mas nada mudou.
  - F. Sim, eles falaram e os maus-tratos diminuíram.
  - G. Sim, eles falaram e os maus-tratos terminaram.
  - H. Outra. Diz o que aconteceu: \_\_\_\_\_
14. Alguns dos teus colegas tentou impedir que te maltratassem no clube desde a época passada? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no clube desde a época passada.
  - B. Não, porque eles não sabiam que eu estava a ser maltratado.
  - C. Não, eles não tentaram nada.
  - D. Sim, eles tentaram mas os maus-tratos pioraram.
  - E. Sim, eles tentaram mas nada mudou.
  - F. Sim, eles tentaram e os maus-tratos diminuíram.
  - G. Sim, eles tentaram e os maus-tratos terminaram.
  - H. Outra. Diz o que aconteceu: \_\_\_\_\_



**SOBRE OS MAUS-TRATOS QUE VISTE NO CLUBE (TREINO OU COMPETIÇÃO)**

15. De que maneira viste colegas terem sido maltratados no clube desde a época passada? Assinala uma ou mais respostas.
- A. Não vi colegas serem maltratados no clube desde a época passada.
  - B. Deram-lhes murros, pontapés e foram empurrados.
  - C. Foram ameaçados.
  - D. Tiraram-lhes dinheiro ou outras coisas ou estragaram-nas.
  - E. Chamaram-lhe nomes e insultaram-nos por causa da cor ou raça.
  - F. Chamaram-lhe nomes, insultaram-nos ou gozaram com eles. Porquê? \_\_\_\_\_
  - G. Outros colegas esconderam-lhes coisas de propósito, não os deixaram fazer parte do seu grupo de amigos ou ignoraram-nos completamente.
  - H. Outros colegas contaram mentiras ou espalharam boatos acerca deles, e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de deles.
  - I. Falaram mal de deles e/ou difundiram fotografias ou vídeos incómodos através de mensagens, e-mails, redes sociais (facebook, twitter etc).
  - J. Outras. Diz como: \_\_\_\_\_
16. Como te sentes quando vês que algum dos teus colegas maltrata os outros? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Nunca vi alguém maltratar outro.
  - B. Sinto-me zangado.
  - C. Tenho medo que isso possa acontecer comigo.
  - D. Sinto-me triste.
  - E. Sinto pena da vítima.
  - F. Finjo que não vi nada.
  - G. Não sinto nada.
  - H. Sinto-me bem.
  - I. Outra. Diz o que sentes: \_\_\_\_\_
17. Quando viste alguém a maltratar outros no clube desde a época passada, o que fizeste? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Nunca vi ninguém a ser maltratado no clube desde a época passada.
  - B. Muitas vezes fui eu que comecei a maltratar outros colegas.
  - C. Também fui maltratado.
  - D. Muitas vezes ajudei a maltratar outros colegas.
  - E. Fui obrigado a ajudar a maltratar outros colegas.
  - F. Eu não ajudei, mas gostei de ver.
  - G. Eu tentei não tomar parte.
  - H. Eu disse aos agressores para pararem.
  - I. Pedi ajuda a um adulto (treinador, funcionários, etc.) para parar os maus-tratos.
  - J. Eu ajudei o colega que estava a ser maltratado.
  - K. Outra. Diz o que fizeste: \_\_\_\_\_



18. Porque pensas que alguns colegas maltratam outros? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não sei.
  - B. Os meus colegas não maltratam os outros.
  - C. Porque os outros jogam melhor.
  - D. Porque as vítimas merecem o que lhes está a acontecer.
  - E. Porque se queixaram ao treinador ou a outros adultos.
  - F. Porque se queixaram a outros colegas.
  - G. Porque eles são provocados.
  - H. Porque a vítima é diferente dos outros.
  - I. Para se sentirem superiores.
  - J. Porque são invejosos.
  - K. Porque têm problemas e/ou sentem-se mal.
  - L. Outras razões. Diz quais: \_\_\_\_\_

**SOBRE MALTRATAR OUTROS COMPANHEIROS (TREINO OU COMPETIÇÃO)**

19. Quantas vezes ajudaste a maltratar outros desde a época passada? Assinala apenas uma resposta.
- A. Eu não ajudei a maltratar outros colegas desde a época passada.
  - B. 1 ou 2 vezes.
  - C. Entre 3 a 6 vezes.
  - D. Uma vez por semana.
  - E. Várias vezes por semana.
  - F. Outra. Diz quantas vezes: \_\_\_\_\_
20. Quando maltrataste outros colegas, normalmente fizeste-o sozinho ou com outros colegas? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não maltratei os meus colegas desde a época passada.
  - B. Normalmente fi-lo sozinho.
  - C. Normalmente fi-lo com 1-2 colegas.
  - D. Normalmente fi-lo com 3-8 colegas.
  - E. Normalmente fi-lo com mais de 8 colegas.
  - F. Outra. Diz com quantos: \_\_\_\_\_
21. Maltrataste outro/s colega/s no clube de alguma das seguintes formas desde a época passada? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não maltratei os meus colegas desde a época passada.
  - B. Bati, dei pontapés, empurrei.
  - C. Ameacei.
  - D. Tirei dinheiro ou outras coisas de outros colegas ou estraguei-as.
  - E. Chamei-lhes nomes por causa da sua cor ou raça.
  - F. Chamei-lhes nomes ou gozei com ele de outras maneiras. Quais: \_\_\_\_\_
  - G. Pus de parte alguns colegas de propósito, afastando-os do meu grupo ou não lhes ligando nenhuma.
  - H. Espalhei mentiras sobre alguns colegas e/ou tentei que os outros não gostassem deles.
  - I. Falei mal dele e/ou difundi fotografias ou vídeos incómodos através de mensagens, e-mails, redes sociais (facebook, twitter etc).
  - J. Fiz outras coisas. Diz o quê: \_\_\_\_\_



22. O que sentiste quando maltrataste os outros colegas no clube desde a época passada? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não maltratei os meus colegas desde a época passada.
  - B. Senti-me ótimo.
  - C. Foi engraçado.
  - D. Senti que ele/ela ou eles/elas mereciam o que lhes estava a acontecer.
  - E. Não senti nada.
  - F. Estava preocupado sobre o que podiam dizer-me o meu treinador ou os meus pais.
  - G. Tinha a certeza de que eles fariam o mesmo comigo.
  - H. Senti-me mal.
  - I. Senti pena dele.
  - J. Outra. Diz o que sentiste: \_\_\_\_\_
23. Alguém falou contigo sobre os maus-tratos que tu fizeste desde a época passada? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não maltratei os meus colegas desde a época passada.
  - B. Ninguém falou comigo embora eu tenha maltratado os outros colegas.
  - C. Os colegas de equipa.
  - D. O treinador.
  - E. Os meus pais.
  - F. Os meus irmãos ou irmãs.
  - G. Os meus amigos.
  - H. Outras pessoas. Diz quem: \_\_\_\_\_
24. No teu clube viste atos de violência isolada (física, verbal ou psicológica)? Assinala uma resposta.
- A. Sim
  - B. Não

---

**MUITO OBRIGADO POR RESPONDERES A ESTE QUESTIONÁRIO.**



## Anexo E: Questionário para o estudo e prevenção da violência no desporto – Bullying no contexto Desporto Escolar (estudo 1 e 2)



### QUESTIONÁRIO PARA ESTUDO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO DESPORTO Bullying no contexto **Desporto Escolar**

Neste questionário vais encontrar perguntas sobre a tua vida no Desporto Escolar (treino, competição, convívios informais). Há várias respostas possíveis para cada pergunta, assinaladas com uma letra. Para a maior parte das perguntas, responderás fazendo uma cruz na letra correspondente à tua resposta e em algumas questões podes assinalar mais do que uma resposta. Este questionário tem 7 páginas com perguntas na parte da frente e verso das folhas.

**Não deves pôr o teu nome neste questionário—é totalmente anónimo e ninguém consegue perceber que foste tu que deste estas respostas. Nunca vais sofrer qualquer tipo de consequência pelo que responderes. O investigador é a única pessoa que vai ler os questionários e não partilha a informação com ninguém. É importante que respondas com toda a verdade e sinceridade. Se tens perguntas põe a mão no ar e vão ser respondidas individualmente, respeitando a tua privacidade.**

**Idade:** \_\_\_\_\_ | **Género:**  Masculino  Feminino  
**Ano de escolaridade:** \_\_\_\_\_ ano | **Nacionalidade:** \_\_\_\_\_  
**Localidade:** \_\_\_\_\_ | **Modalidade:** \_\_\_\_\_  
**Há quanto tempo praticas a modalidade:** \_\_\_\_\_  
**N.º de treinos por semana:** \_\_\_\_\_ | **Horas de treino por dia:** \_\_\_\_\_

1. És iniciado, juvenil ou júnior? Iniciado A  Juvenil B  Júnior C

Se és um iniciado, faz uma cruz na letra A e se és juvenil faz uma cruz na letra B, se és júnior faz uma cruz na letra C.

2. Quantos bons amigos tens na tua grupo/equipa do Desporto Escolar?  
Assinala com um círculo apenas uma resposta.

A. Nenhum.  
 B. Tenho 1 bom amigo na minha equipa.  
 C. Tenho 2 ou 3 bons amigos na minha equipa.  
 D. Tenho 4 ou 5 bons amigos na minha equipa.  
 E. Tenho mais de 5 bons amigos na minha equipa.



**SOBRE SER MALTRATADO POR OUTROS NO DESPORTO ESCOLAR (TREINO OU COMPETIÇÃO)**

3. Com que frequência tens sido maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado?  
Assinala com um círculo apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. 1 ou 2 vezes.
  - C. Entre 3 a 6 vezes.
  - D. Uma vez por semana.
  - E. Várias vezes por semana.
  - F. Outras. Diz com que frequência: \_\_\_\_\_

**NOTA:** Caso nunca tenhas sido maltratado, podes passar para a questão 15 (Pág. 5).

4. De que maneira tens sido maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala uma ou mais respostas.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. Deram-me murros, pontapés e fui empurrado.
  - C. Fui ameaçado.
  - D. Tiraram-me dinheiro ou outras coisas ou estragaram-mas.
  - E. Chamaram-me nomes e insultaram-me por causa da minha cor ou raça.
  - F. Chamaram-me nomes, insultaram-me ou gozaram comigo. Porquê? \_\_\_\_\_
  - G. Outros colegas esconderam-me coisas de propósito, não me deixaram fazer parte do seu grupo de amigos ou ignoraram-me completamente.
  - H. Outros colegas contaram mentiras ou espalharam boatos acerca de mim, e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim
  - I. Falaram mal de mim e/ou difundiram fotografias ou vídeos incómodos através de mensagens, e-mails, redes sociais (facebook, twitter etc).
  - J. Outras. Diz como: \_\_\_\_\_
5. Por quanto tempo duraram os maus-tratos no Desporto Escolar?  
Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. Duraram cerca de uma semana.
  - C. Duraram várias semanas.
  - D. Têm-se mantido durante todo este ano.
  - E. Têm-se mantido desde há vários anos.
  - F. Outra: Diz quanto tempo: \_\_\_\_\_
6. Onde foste maltratado no Desporto Escolar desde o ano passado? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. No local de treino.
  - C. No local de competição.
  - D. Nos corredores ou saídas dos campos de jogos.
  - E. No balneário ou na casa de banho.
  - F. Através da internet (sites, fóruns, redes sociais, e-mails) ou telemóvel (mensagens, vídeos).
  - G. Em outro lugar do Desporto Escolar ou no exterior.  
Por favor escreve qual: \_\_\_\_\_



7. Costumas ser maltratado por um ou por vários colegas do Desporto Escolar? Assinala apenas uma resposta.
- Não fui maltratado desde o ano passado.
  - Principalmente por 1 colega.
  - Por 2-3 colegas.
  - Por 4-9 colegas.
  - Por toda a equipa.
  - Não sei quantos/ não quero dizer quantos.
  - Outra: Diz quantos: \_\_\_\_\_
8. Em qual destas formas de atividade foste maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado
  - No treino.
  - Na competição.
  - Em outra actividade do Desporto Escolar ou no exterior.
- Diz qual: \_\_\_\_\_
9. Como te sentiste quando outros colegas te maltrataram no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - Senti-me zangado.
  - Senti-me triste.
  - Senti-me indefeso, ninguém me podia ajudar.
  - Humilhado.
  - Com medo, assustado.
  - Irritado.
  - Não senti nada.
  - Fiquei preocupado com o que os outros estavam a dizer de mim.
  - Outra. Diz o que sentiste: \_\_\_\_\_
10. O que é que habitualmente fizeste quando foste maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - Chorei.
  - Fugi.
  - Ignorei-os.
  - Disse-lhes que parassem.
  - Pedi ajuda aos meus companheiros.
  - Pedi ajuda a um adulto (professor, funcionários, etc.).
  - Defendi-me.
  - Outras. Diz como: \_\_\_\_\_
11. Contaste a alguém que foste maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - Não falei com ninguém embora tivesse sido maltratado.
  - Falei com outros colegas de equipa.
  - Falei com o meu professor ou com outro adulto.
  - Falei com os meus pais.
  - Falei com os meus irmãos ou irmãs.
  - Falei com os meus amigos.
  - Outros. Diz com quem falaste: \_\_\_\_\_



12. O teu professor tentou impedir que te maltratassem no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. Não, porque ele não sabia que eu estava a ser maltratado.
  - C. Não, ele não tentou nada.
  - D. Sim, ele tentou mas os maus-tratos pioraram.
  - E. Sim, ele tentou mas nada mudou.
  - F. Sim, ele tentou e os maus-tratos diminuíram.
  - G. Sim, ele tentou e os maus-tratos terminaram.
  - H. Outra. Diz o que aconteceu: \_\_\_\_\_
13. Alguém da tua família falou com o teu professor para que parassem de te maltratar no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. Não, porque eles não sabiam que eu estava a ser maltratado.
  - C. Não, eles não falaram com o professor.
  - D. Sim, eles falaram mas os maus-tratos pioraram.
  - E. Sim, eles falaram mas nada mudou.
  - F. Sim, eles falaram e os maus-tratos diminuíram.
  - G. Sim, eles falaram e os maus-tratos terminaram.
  - H. Outra. Diz o que aconteceu: \_\_\_\_\_
14. Alguns dos teus colegas tentou impedir que te maltratassem no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não fui maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - B. Não, porque eles não sabiam que eu estava a ser maltratado.
  - C. Não, eles não tentaram nada.
  - D. Sim, eles tentaram mas os maus-tratos pioraram.
  - E. Sim, eles tentaram mas nada mudou.
  - F. Sim, eles tentaram e os maus-tratos diminuíram.
  - G. Sim, eles tentaram e os maus-tratos terminaram.
  - H. Outra. Diz o que aconteceu: \_\_\_\_\_



**SOBRE OS MAUS-TRATOS QUE VISTE NO DESPORTO ESCOLAR (TREINO OU COMPETIÇÃO)**

15. De que maneira viste colegas terem sido maltratados no Desporto Escolar, desde o ano passado? Assinala uma ou mais respostas.
- Não vi colegas serem maltratados no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - Deram-lhes murros, pontapés e foram empurrados.
  - Foram ameaçados.
  - Tiraram-lhes dinheiro ou outras coisas ou estragaram-nas.
  - Chamaram-lhe nomes e insultaram-nos por causa da cor ou raça.
  - Chamaram-lhe nomes, insultaram-nos ou gozaram com eles. Porquê? \_\_\_\_\_
  - Outros colegas esconderam-lhes coisas de propósito, não os deixaram fazer parte do seu grupo de amigos ou ignoraram-nos completamente.
  - Outros colegas contaram mentiras ou espalharam boatos acerca deles, e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de deles.
  - Falaram mal de deles e/ou difundiram fotografias ou vídeos incómodos através de mensagens, e-mails, redes sociais (facebook, twitter etc).
  - Outras. Diz como: \_\_\_\_\_
16. Como te sentes quando vês que algum dos teus colegas maltrata os outros no Desporto Escolar?  
Podes assinalar uma ou mais respostas.
- Nunca vi alguém maltratar outro.
  - Sinto-me zangado.
  - Tenho medo que isso possa acontecer comigo.
  - Sinto-me triste.
  - Sinto pena da vítima.
  - Finjo que não vi nada.
  - Não sinto nada.
  - Sinto-me bem.
  - Outra. Diz o que sentes: \_\_\_\_\_
17. Quando viste alguém a maltratar outros no Desporto Escolar, desde o ano passado, o que fizeste? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- Nunca vi ninguém a ser maltratado no Desporto Escolar, desde o ano passado.
  - Muitas vezes fui eu que comecei a maltratar outros colegas.
  - Também fui maltratado.
  - Muitas vezes ajudei a maltratar outros colegas.
  - Fui obrigado a ajudar a maltratar outros colegas.
  - Eu não ajudei, mas gostei de ver.
  - Eu tentei não tomar parte.
  - Eu disse aos agressores para pararem.
  - Pedi ajuda a um adulto (professores, funcionários, etc.) para parar os maus-tratos.
  - Eu ajudei o colega que estava a ser maltratado.
  - Outra. Diz o que fizeste: \_\_\_\_\_



18. Porque pensas que alguns colegas maltratam outros no Desporto Escolar? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não sei.
  - B. Os meus colegas não maltratam os outros.
  - C. Porque os outros jogam melhor.
  - D. Porque as vítimas merecem o que lhes está a acontecer.
  - E. Porque se queixaram ao professor ou a outros adultos.
  - F. Porque se queixaram a outros colegas.
  - G. Porque eles são provocados.
  - H. Porque a vítima é diferente dos outros.
  - I. Para se sentirem superiores.
  - J. Porque são invejosos.
  - K. Porque têm problemas e/ou sentem-se mal.
  - L. Outras razões. Diz quais: \_\_\_\_\_

**SOBRE MALTRATAR OUTROS COMPANHEIROS (TREINO OU COMPETIÇÃO)**

19. Quantas vezes ajudaste a maltratar outros desde o ano passado, no Desporto Escolar? Assinala apenas uma resposta.
- A. Eu não ajudei a maltratar outros colegas desde o ano passada, no Desporto Escolar.
  - B. 1 ou 2 vezes.
  - C. Entre 3 a 6 vezes.
  - D. Uma vez por semana.
  - E. Várias vezes por semana.
  - F. Outra. Diz quantas vezes: \_\_\_\_\_
20. Quando maltrataste outros colegas no Desporto Escolar, normalmente fizeste-o sozinho ou com outros colegas? Assinala apenas uma resposta.
- A. Não maltratei os meus colegas desde o ano passado, no Desporto Escolar.
  - B. Normalmente fi-lo sozinho.
  - C. Normalmente fi-lo com 1-2 colegas.
  - D. Normalmente fi-lo com 3-8 colegas.
  - E. Normalmente fi-lo com mais de 8 colegas.
  - F. Outra. Diz com quantos: \_\_\_\_\_
21. Maltrataste outro/s colegas no Desporto Escolar, de alguma das seguintes formas desde o ano passado? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não maltratei os meus colegas desde o ano passado, no Desporto Escolar.
  - B. Bati, dei pontapés, empurrei.
  - C. Ameacei.
  - D. Tirei dinheiro ou outras coisas de outros colegas ou estraguei-as.
  - E. Chamei-lhes nomes por causa da sua cor ou raça.
  - F. Chamei-lhes nomes ou gozei com ele de outras maneiras. Quais: \_\_\_\_\_
  - G. Pus de parte alguns colegas de propósito, afastando-os do meu grupo ou não lhes ligando nenhuma.
  - H. Espalhei mentiras sobre alguns colegas e/ou tentei que os outros não gostassem deles.
  - I. Falei mal dele e/ou difundi fotografias ou vídeos incómodos através de mensagens, e-mails, redes sociais (facebook, twitter etc).
  - J. Fiz outras coisas. Diz o quê: \_\_\_\_\_



22. O que sentiste quando maltrataste os outros colegas no Desporto Escolar desde o ano passado? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não maltratei os meus colegas desde o ano passado, no Desporto Escolar.
  - B. Senti-me ótimo.
  - C. Foi engraçado.
  - D. Senti que ele/ela ou eles/elas mereciam o que lhes estava a acontecer.
  - E. Não senti nada.
  - F. Estava preocupado sobre o que podiam dizer-me o meu professor ou os meus pais.
  - G. Tinha a certeza de que eles fariam o mesmo comigo.
  - H. Senti-me mal.
  - I. Senti pena dele.
  - J. Outra. Diz o que sentiste: \_\_\_\_\_
23. Alguém falou contigo sobre os maus-tratos que tu fizeste desde o ano passado, no Desporto Escolar? Podes assinalar uma ou mais respostas.
- A. Não maltratei os meus colegas desde o ano passado, no Desporto Escolar.
  - B. Ninguém falou comigo embora eu tenha maltratado os outros colegas.
  - C. Os colegas de equipa.
  - D. O professor.
  - E. Os meus pais.
  - F. Os meus irmãos ou irmãs.
  - G. Os meus amigos.
  - H. Outras pessoas. Diz quem: \_\_\_\_\_
24. Na tua equipa do Desporto Escolar, viste atos de violência isolada (física, verbal ou psicológica)?  
Assinala uma resposta.
- A. Sim
  - B. Não

---

**MUITO OBRIGADO POR RESPONDERES A ESTE QUESTIONÁRIO.**

## Anexo F: Guião de entrevista semiestruturado (estudo 3)

## Guião de entrevista semiestruturada

Tema: Comportamentos de *bullying*

Objetivo: Identificar a prevalência de *bullying* de jovens no desporto.

Determinação dos blocos	N.º Perguntas/Tema	Objetivo	Perguntas/operacionalização	Referências
<b>Bloco A:</b> Condições e garantia de anonimato.	1. Informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Garantir a confidencialidade dos dados e o anonimato das entrevistas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Informo que somente o investigador, orientador e coorientadores, terão acesso aos resultados, no sentido da discussão científica e desenvolvimento de tese de doutoramento;</li> <li>Confirmando ter recebido consentimento/autorização desta entrevista assinado pelo seu encarregado de educação;</li> <li>Solicito a autorização para gravação da entrevista. Autoriza? (via ZOMM)</li> </ul>	Garantia de proteção de dados de acordo com a legislação em vigor: Lei n.º 58/2019
<b>Bloco B:</b> Dados acerca trajeto desportivo.	2. Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o trajeto desportivo e as motivações para prática do desporto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diz-me qual o teu percurso/experiências ou vivências como atleta federado?</li> <li>Quais foram as tuas motivações para seres atleta federado nesta modalidade?</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2008) (Stirling e Kerr 2013)
<b>Bloco C:</b> Dados sobre a temática.	3. Importância	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber a importância dada pelo entrevistado nesta temática.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>No percurso/experiências ou vivências como atleta federado, tiveste conhecimento/ouviste acerca do tema <i>bullying</i> no desporto?</li> </ul>	(Olweus 1997)
			<p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Qual o teu conceito sobre <i>bullying</i>?</li> <li>Achas importante que se fale, analise e se realizem estudos acerca do tema do <i>bullying</i>? <b>Se sim, porquê?</b></li> </ul>	(Smith e Monks 2008)
<b>Bloco D:</b> Dados sobre a vítima	4. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher memórias relativas à vitimização.</li> </ul>	Relativamente à tua experiência como atleta existiu(existiram) comportamento(s) agressivo(s), intencional(ais), provocador(es) e repetitivo(s) de um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s) perante ti? <b>(Opção 1 e Opção 2)</b>	(Olweus 1997) (Smith e Monks 2008)
	<p><b>Opção 1:</b> Em caso de resposta <b>afirmativa</b> à pergunta 4, seguir para pergunta 5 <b>Opção 2:</b> Em caso de resposta <b>negativa</b> à pergunta 4, seguir para pergunta 12</p>			
	5. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à frequência dos maus-tratos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Esse comportamento(s) agressivo(s), intencional(ais), provocador(es) e repetitivo(s) de um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s), ocorreu durante várias semanas na(s) época(s) desportiva(s)? Ou esporadicamente, algumas vezes por época(s) desportiva(s)?</li> </ul>	(Seixas 2005) (Melo e Duarte 2011)
	6. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas ao tipo de agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>De que forma foste agredido pelo(s) colega(s) ou ex-colega(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Consideras esse tipo de agressão o mais grave? <b>Se não</b>, qual o tipo de <i>bullying</i> (físico, verbal, social e <i>cyberbullying</i>) que consideras mais grave? <b>Justifica.</b></li> </ul>	(Costa et al. 2011) (Olweus 2010)
	7. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos locais da agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Onde foste agredido pelo(s) colega(s) ou ex-colega(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p>	(Sebastião 2009)



			<ul style="list-style-type: none"> <li>Sabes me dizer por que motivo ocorreu nesse(s) local/locais?</li> </ul>	(Ventura et al. 2019) (Nery et al. 2018)
	8. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos intervenientes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Foste agredido por um ou vários colegas*?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sabes identificar os motivos porque foste agredido?</li> <li>*E qual a razão de serem vários intervenientes?</li> </ul>	(Seixas 2005)
	9. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos sentimentos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sentiste medo, humilhado, zangado ou outro sentimento depois dos maus tratos?</li> </ul>	(Olweus 1997)
	10. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à comunicação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicaste alguém que estavas a ser vítima de <i>bullying</i>? (<b>Opção 3</b>)</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Se sim, a quem?</li> </ul>	
	<b>Opção 3:</b> Em caso de resposta <b>negativa</b> à pergunta 10, seguir para pergunta 12			
	11. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à comunicação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Depois da comunicação, os comportamentos de <i>bullying</i> foram positivos (baixaram) ou negativos (continuaram igual ou aumentaram)?</li> </ul>	
<b>Bloco E:</b> Dados sobre o observador	12. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à observação.</li> </ul>	<p>Ao longo do teu trajeto enquanto atleta, presenciaste algum comportamento(s) agressivo(s), intencional(ais), provocador(es) e repetitivo(s) de um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s) a outro colega(s)? (<b>Opção 4 e Opção 5</b>)</p>	(Neto e Aramis 2005)
	<b>Opção 4:</b> Em caso de resposta <b>afirmativa</b> à pergunta 12, seguir para pergunta 13 <b>Opção 5:</b> Em caso de resposta <b>negativa</b> à pergunta 12, seguir para pergunta 17			
	13. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à frequência dos maus-tratos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Esse(s) comportamento(s) agressivo(s), intencional(ais), provocador(es) e repetitivo(s)</li> </ul>	
			de um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s), a outros colega(s) foi durante várias semanas na época desportiva? Ou esporadicamente algumas vezes durante a época desportiva?	
	14. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas ao tipo de agressão e reação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qual foi a tua reação quando observaste um/vários colega(s) ou ex-colega(s) teu(s) ser agredido?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Perante a vítima, a tua reação foi de não intervenção (somente observar) ou foi de tentar ajudá-la? Se ocorreu esta, como é que a ajudaste?</li> <li>Perante o agressor, qual foi a tua reação? Justifica.</li> <li>O que aconteceu <i>a posteriori</i> perante essa reação relativamente à vítima e ao agressor?</li> </ul>	(Olweus 1997) (Olweus 2010)
	15. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos locais da agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em que local/locais se deram as agressões?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Consegues identificar as razões que originam episódios de <i>bullying</i> nesse(s) local/locais?</li> </ul>	(Sebastião 2009) (Ventura et al. 2019) (Nery et al. 2018)
	16. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações sobre as características físicas e psicológicas da vítima e agressor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como descreves as vítimas e agressores relativamente ao seu retrato físico (características físicas), personalidade, atitudes e comportamentos (características psicológicas)?</li> </ul>	(Olweus 1997) (Smith e Brain 2000) (Connell 2001)

				(Neto e Aramis 2005) (Melim e Pereira 2013)
<b>Bloco F:</b> Dados sobre o agressor	17. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher memórias relativas à agressão.</li> </ul>	Relativamente à tua experiência como atleta, existiu algum comportamento(s) agressivo(s), intencional(ais), provocador(es) e repetitivo(s) de ti perante um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s)? <b>(Opção 6 e Opção 7)</b>	(Olweus 1997)  (Smith e Monks 2008)
	<p><b>Opção 6:</b> Em caso de resposta <b>afirmativa</b> à pergunta 17, seguir para pergunta 18  <b>Opção 7:</b> Em caso de resposta <b>negativa</b> à pergunta 17, seguir para pergunta 24</p>			
	18. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas às razões e à frequência dos maus-tratos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quais as razões que te levaram a ter tais comportamentos?</li> <li>Com que frequência agrediste o(s) teu(s) colega(s) ou ex-colega(s) durante a(s) época(s) desportiva(s)?</li> </ul>	(Olweus 1997)
	19. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas ao tipo de agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>De que forma(s) agrediste o(s) teu(s) colega(s) ou ex-colega(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Consideras esse tipo de agressão, como o mais grave?</li> </ul>	(Olweus 2010)  (Matos e Gonçalves 2009)
20. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos locais da agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Onde agrediste o teu colega(s) ou ex-colega(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Porquê nesse(s) local/localis e não em outro(s)?</li> </ul>	(Sebastião 2009)  (Ventura et al. 2019)	
				(Nery et al. 2018)
	21. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos intervenientes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>No momento da agressão, estavas sozinho ou em grupo*?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Porque em grupo?</li> </ul>	(Seixas 2005)
	22. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos sentimentos face à agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O que sentiste ao agredires o teu(s) colega(s) ou ex-colega(s)?</li> </ul>	(Olweus 1997)
23. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à comunicação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicaste alguém que agrediste o(s) colega(s) ou que já agrediste ex-colega(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Se sim, a quem?</li> </ul>		
<b>Bloco G:</b> Prevenção e combate do <i>bullying</i> .	24. Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber a opinião dos atletas na prevenção ao <i>bullying</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Relativamente ao comportamento de <i>bullying</i> que identificaste, (vítima e/ou observador e/ou agressor), achas que esse comportamento deverá ser prevenido e combatido? Justifique</li> </ul>	
	25. Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber a opinião dos atletas na prevenção ao <i>bullying</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O que sugeres para que se possa prevenir e combater o <i>bullying</i> no desporto?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Que medidas poderiam ser tomadas?</li> <li>Por quem?</li> </ul>	
<b>Bloco H:</b> Agradecimento.	26. Informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Agradecimento pela entrevista, consolidação da garantia de confidencialidade dos dados e o anonimato das entrevistas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Agradeço a disponibilidade e sinceridade prestada nesta entrevista. Muito obrigado.</li> </ul>	

## Anexo G: Guião de entrevista semiestruturada (estudo 4)

## Guião de entrevista semiestruturada

**Tema:** Comportamentos de maus tratos na relação Atleta-Treinador

**Objetivo:** Identificar os maus tratos na relação Atleta-Treinador

Determinação dos blocos	N.º Perguntas/Tema	Objetivo	Perguntas/operacionalização	Referências
<b>Bloco A:</b> Condições e garantia de anonimato.	1. Informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Garantir a confidencialidade dos dados e o anonimato das entrevistas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Informo que somente o investigador, orientador e coorientadores, terão acesso aos resultados, no sentido da discussão científica e desenvolvimento de tese de doutoramento;</li> <li>Confirmando ter recebido consentimento/autorização desta entrevista assinado pelo seu encarregado de educação;</li> <li>Solicito a autorização para gravação da entrevista. Autoriza? (via ZOOM)</li> </ul>	Garantia de proteção de dados de acordo com a legislação em vigor: Lei n.º 58/2019
<b>Bloco B:</b> Dados acerca trajeto desportivo.	2. Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o trajeto desportivo e as motivações para prática do desporto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diz-me qual o teu percurso/experiências ou vivências como atleta federado?</li> <li>Quais foram as tuas motivações para seres atleta federado nesta modalidade?</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2008) (Stirling e Kerr 2013)
<b>Bloco C:</b> Dados sobre a temática.	3. Importância	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber a importância dada pelo entrevistado nesta temática.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>No percurso/experiências ou vivências como atleta federado, tiveste conhecimento/ouviste acerca dos maus tratos no desporto, por parte dos Treinadores aos Atletas?</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2010)
			<p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Qual o teu conceito sobre os maus tratos no desporto, por parte dos Treinadores aos Atletas?</li> <li>Achas importante que se fale, analise e se realizem estudos acerca do tema maus tratos no desporto, por parte dos Treinadores aos Atletas?</li> <li><b>Se sim, porquê?</b></li> </ul>	
<b>Bloco D:</b> Dados sobre a vítima de maus tratos	4. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher memórias relativas à vitimização.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Relativamente à tua experiência como atleta, existiu algum comportamento de maus tratos do teu treinador perante ti?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>É de um ex-treinador? (<b>Opção 1 e Opção 2</b>)</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2010)
	<p><b>Opção 1:</b> Em caso de resposta <b>afirmativa</b> à pergunta 4, seguir para pergunta 5  <b>Opção 2:</b> Em caso de resposta <b>negativa</b> à pergunta 4, seguir para pergunta 11</p>			
	5. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à frequência dos maus-tratos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os maus tratos do teu treinador ou ex-treinador perante ti, ocorreram durante várias semanas na(s) época(s) desportiva(s)? Ou esporadicamente, 1/2 vezes por época(s) desportiva(s)?</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2010) (Mahl e Raposo 2007)
6. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas ao tipo de maus tratos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qual o comportamento de maus tratos que o teu treinador ou ex-treinador teve perante ti?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sabes identificar as razões porque foste agredido?</li> <li>Consideras esse tipo de maus tratos o mais grave? <b>Se não</b>, qual o tipo de maus tratos (abuso sexual, abuso físico, negligência e abuso</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2008) (Stirling e Kerr 2010)	

			emocional) que consideras mais grave? <b>Justifica.</b>	
	7. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos locais da agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qual o local/locais em que o teu treinador ou ex-treinador teve comportamentos de maus tratos perante ti?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sabes me dizer por que motivo ocorreram nesse(s) local/locais?</li> </ul>	
	8. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos sentimentos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como te sentiste após esses maus tratos?</li> <li>Quais foram os teus sentimentos ou reações emocionais (medo, humilhado, zangado, revoltado etc) que tiveste após esses maus tratos?</li> </ul>	(Baker, Safai, e Fraser-Thomas 2014)
	9. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à comunicação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Após os maus tratos qual foi a tua reação perante o treinador? Reagiste, reclamaste, confrontaste-o? Nesse momento ou mais tarde? Porquê?</li> <li>Qual foi a reação dele? Houve mudança de comportamentos por parte dele?</li> <li>Ou pelo contrário tiveste uma atitude passiva? Porquê?</li> <li>Comunicaste ou apresentaste queixa/denúncia a alguma instituição (polícia, direção do clube etc) que estavas a ser vítima de maus tratos?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Se sim, a quem e qual foi a reação e que atitudes/medidas tomaram?</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Depois dessas atitudes, o que aconteceu ao treinador? Foi punido? Mudou os comportamentos perante ti?</li> </ul>	
	10. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações sobre as características de liderança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Relativamente aos maus tratos por parte do teu treinador ou ex-treinador, consideras que opta por uma liderança de <b>estilo democrático</b> (caracterizado pela participação e decisão em grupo), <b>autocrático</b> (caracterizado pela centralização da autoridade e do processo de decisão) ou <b>laissez-faire</b> (o líder deixa o grupo a seu próprio cargo)? <b>Justifica.</b></li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Achas que o estilo de liderança do treinador pode estar associado aos comportamentos de maus tratos perante ti?</li> </ul>	(Valvassori, Hernandez, e Vosser 2008)
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao longo do teu trajeto enquanto atleta, presenciaste comportamentos de maus tratos do teu treinador perante um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <p>E ex-treinador? (<b>Opção 3 e Opção 4</b>)</p>	(Junior e Vieira 2012)
Bloco E: Dados sobre o observador	11. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à observação.</li> </ul>	<p><b>Opção 3:</b> Em caso de resposta <b>afirmativa</b> à pergunta 11, seguir para pergunta 12</p> <p><b>Opção 5:</b> Em caso de resposta <b>negativa</b> à pergunta 11, seguir para pergunta 15</p>	
	12. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas à frequência dos maus-tratos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os maus tratos do teu treinador ou ex-treinador perante um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s), ocorreu durante várias semanas na(s) época(s) desportiva(s)? Ou esporadicamente, algumas vezes por época(s) desportiva(s)?</li> <li>Conheces as razões de ser desses maus tratos?</li> <li>Que tipos de maus tratos foram?</li> </ul>	(Stirling e Kerr 2010)  (Mahl e Raposo 2007)

			<ul style="list-style-type: none"> <li>Consideras esse tipo de maus tratos o mais grave? <b>Se não</b>, qual o tipo de maus tratos (abuso sexual, abuso físico, negligência e abuso emocional) que consideras mais grave? <b>Justifica.</b></li> </ul>	
	13. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações relativas aos locais da agressão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em que local/locais o teu treinador ou ex-treinador teve comportamentos de maus tratos perante um colega(s) ou ex-colega(s) teu(s)?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Sabes me dizer por que motivo ocorreu nesse(s) local/locais?</li> </ul>	
	14. Relato	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recolher informações sobre as características de liderança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Relativamente ao que observaste dos maus tratos por parte do teu treinador ou ex-treinador, consideras que opta por uma liderança de <b>estilo democrático</b> (caracterizado pela participação e decisão em grupo), <b>autocrático</b> (caracterizado pela centralização da autoridade e do processo de decisão) ou <b>laissez-faire</b> (o líder deixa o grupo a seu próprio cargo)? <b>Justifica.</b></li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Achas que o estilo de liderança do treinador pode estar associado aos comportamentos de maus tratos?</li> </ul>	(Valvassori, Hernandez, e Voser 2008)  (Junior e Vieira 2012)
<b>Bloco F:</b> Prevenção na relação Atleta-Treinador.	15. Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber a opinião dos atletas na prevenção de maus tratos no desporto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O que se poderia fazer de modo a prevenir-se e combater-se os maus tratos no desporto, por parte dos Treinadores aos Atletas?</li> </ul> <p><b>Perguntas de acompanhamento:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Que medidas poderiam ser tomadas?</li> <li>Por quem?</li> </ul>	
<b>Bloco G:</b> Agradecimento.	16. Informação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Agradecimento pela entrevista, consolidação da garantia de confidencialidade dos dados e o anonimato das entrevistas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Agradeço a disponibilidade e sinceridade prestada nesta entrevista. Muito obrigado.</li> </ul>	